



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

DIEGO MINUCELLI GARCIA

**MUDANÇA CONSTRUCIONAL DE *NA HORA QUE*: UMA
ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL**

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2017**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

DIEGO MINUCELLI GARCIA

**MUDANÇA CONSTRUCIONAL DE *NA HORA QUE*: UMA
ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa

Área de pesquisa: Análise Linguística

Linha de pesquisa: Variação e mudança linguística

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2017**

Garcia, Diego Minucelli.

Mudança construcional de na hora que : uma abordagem cognitivo-funcional / Diego Minucelli Garcia. -- São José do Rio Preto, 2017
123 f. : il., tabs.

Orientador: Gisele Cássia de Sousa

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística) 3. Língua portuguesa - Gramaticalização. 4. Construcionalização. 5. Língua portuguesa - Construções temporais. 6. Língua portuguesa - Variação. 7. Língua portuguesa - Português falado - São José do Rio Preto, Região de (SP)
I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

DIEGO MINUCELLI GARCIA

**MUDANÇA CONSTRUCIONAL DE NA *HORA QUE*: UMA
ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa – Orientadora
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglío-Hattnher
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck
(FCLAR/UNESP – Araraquara)

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
07 de junho de 2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Deus* pela sabedoria em assimilar todo o conhecimento que adquiri e pela sabedoria em organizar meu tempo, possibilitando que eu trabalhasse em meu emprego fixo e desenvolvesse esta pesquisa simultaneamente, sem que houvesse prejuízo no desempenho das duas atividades. Não há como negar que seu amor é soberano e imerecido.

Agradeço a *minha família*, cuja existência é minha base: aos *meus pais Fred e Tereza*, que, muitas vezes poupados de alguns problemas, viam preocupações estampadas em meu rosto e não deixavam de orar por mim; ao *meu irmão Tiago*, meu melhor amigo, a quem sempre pude recorrer nos momentos difíceis; a *minha cunhada Daiane*, que, indiretamente, possibilitou-me conversas reflexivas sobre a pesquisa; e aos meus *meninhos Odie, Garfield e Olaf*, cujo alento foi imprescindível em momentos de angústia intelectual.

Aos *colegas da STDARH do Ibilce*, agradeço pelo apoio que me cederam. Cito especialmente três deles: *Dagoberto*, meu Supervisor, que não mediu esforços para ajudar na conciliação de meu trabalho com minha pesquisa; *Beth*, que sempre se preocupou comigo e me incentivou; e *Sônia*, que me honrou com conselhos sábios e prudentes, assim como se espera de uma verdadeira amizade.

Agradeço, também, ao *Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza* e à *Profa. Dra. Marize Mattos Dall'Aglio Hattner*, com quem tive a honra de compartilhar esta pesquisa, em versão prévia, durante a banca de Qualificação de Mestrado. A cuidadosa leitura e as contribuições feitas foram extremamente importantes para a finalização deste trabalho. Agradeço, ainda, à *Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck*, que debateu a apresentação desta pesquisa por dois anos seguidos no *Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp* (Selin); espero ter atendido a todos os comentários e sugestões feitos com tanta simpatia.

Por fim e com especial consideração, agradeço a minha *orientadora Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa* por ter assumido esta orientação quando ingressei no Mestrado. Tantos foram os ensinamentos de linguística, quanto os momentos agradáveis que passamos juntos. Ter tido a oportunidade de trabalhar ao seu lado e observar com atenção a resolução de questões muitas vezes incompreensíveis a mim, despertou um desejo ainda maior de prosseguir com a pesquisa acadêmica. Agradeço por sua paciência, dedicação e comprometimento em me manter sempre norteado nos objetivos centrais que propusemos.

“Eu secava no quarto e, fazendo uma volta, aproximei-me do divã e não podia me lembrar se o havia secado ou não. Como estes movimentos são habituais e inconscientes, não me lembrava e sentia que já era impossível fazê-lo. Então, se sequei e me esqueci, isto é, se agi inconscientemente, era exatamente como se não o tivesse feito. Se alguém conscientemente me tivesse visto, poder-se-ia reconstituir o gesto. Mas se ninguém o viu ou se o viu inconscientemente, se toda a vida complexa de muita gente se desenrola inconscientemente, então é como se esta vida não tivesse sido”.

(Nota do diário de Leon Tolstoi de 28 de fevereiro, 1897 apud CHKLOVSKI, 1917, p. 44)

RESUMO

A partir de uma abordagem cognitivo-funcional, baseada principalmente em Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Bybee (2003, 2010), Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013), investiga-se neste trabalho, em uma perspectiva sincrônica, a mudança construcional e o funcionamento da locução conjuntiva *((n)a hora (em) que* como introdutora de orações hipotéticas temporais em português. Os dados da pesquisa foram extraídos do Banco de dados Iboruna, representativo da fala da região Noroeste paulista. Para este estudo, a base teórica é o modelo da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), que reconhece que a forma básica de uma estrutura sintática é uma *construção*, formada por um pareamento de forma e de função, essa última entendida em termos semânticos e pragmático-discursivos (CROFT, 2001). As hipóteses que orientam as análises feitas são as de que: i) em termos semânticos e morfossintáticos, *((n)a hora (em) que* seguiria o padrão das orações temporais prototípicas, marcadas por *quando*; ii) no português atual, *((n)a hora (em) que* estaria em processo de mudança construcional, que se verificaria principalmente por variação, tanto formal quanto funcional, ligada à construção; e iii) as diferentes formas de *((n)a hora (em) que* (*na hora em que, na hora que, a hora que, hora que*) refletiriam diferentes graus de mudança construcional da locução. Os resultados demonstram que a construção de fato se encontra em processo de mudança construcional, revelado por diferentes graus de produtividade, esquematicidade e composicionalidade da forma (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A partir de comparação com dados da conjunção *quando*, verifica-se que *((n)a hora (em) que* apresenta as mesmas propriedades constitutivas do conectivo temporal prototípico, comportamento que sustenta sua inclusão no sistema gramatical português como conectivo introdutor de espaços mentais temporais (FAUCONNIER, 1994, 2007). No entanto, a locução conjuntiva também apresenta diferenças em relação à *quando*, como a maior frequência de uso para introduzir eventos pontuais e eventos em textos do tipo relato de procedimento. Esses resultados indicam que *((n)a hora (em) que* exibe um grau de especialização que justifica a preferência dos falantes pela locução conjuntiva, em vez de *quando*. Além disso, na análise das formas alternantes da construção, os resultados indicam comportamento distinto de *hora que* em relação às outras formas, o que leva a considerar que essa forma, com apagamento da preposição *em* e do determinante *a*, se encontra em um estágio mais avançado do processo de mudança construcional do que as outras formas da construção. Com base nos resultados obtidos, propõe-se uma hierarquia construcional de *((n)a hora (em) que*, que tem como macroconstrução o esquema [*N_{circunstancial} que*], forma abstrata mais genérica cuja instância intermediária, na condição de mesoconstrução, é [*(prep) (art) N_{temporal} (prep) que*].

Palavras-chave: Conjunções temporais. Abordagem cognitivo-funcional. Mudança construcional. Construcionalização. Gramaticalização.

ABSTRACT

From the cognitive-functional approach, based mainly on Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Bybee (2003, 2010), Traugott (2012) and Traugott and Trousdale (2013), this research investigates, in a synchronic perspective, the constructional change and the functioning of conjunctive phrase *((n)a hora (em) que* as an introducer of temporal hypotaxis clauses in Portuguese. The data of the research were extracted from the Iboruna database, representative of the speech of the Northwest region of the São Paulo state. For this study, the theoretical basis is the Construction Grammar model (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), which recognizes that the basic form of a syntactic structure is a *construction*, formed by a pairing of form and meaning, the latter understood in semantic and pragmatic-discursive terms (CROFT, 2001). The hypotheses that guide the analysis in this dissertation are: i) in semantic and morphosyntactic terms, *((n)a hora (em) que* follows the pattern of prototypical temporal sentences, marked by *quando*; ii) in current Portuguese, *((n)a hora (em) que* is in process of constructional change, which is verified mainly by variation related to the construction, both formal and functional ; iii) the different forms of *((n)a hora (em) que* (*na hora em que*, *na hora que*, *a hora que*, *hora que*) reflect different degrees of constructional change of the phrase. Indeed the results show that the construction is in process of constructional change, revealed by different degrees of productivity, schematicity, and compositionality (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). From the comparison with the data of conjunction *quando*, it is verified that conjunctive phrase *((n)a hora (em) que* has the same properties of the prototypical temporal connective, a behavior that corroborates its inclusion in the Portuguese grammatical system as a connective introducer of temporal mental spaces (FAUCONNIER, 1994, 2007). However, the conjunctive phrase also presents differences in relation to *quando*, as high frequency of use to introduce punctual events in texts of the type of procedures report. These results indicate that the construction *((n)a hora (em) que* presents a degree of specialization that justifies the preference of the speakers for this phrase, instead of *quando*. Moreover, in the analysis of the forms of construction, the results indicate a different behavior of *na hora que* in comparison to the other forms of the phrase, which leads us to consider that this form, with omission of preposition *em* and the determinant *a*, is at a more advanced stage of the constructional change process than other forms of the construction. Based on the results, a constructional hierarchy of *((n)a hora (em) que* is proposed, having the scheme [*N_{circunstancial} que*] as macroconstruction, the abstract form more generic whose intermediate instance, in the condition of mesoconstruction, is [*(prep) (art) N_{temporal} (prep) que*].

Keywords: Temporal conjunctions. Cognitive-functional approach. Constructional change. Constructionalization. Grammaticalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Continuum</i> de gramaticalização de orações (HOPPER, TRAUGOTT, 2003, p. 209)	23
Figura 2: Modelo de representação simbólica da construção (CROFT, 2001, p. 18)	27
Figura 3: Representação simbólica de acordo com a Gramática de Construções (CROFT, 2001, p. 20)	28
Figura 4: <i>Continuum</i> da mudança linguística dos modificadores de grau em inglês (TRAUGOTT, 2008, p. 235)	37
Figura 5: <i>Cline</i> da composicionalidade das formas de <i>na hora que</i>	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de contextos em gramaticalização (DIEWALD, 2006, p. 4)	46
Quadro 2: Sequência dos itens <i>hora que</i>	74
Quadro 3: Fatores de <i>na hora em que</i>	96
Quadro 4: Níveis hierárquicos da construção <i>na hora que</i>	110
Quadro 5: Comparação entre a locução conjuntiva <i>na hora que</i> e a conjunção <i>quando</i> ..	113
Quadro 6: Comparação entre as formas de <i>na hora que</i>	114
Quadro 7: Pareamento de forma-função de <i>na hora que</i>	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Posição da oração introduzida pelos conectivos em relação à oração principal	78
Tabela 2: Correferência entre o sujeito da oração nuclear e o da hipotática	81
Tabela 3: Correlação modo-temporal entre a oração hipotática e a nuclear	82
Tabela 4: Valor circunstancial dos conectivos	85
Tabela 5: Localização temporal do evento da oração hipotática	87
Tabela 6: Pontualidade do evento da oração hipotática	89
Tabela 7: Tipo de texto	91
Tabela 8: Posição da oração introduzida pelas formas de <i>na hora que</i>	97
Tabela 9: Correferência entre os sujeitos das orações hipotática e nuclear	99
Tabela 10: Correlação modo-temporal nas diferentes formas da construção	101
Tabela 11: Valor circunstancial da oração introduzida pela construção	102
Tabela 12: Localização temporal do evento introduzido pelas formas de <i>na hora que</i>	104
Tabela 13: Pontualidade do evento introduzido pelas diferentes formas	106
Tabela 14: Tipo de texto em que as diferentes formas da construção ocorrem	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 Estudos sobre orações temporais na perspectiva da mudança linguística	19
1.2 Gramática de Construções e Construcionalização	26
1.2.1 Mudança linguística na abordagem da Gramática de Construções	34
1.2.1.1 Relações contextuais	44
1.2.2 Construcionalização e Gramaticalização	48
2 CORPUS E METODOLOGIA	54
2.1 <i>Corpus</i> da pesquisa	54
2.2 Metodologia da pesquisa	55
2.2.1 Fatores para a análise de propriedades formais	56
2.2.2 Fatores para a análise de propriedades funcionais	60
3 ANÁLISE DE DADOS	67
3.1 O estatuto de locução conjuntiva temporal de <i>na hora que</i>	68
3.2 A locução conjuntiva <i>na hora que</i> e a conjunção <i>quando</i>	77
3.2.1 Posição da oração temporal em relação à principal	78
3.2.2 Correferência entre os sujeitos nas orações	80
3.2.3 Correlação modo-temporal das orações	82
3.2.4 Valor circunstancial da oração	84
3.2.5 Localização temporal dos eventos	87
3.2.6 Pontualidade do evento	89
3.2.7 Tipo de texto em que a oração ocorre	91
3.2.8 Síntese dos resultados	94
3.3 Comparação entre as formas de <i>na hora que</i> : esquematicidade, composicionalidade e produtividade da construção	95
3.3.1 Posição da oração introduzida pela construção	97
3.3.2 Correferência entre os sujeitos das orações	98

3.3.3 Correlação modo-temporal nas diferentes formas da construção	100
3.3.4 Valor circunstancial da oração introduzida pelas formas de <i>na hora que</i>	101
3.3.5 Localização temporal do evento introduzido pelas formas de <i>na hora que</i>	103
3.3.6 Pontualidade dos eventos	105
3.3.7 Tipo de texto em que as alternantes ocorrem	106
3.3.8 Síntese dos resultados	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar quantitativa e qualitativamente a forma *((n)a hora (em) que*, com o propósito de averiguar seu estatuto de locução conjuntiva temporal integrante da classe de conectivos temporais, ao lado de outros conectivos desse tipo presentes na língua portuguesa, como a conjunção *quando*.

As conjunções introdutoras de orações adverbiais do português funcionam de modo a permitir que se estabeleçam, entre orações, conexões indicativas de diferentes relações de sentido, como relações de tempo, de causa, de condição, etc. Halliday e Hasan (1976), a partir de uma visão funcional da língua, afirmam que as conjunções são itens coesivos por natureza, por expressarem significados específicos que relacionam a sentença seguinte à sentença anterior. Essa mesma concepção de que os conectivos são elementos responsáveis pelas relações de sentido que ocorrem dentro do texto, transformando-o em uma unidade coesa, é defendida por Marcuschi (1983). Segundo o autor, são os mecanismos formais da língua que possibilitam a existência dessas relações de sentido. Encontra-se, assim, disponível no sistema linguístico uma grande variedade de conectivos que servem à ligação de sentido necessária entre as orações, mantendo, dessa forma, a coerência que um enunciado exige.

Sob a perspectiva da gramática tradicional, Cunha e Cintra (2008) elencam alguns dos principais conectivos utilizados na língua portuguesa, que são: “quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal que [= desde que]” (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 601). Além desses, porém, outras formas se encontram em português, e uma delas, a unidade linguística *((n)a hora (em) que*, tem apresentado características que permitem interpretá-la como locução conjuntiva introdutora de orações temporais, embora claramente ainda não reconhecida como tal em gramáticas mais tradicionais do português, a exemplo de Cunha e Cintra (2008).

Para ilustrar o uso de *((n)a hora (em) que* em contextos temporais, encontram-se abaixo ocorrências que pertencem aos dados desta pesquisa nas quais esta unidade linguística aparece com quatro formas distintas: *na hora em que*, *na hora que*, *a hora que*, *hora que*. Em cada uma das ocorrências, pode-se interpretar a relação de sentido existente entre as orações em itálico como uma relação temporal:

- (01) geralmente dá quinze panquecas... doze a quinze panquecas... uma ao lado da o(u)tra como a gente gosta de fazê(r)... e coloco no forno com que(i)jo... derretê(r)... [Doc.: ai que ruim] e... meu marido gosta muito de queijo ralado então o dele tá sempre lá do lado como eu num gosto muito... *na hora em que ele vai por o molho vermelho por cima ele já... joga o que(i)jo ralado... e é só comê(r)* (IBORUNA-AC-080)
- (02) você pega a goiabada você derrete um pedaço dela... com um po(u)co de água... *na hora que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada* (IBORUNA-AC-106)
- (03) aí eu eu sempre de(i)xo num estacionamento d'um:: supermercado o:: meu carro aí eu desço a pé até o banco... e:: era umas três:: e quinze três e meia da tarde... éh:: eu fui dá(r) uma/ eu de(i)xei ele saí fui po banco... *a hora que eu tava manobran(d)o... manobran(d)o o carro pra estacioná(r)... éh:: três pessoas... abriram a porta do meu carro... éh:: um do meu LAdo do lado do passage(i)ro e entrô(u) mais dois atrás e colocô(u) um revólver na minha cabeça... e::... aí:: assim mandô(u) ficá(r) quieto* (IBORUNA-AC-077)
- (04) Ela arremessô(u) a faca eu num senti NADA num doeu NADA NADA NADA... *hora que eu vi tava jorran(d)o sangue... acho que POR DEUS que tinha uma toalha de banho (ela apertô(u)) (inint.) e (saímos) pro postinho* (IBORUNA-AC-027)

Esses usos de *((n)a hora (em) que* indicam que sua formação e seu funcionamento atual no português podem ter resultado de um processo de mudança linguística, que teria transformado em locução conjuntiva o sintagma preposicionado [*na hora*] modificado por uma oração relativa iniciada pelo pronome *que*, fazendo com que essa nova locução conjuntiva ingressasse no sistema gramatical junto dos conectivos temporais. Essa hipótese, no entanto, exigiria um estudo diacrônico e, portanto, não será alvo desta pesquisa, cuja perspectiva é sincrônica.

Com o objetivo de investigar o estatuto de locução conjuntiva de *((n)a hora (em) que*, analisando seu comportamento em dados sincrônicos de uma variedade do português falado atual, esta pesquisa utiliza como aparato teórico a abordagem cognitivo-funcional, baseada

principalmente em Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Bybee (2003, 2010), Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013).

De acordo com a proposta de Traugott e Trousdale (2013), uma construção está sujeita a dois tipos de mudança linguística. O primeiro deles é a mudança construcional, que ocorre quando não há a criação de uma nova construção. Por meio de uma sequência de micropassos, a mudança construcional pode resultar em um segundo tipo de mudança chamado construcionalização, processo em que há a criação de uma nova construção no sistema gramatical. Segundo os autores, o estudo da construcionalização de um item exige um acompanhamento global de seu desenvolvimento, o que sugere que esse processo ocorra em uma perspectiva diacrônica, ao longo de uma sucessão de mudanças sincrônicas. No entanto, os autores afirmam que a construcionalização também pode desencadear mudanças construcionais, as quais ocorreriam posteriormente à construcionalização:

Mudanças construcionais que podem ser hipotetizadas pelo analista para preceder e permitir ou “nutrir” a construcionalização tipicamente envolvem expansão de pragmática, semanticização dessa pragmática, incompatibilidade entre forma e significado e algumas pequenas mudanças de distribuição. Chamamos de “pré-construcionalização das mudanças construcionais” (PreCxzn CCs, abreviado). Por sua vez, a construcionalização pode nutrir mais mudanças construcionais. Essas “pós-construcionalização das mudanças construcionais” (PostCxzn CCs, abreviado) tipicamente envolvem a expansão de colocação e podem também envolver redução morfológica e fonológica¹ (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 27).

Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013) afirmam que, durante a construcionalização, ocorrem alterações nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções.

¹ Constructional changes that can be hypothesized by the analyst to precede and enable or ‘feed’ constructionalization typically involve expansion of pragmatics, semanticization of that pragmatics, mismatch between form and meaning, and some small distributional changes. We call the “pre-constructionalization constructional changes” (PreCxzn CCs for short). In turn, constructionalization may feed further constructional changes. Such “post-constructionalization constructional changes” (PostCxzn CCs for short) typically involve expansion of collocation, and may also involve morphological and phonological reduction (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 27).

A esquematicidade das construções diz respeito a graus de abstração e generalização das formas em processo de mudança.

No tocante à produtividade, Traugott e Trousdale (2013) consideram que se trata de um fator ligado às frequências *type* e *token* (BYBEE, 2003). Bybee (2003), ao tratar das frequências *type* e *token*, afirma que o surgimento de novas formas da construção está intimamente ligado ao resultado do processo de mudança e também favorece o desenvolvimento do processo de construcionalização.

Já a composicionalidade, para Traugott e Trousdale (2013), é um fator ligado à transparência entre a forma e a função da construção. Se uma construção tem maior grau de composicionalidade, um falante compreende o significado dos itens da construção individualmente, o que não ocorre se a construção tiver uma composicionalidade menor. Nesse caso, o falante compreenderá apenas o significado global da construção.

Baseado nesses conceitos, duas perguntas de pesquisa norteiam o desenvolvimento deste trabalho:

- 1) Considerando que *((n)a hora (em) que* se caracteriza como uma construção, quais são as propriedades formais (sintáticas, morfológicas, fonológicas) e funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) que a caracterizam e a distinguem da conjunção temporal prototípica *quando*?
- 2) Como se dá, para a locução em estudo, o processo de construcionalização, entendido nos termos de Traugott (2012) como um processo de criação de novos signos por meio de reanálises sequenciais de forma e significado, acompanhadas por mudanças no grau de *esquematicidade, produtividade e composicionalidade* das formas?

A hipótese que rege a primeira questão é de que a construção *((n)a hora (em) que* seja formada por um pareamento de forma-função (CROFT, 2001) composto por propriedades morfológicas, propriedades sintáticas, propriedades semânticas e propriedades pragmático-discursivas que, de modo geral, assemelham-se às propriedades que caracterizam a conjunção *quando*.

Para a segunda questão, a hipótese é de que o processo de construcionalização da

locução *((n)a hora (em) que* já teria começado a se instaurar anteriormente à mudança analisada nesta pesquisa, desencadeando mudanças nos componentes internos da locução. Nesse sentido, supõe-se que a construcionalização de *((n)a hora (em) que* ocorra por meio do aumento gradual das propriedades *esquematicidade* e *produtividade* e por meio da diminuição da propriedade *composicionalidade*, gradações que poderão ser captadas com a investigação empreendida nesta pesquisa. Assim, em termos de mudança construcional pós-construcionalização, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), além das mudanças de esquematicidade, produtividade e composicionalidade da construção, supõe-se que haja uma especialização de uso das formas alternantes da locução, que são *na hora em que, na hora que, a hora que* e *hora que*.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a abordagem cognitivo-funcional, que é a perspectiva mais ampla em que esta pesquisa se insere. Nessa parte, estão presentes importantes conceitos relacionados à Gramática de Construções, como a definição de construção e de redes construcionais, conceitos utilizados nas análises realizadas neste trabalho.

O segundo capítulo contém a descrição da metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Apresentam-se o banco de dados utilizado para a constituição do *corpus* da pesquisa e os fatores empregados na análise dos dados.

As análises dos dados coletados são realizadas no terceiro capítulo, momento no qual são feitas as discussões em torno dos resultados obtidos com a quantificação dos dados. No entanto, antes da análise de dados, que ocorre nas seções 3.2 e 3.3, discute-se, na seção 3.1, o estatuto de locução conjuntiva de *((n)a hora (em) que*, com uma análise específica de sua composicionalidade.

Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa realizada. São feitas recapitulações sobre os principais resultados obtidos a partir da análise dos dados,

possibilitando a esquematização de um quadro resumo com as propriedades construcionais constitutivas de *((n)a hora (em) que*. Além disso, nessas recapitulações dos resultados, são apresentadas as principais propriedades concernentes à esquematicidade, à produtividade e à composicionalidade que vêm se estabelecendo para a construção em estudo.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, busca-se apresentar e discutir conceitos teóricos básicos que estão presentes no desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, o capítulo está dividido em duas seções. Na primeira, apresenta-se um panorama de estudos anteriores sobre orações temporais do português, com o propósito de situar o objeto de análise desta pesquisa. Sintetizam-se nessa seção alguns estudos sobre orações temporais que foram analisados com base na perspectiva da mudança linguística, foco desta pesquisa. Feita a contextualização do objeto de análise, passa-se a apresentar, na segunda seção do capítulo, os conceitos relacionados à Gramática de Construções e à Construcionalização, que servirão de base para análise dos dados, no terceiro capítulo.

1.1 Estudos sobre orações temporais na perspectiva da mudança linguística

Muitas pesquisas sobre mudança linguística têm sido feitas, tanto no Brasil quanto no exterior, baseadas em abordagens funcionalistas, e vários estudos sob essa perspectiva demonstram que os advérbios e locuções adverbiais são alvos constantes de mudança gramatical. Entre esses estudos, apenas para citar alguns, estão as pesquisas de Hopper e Traugott (1993), Lima-Hernandes (1998, 2000, 2004), Braga (1999a, b, 2001a, b), Sousa e Renck (2011), Oliveira (2012, 2013).

Com base na abordagem funcionalista, esses estudos têm se fundamentado principalmente no processo de *gramaticalização*. Apesar de as primeiras pesquisas sobre esse processo serem identificadas no século X na China, segundo Gonçalves *et al.* (2007), Meillet foi o primeiro a utilizar esse termo, ao se referir à “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” (MEILLET, 1912, p. 131, *apud* GONÇALVES, 2007, p. 19-

20). Posteriormente, com Hopper e Traugott (1993 [2003]), a partir de Kuryłowicz (1965), a gramaticalização foi considerada como um fenômeno que estuda o processo de mudança linguística por meio do qual itens lexicais ou itens menos gramaticais passam por mudanças de sentido e de categoria, tornando-se construções gramaticais ou mais gramaticais em determinados contextos linguísticos.

Conforme mencionado, nas últimas décadas, várias pesquisas sobre mudança linguística seguindo esse viés da gramaticalização em perspectiva funcionalista foram realizadas no Brasil. Ao tratar das orações temporais no português falado culto, Braga (1999), por exemplo, se volta ao modo de combinação das orações temporais, mostrando, com base em Traugott (1993), que também há a possibilidade de essa combinação ser descrita nos termos da gramaticalização, aplicada aos graus de dependência sintático-semântica entre as orações. Braga observa que, segundo alguns gramáticos mais tradicionais, as orações de tempo se encontrariam entre as subordinadas, por possuírem propriedades características dessas orações, como o modo de articulação com a oração principal. No entanto, a autora afirma que Matthiessen e Thompson (1988) criticam essa classificação, argumentando que as subordinadas adverbiais não se comportam como um constituinte da oração (um advérbio ou um adjunto da oração principal).

Como alternativa a essa classificação, Matthiessen e Thompson seguem a terminologia de Halliday (1985), que classifica as orações segundo o grau e o modo de interdependência que exibem, de que resulta a classificação das orações adverbiais como hipotáticas ou paratáticas. Abaixo, no exemplo (05), é possível observar uma oração temporal paratática, apresentada em Halliday (1985) e citada por Braga (1999):

(05) || Siga o mapa através das ruas secundárias dos subúrbios de Lower North Shore de Sydney, || passe o zoológico no cerrado virgem de Ashton Park, || então pague o táxi || *quando* a estrada alcança as antigas fortificações na Bradley's Head.² (HALLIDAY, 1985, p. 441)³

² Follow the map through the back streets of Sydney's Lower North Shore suburbs, || pass the Zoo into the virgin bushland of Ashton Park, || then pay off the cab driver || *when* the road reaches the old fortifications at Bradley's Head (HALLIDAY, 1985, p. 441)

De acordo com Halliday (1985), parataxe é a relação entre dois elementos de natureza *igual*, de um modo que os dois são livres (a gramática tradicional classifica esta relação como coordenação). Já hipotaxe é definida como a relação entre dois elementos de natureza *desigual*, ou seja, um elemento é dominante e livre (tradicionalmente chamado de oração principal) e o outro elemento é dependente (oração subordinada).

No exemplo em (05), a oração que possui a conjunção *quando* é uma oração livre, assim como a oração anterior (*[então pegue o táxi]*). Não há uma relação de dependência entre elas; há, apenas, uma relação temporal, que não impede que as orações sejam elementos livres na sentença, isto é, cada uma das orações existe na sentença independentemente da outra: por serem livres, a relação entre elas é caracterizada como uma relação paratática.

Baseada na concepção de que as adverbiais temporais do português funcionam majoritariamente como hipotáticas, Braga (1999) apresenta algumas propriedades dessas orações. A autora afirma, inicialmente, que, apesar de *quando* ser o principal introdutor de orações adverbiais temporais, em suas pesquisas ela encontrou vários outros introdutores, focalizando, porém, nesse estudo de 1999, apenas as formas *logo que* e *enquanto*. O uso desses conectivos, segundo a autora, é motivado pela necessidade de precisar informações, uma vez que *quando* pode não transmitir a intenção real do falante: *logo que* indicaria existir uma proximidade temporal muito grande entre os dois eventos, e *enquanto* remeteria à duração mais longa e simultânea do estado-de-coisas. Nesse estudo, a autora não faz menção a orações iniciadas por *na hora que*.

Em Braga, Paiva e Pereira (2010), as autoras retomam a relação da oração temporal funcionando como uma oração hipotática ao analisarem o esquema $(prep^1) + (det) + N + (prep^2) + que$, que se relaciona diretamente com o objeto desta pesquisa. Segundo as autoras, esse esquema é passível de uma leitura ambígua: i) em uma primeira leitura, *que* seria visto

³ As traduções de língua inglesa que constam nesta dissertação são todas de minha autoria.

como um pronome relativo e introduziria uma oração subordinada adjetiva; ii) em uma segunda leitura, o esquema seria visto como um todo, o que equivaleria a uma locução conjuntiva introdutora de uma oração hipotática. Braga, Paiva e Pereira (2010) reconhecem nessa possibilidade de leitura ambígua a pré-condição que teria favorecido a gramaticalização do esquema $(prep^1) + (det) + N + (prep^2) + que$. Abaixo estão exemplos com os nomes *hora* e *época*, oferecidos pelas autoras:

- (06) F- Ah! Elas Cozinham tudo bem.
E- Ah é?
F- Quer dizer, elas não cozinham, porque eu estou aqui, não é? Mas elas sabem cozinhar. A *hora que* eu não puder, elas fazem, não é? Tem uma então que gosta de fazer bolo, (gosta)-essa então lá da Ilha adora fazer as coisas. (Fal. 35 – Amostra Censo 80) (BRAGA, PAIVA, PEREIRA, 2010, p. 177)
- (07) *Na época que* eu dançava, eu saía mais... (Fal. 22 – Amostra Censo 2000) (BRAGA, PAIVA, PEREIRA, 2010, p. 178)

A partir de uma análise diacrônica, as autoras mostram que a realização do esquema acima já estava presente no século XV sob a forma *em qualquer hora que*, como mostra o exemplo abaixo:

- (08) Tomou ergo Deus o homem do lugar hu fora formado, e pose-o no paraíso, que obrasse em ele nom trabalhando, mas deleitando-se, e tomando prazer, e que o guardasse. E mandou-lhe Deus, e disse: de todo lenho do paraíso come, mas nom comeras do lenho da sciência do bem e do mal, ca *em qualquer hora que* o comeres, morte morrerás (séc. XV, Bíblia Medieval *apud* BRAGA, PAIVA e PEREIRA, 2010, p. 178).

Além disso, as autoras apresentam uma análise comparativa entre orações marcadas por esse esquema conjuncional e orações com o conectivo *quando*, que possui os parâmetros básicos utilizados na introdução de orações hipotáticas de tempo, para confirmar a mudança linguística no esquema que estaria, então, introduzindo orações temporais. Esses parâmetros são: forma de expressão do sujeito na oração introduzida pelo esquema conjuncional, correferencialidade entre os sujeitos da oração introduzida pelo esquema e o da oração nuclear, correlação modo-temporal entre as orações e posição das orações temporais face à sua oração nuclear.

Com a análise baseada nesses parâmetros, Braga, Paiva e Pereira (2010) concluem que a construção $(prep^1) + (det) + N + (prep^2) + que$ tende a exibir um comportamento similar ao dos conectivos introdutores de hipotáticas temporais prototípicas⁴.

Outros estudos relacionados às orações temporais têm sido feitos sobre o português, envolvendo variação e mudança linguística, principalmente a *gramaticalização*, como o de Lima-Hernandes (2004) que, assim como Braga (1999), discute o grau de gramaticalização na combinação morfossintática das construções com orações de tempo. Com base também nas propostas de Halliday (1985) e de Matthiessen e Thompson (1988), Lima-Hernandes investigou, a partir de Hopper e Traugott (2003), os processos de articulação em que as orações se combinam: parataxe, hipotaxe e encaixamento. A respeito desses processos, Hopper e Traugott (2003) traçam um *continuum* de gramaticalização de orações que vai das orações menos para as mais encaixadas:

parataxe > hipotaxe > subordinação

Figura 1: *Continuum* de gramaticalização de orações (HOPPER, TRAUGOTT, 2003, p. 209)

Como explicitado anteriormente, esses processos se diferem de acordo com o grau de dependência que existe entre cada oração. Assim, nas relações paratáticas, há interdependência relativa. Já na relação hipotática, ocorre, de fato, uma relação de interdependência entre as orações: há uma oração nuclear e uma oração hipotática que se liga a esse núcleo (oração margem). Por fim, quanto à subordinação, a relação entre as orações é de dependência, portanto a oração margem passa a ser um constituinte da oração núcleo.

Seguindo o *continuum* de gramaticalização de orações proposto por Hopper e Traugott (2003), Lima-Hernandes conclui que as orações temporais paratáticas, como em (09), se apresentariam em um estágio de gramaticalização menor do que as hipotáticas e que as

⁴ Para a análise dos dados desta pesquisa, também serão utilizados parâmetros comparativos entre a locução conjuntiva $((n)a\ hora\ (em)\ que)$ e a conjunção prototípica temporal *quando*, os quais serão apresentados oportunamente no capítulo de Metodologia.

temporais hipotáticas, exemplificadas em (10), funcionariam como uma estrutura intermediária entre as paratáticas e as encaixadas. Já as orações encaixadas, como no exemplo (11), apresentariam um maior grau de gramaticalização, pois *a hora que* é interpretada como uma locução, o que faz com que haja um alto grau de integração entre seus elementos.

- (09) *aí eu estava jogando bola*, ele me chamou para mim ir (pop90, Lima-Hernandes, 2004, p. 187)
- (10) fica todo mundo pacato, *vendo aquele filme* que aparece de Natal (peul53, Lima-Hernandes, 2004, p. 188)
- (11) *a hora que eles chega...* aí eles roba (pop20, Lima-Hernandes, 2004, 190)

Para provar que *a hora que* é uma locução, a autora propõe uma pergunta ao exemplo dado em (11): “Quando eles roubam?”:

- (11a) Quando eles roubam? A hora que eles chegam (Lima-Hernandes, 2004, 190)
- (11b) Quando eles roubam? *A hora (Lima-Hernandes, 2004, 190)

Conforme afirma Lima-Hernandes (2004), só é possível que a resposta seja toda a sequência anterior à pausa, o que engloba a partícula *que*, pois existe um alto grau de integração entre os elementos. Sem essa partícula, a resposta à questão não seria satisfeita.

A proposta feita pela autora torna claro o nível de tensão sintática entre as orações conectadas por *a hora que*: comparado à oração paratática em (09), com o uso da partícula *aí*, *a hora que* parece produzir uma combinação de orações mais tensa e, portanto, com um grau mais avançado de gramaticalização. Conforme demonstra Lima-Hernandes, no entanto, a forma de gerúndio presente em (10) apresenta um nível maior de encaixamento entre as orações e, conseqüentemente, uma maior tensão sintática do que o exemplo em (11), demonstrando estar ainda mais avançada em um *continuum* de gramaticalização.

Por meio dessa análise, Lima-Hernandes (2004) confirma o estatuto composicional do conectivo temporal *a hora que* e, nos termos adotados neste trabalho, sua natureza como

construção, um bloco de significado caracterizado pela não composicionalidade dos itens que o integram.

Tratando especificamente de conectivos temporais, Sousa e Renck (2011) desenvolveram uma pesquisa que comparou as orações introduzidas pela conjunção *quando* e as introduzidas pela locução *na hora que* no português falado no interior paulista. O propósito principal do estudo foi analisar o distanciamento ou a aproximação entre a conjunção e a locução, como resultado de dois processos de mudança propostos por Meillet (1948a, b): renovação, que seria uma mudança *conservadora*, e gramaticalização, que seria uma mudança *inovadora*.

As autoras concluíram que, nos dados investigados, a locução conjuntiva *na hora que* exhibe aspectos tanto de renovação quanto de inovação. Em relação aos aspectos renovadores, elas apontam a localização temporal de um evento em relação a outro, uma vez que a locução mantém essa função já existente e desempenhada por outras formas conjuncionais temporais, a exemplo de *quando*. No entanto, há uma inovação em relação à expressão de aspecto pontual e à expressão de tempo passado, ou seja, *na hora que*, segundo Sousa e Renck, diferentemente de *quando*, estaria se especializando⁵ na indicação de significado temporal relativo a eventos pontuais no passado.

Como se buscou demonstrar nesta seção, existem muitos estudos sobre orações temporais do português, alguns deles também tratando da locução conjuntiva *na hora que*. A presente pesquisa propõe uma análise da mudança construcional da locução conjuntiva *na hora que*, também analisada por Sousa e Renck (2011), Braga (1999), Lima-Hernandes (2004), no entanto com propósitos diferentes e com o uso de uma perspectiva teórica, de orientação cognitivo-funcional, que a difere desses estudos, principalmente no tocante à abordagem das mudanças envolvidas.

⁵ O *princípio da especialização* está associado às opções de escolha que existem entre formas em mudança, ou seja, as escolhas passam a ser tão reduzidas, dadas suas especializações em determinadas funções, que se deve optar quase que de forma obrigatória por uma determinada das formas envolvidas na mudança (HOPPER, 1991).

1.2 Gramática de Construções e Construcionalização

A Gramática de Construções é um modelo teórico recente da Linguística Cognitiva e tem como principais representantes Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). Esse modelo concebe a língua como instrumento para organizar, processar e transmitir informação. De acordo com Croft (2001), a Gramática de Construções representa uma reação ao modelo de gramática gerativa, que separa os elementos componentes da língua em módulos de descrição distintos (componentes fonológico, sintático e semântico), o que torna reducionistas as análises e descrições das gramáticas das línguas⁶.

A Gramática de Construções surge de uma preocupação específica em analisar unidades idiomáticas (expressões cristalizadas maiores do que palavras, como *chutar o balde*), um problema para o modelo componencial da gramática gerativa, já que ela não estava preparada para comportar estas unidades com características particulares que não pareciam pertencer ao léxico, mas sim a algum componente particular entre o léxico e a sintaxe (CROFT, 2007).

Fundamentando suas descrições conjuntamente em propriedades formais e funcionais, em uma perspectiva que é, portanto, antimodular, a Gramática de Construções constitui uma teoria geral de representação sintática que reconhece que a forma básica de uma estrutura sintática é a *construção*.

De acordo com Goldberg (1995), as construções devem possuir uma ou mais propriedades distintivas na língua e, portanto, não devem ser previsíveis a partir de outras construções. A autora afirma que:

⁶ Essa preocupação em não separar a língua em módulos e, portanto, analisar a gramática a partir de uma visão não-modular aproxima o modelo cognitivo das abordagens funcionais, principalmente as vertentes do funcionalismo americano, que prezam pelo estudo da língua baseada no uso (NUYTS, 2007). A união entre pressupostos da Linguística Cognitiva e da abordagem funcional é conhecida como a abordagem cognitivo-funcional, algumas vezes também referida como “abordagem centrada no uso” (Bybee, 2010; Traugott, 2012), que é a principal base teórica proposta para sustentar as análises que são feitas nesta pesquisa.

C é uma CONSTRUÇÃO se C for um pareamento de forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$ de modo que algum aspecto de F_i ou algum aspecto de S_i não seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas⁷ (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Como explica Goldberg, as construções devem possuir características que as distingua de outra construção presente na língua. Além disso, seu significado como uma unidade não deve ser necessariamente previsível a partir dos itens que a compõem. Como será mostrado mais à frente neste trabalho, durante o processo de composição de uma construção formada por vários itens, como o caso de *((n)a hora (em) que)*, o significado de cada item que a compõe se esmaece, sem, entretanto, deixar de contribuir, em maior ou menor grau, para o significado total da forma final.

Croft (2001, 2007), em seu modelo de “Gramática de Construções Radical”⁸, também considera, assim como Goldberg (1995), que as construções são formadas por um pareamento de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e de função (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) e são organizadas de modo a formar uma rede construcional. Na figura a seguir, encontra-se a representação esquemática de uma construção, de acordo com Croft (2001):

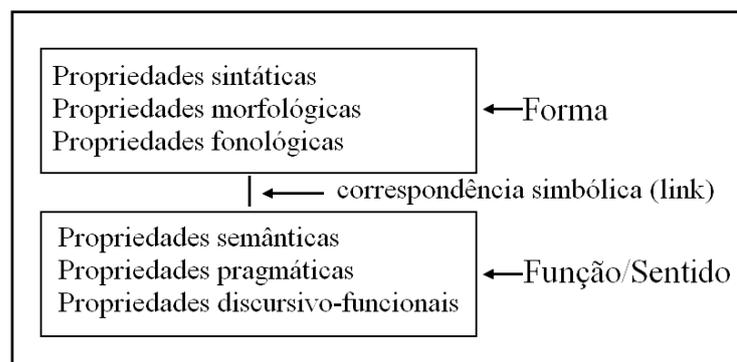


Figura 2: Modelo de representação simbólica da construção (CROFT, 2001, p. 18)

⁷ C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions (GOLDBERG, 1995, p. 4)

⁸ O modelo de Croft (2001) considera como *construção* qualquer unidade simbólica, desde um morfema até uma sentença. Além disso, a Gramática de Construções Radical questiona concepções clássicas de modelos teóricos e descritivos, como a existência de classes de palavras e funções gramaticais.

Por meio das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, a função/sentido, como observado na figura 2, representa todos os aspectos convencionalizados do significado e uso de uma construção. Assim, esses aspectos são, segundo Croft, não apenas propriedades da situação descrita, mas também propriedades do discurso e da interação entre os interlocutores. Para exemplificar, o autor utiliza a sentença “*Que gato lindo!*”, que expressa a surpresa do falante; além de representar a situação descrita na própria sentença (a beleza do gato), também apresenta propriedades pragmáticas e discursivas: a descrição da reação do falante, marcada pela força ilocucionária exclamativa.

Um segundo aspecto da representação simbólica da construção, na abordagem de Croft (2001), é que a função está conectada às propriedades formais por um *link* de correspondência e, juntos, constituem uma unidade simbólica de forma e função, isto é, uma *construção*.

Na figura 3 a seguir, também extraída de Croft (2001), encontra-se a representação simbólica da sentença *Heather canta* (*Heather sings*). É possível perceber que os *links* de ligação entre as partes da construção se estendem por todos os elementos tanto internamente, entre os itens da sentença, quanto externamente, entre a estrutura sintática (forma) e a semântica (função). Segundo o autor, esse é o grande diferencial entre a Gramática de Construções e a Gramática Gerativa, já que a Gramática Gerativa não conta com as ligações internas diretas entre os elementos, tratadas em domínios distintos (domínio semântico, domínio sintático).

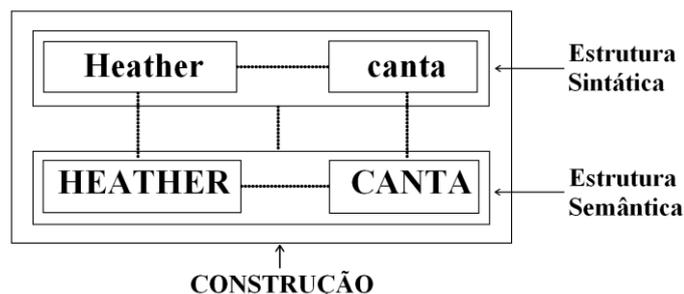


Figura 3: Representação simbólica de acordo com a Gramática de Construções (CROFT, 2001, p. 20)

Como mencionado anteriormente, entende-se na abordagem construcional da gramática que a organização das construções no sistema linguístico se dá por meio de uma rede construcional. Croft (2001) explica que a rede construcional é composta por nós e cada construção representa um nó independente nessa rede, capturando o conhecimento do falante sobre a língua. Cada construção particular é, assim, reconhecida como um nó independente na língua a que pertence. Para exemplificar, Croft (2001) utiliza a construção [*chutar o balde*] ([*kick the bucket*]) que, por ser uma unidade linguística semanticamente independente, é representada na rede construcional como um nó independente. O verbo [*chutar*] também será um nó independente, assim como a estrutura abstrata esquemática da construção, que representa uma oração transitiva [Suj Verbo Obj]. O autor explica ainda que cada construção é uma instanciação de uma construção mais esquemática (no caso de *chutar o balde*, sua construção mais esquemática é [Suj Verbo Obj]).

Relacionando as construções umas às outras dentro da rede construcional, Goldberg (1995) afirma que as construções fazem parte de um conjunto organizado por meio de generalizações. Segundo a autora, as construções formam, assim, uma rede conectada por meio de relações de herança, as quais permitem que se captem relações entre construções que, ao se relacionarem, compartilham propriedades, sejam elas similaridades ou exceções:

Construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalizações entre as construções, enquanto, ao mesmo tempo, permite capturar sub-regularidades e exceções⁹ (GOLDBERG, 1995, p. 67).

Goldberg (1995) apresenta quatro princípios psicológicos a partir dos quais é possível compreender a relação entre as construções. São eles: *princípio de motivação maximizada*, *princípio da não-sinonímia*, *princípio do poder expressivo maximizado* e *princípio da*

⁹ Constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for subregularities and exceptions (GOLDBERG, 1995, p. 67).

*economia maximizada*¹⁰. Nesta pesquisa, serão abordados o *princípio de motivação maximizada* e o *princípio da não-sinonímia*, que são os princípios que mais diretamente se aplicam a estudo de ((n)a hora (em) que aqui proposto e por meio dos quais será possível analisar em detalhes a relação existente entre as formas em estudo.

O *Princípio de Motivação Maximizada* (Goldberg, 1995) prediz que: “se a construção A está relacionada à construção B sintaticamente, então o sistema de construção A é *motivado* na medida em que esteja relacionado à construção B semanticamente (cf. HAIMAN, 1985a; LAKOFF, 1987). Essa motivação é maximizada”¹¹ (GOLDBERG, 1995, p. 67).

Goldberg (1995) afirma que o termo *motivação* foi introduzido por Saussure quando o linguista demonstrou que a arbitrariedade linguística era parcial em palavras como *dezenove*, que é composta pela soma de duas palavras arbitrárias (dez + nove). Em outras palavras, por não existir uma total arbitrariedade na constituição dessa palavra, Saussure considera que há nesses casos motivação parcial do signo.

A partir desse sentido de motivação, Goldberg apresenta uma concepção baseada em Lakoff (1987), segundo a qual “uma dada construção é *motivada* na medida em que sua estrutura é herdada de outras construções da língua”¹² (p. 70). Ela afirma que resultados de estudos com crianças, sobre aquisição de linguagem, mostram que novas palavras são mais facilmente compreendidas quando são relacionadas a palavras já conhecidas, pois seriam conceitos relacionados e motivados, por isso conceitos mais familiares aos falantes.

Ao estudar as construções resultativas presentes na língua inglesa, Goldberg (1995) demonstra que elas são motivadas pelas construções de movimento causado. Por exemplo, a construção resultativa *Joe kicked Bob black and blue* (*Joe deixou Bob roxo*) é uma construção

¹⁰ *The principle of maximized motivation, the principle of no synonymy, the principle of maximized expressive power, the principle of maximized economy.*

¹¹ *The Principle of Maximized Motivation: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Such motivation is maximized (GOLDBERG, 1995, p. 67).*

¹² *A given construction is motivated to the degree that its structure is inherited from other constructions in the language (GOLDBERG, 1995, p. 70).*

motivada por uma outra construção de mudança de estado, a construção de movimento causado, como em *Joe kicked the bottle into the yard* (*Joe chutou a garrafa para o quintal*).

Segundo a autora, a motivação entre as construções está na relação entre suas propriedades semânticas. Enquanto na construção de movimento causado *Joe kicked the bottle into the yard* a função sintática de objeto direto (*the bottle*) tem papel semântico de *tema*, seu correspondente na construção resultativa *Joe kicked Bob black and blue*, que é *Bob*, tem papel semântico de *paciente*. Goldberg (1995) afirma que as construções resultativas só categorizam argumentos internos pacientes, pois a mudança de estado tem origem na mudança de local, que passa, portanto, de causado (papel semântico *tema*) para resultativo (papel semântico *paciente*).

Seguindo o *princípio de motivação maximizada* e a definição de motivação, que relaciona diferentes palavras e construções umas às outras, e aplicando-os ao objeto de estudo desta pesquisa, pode-se supor que a formação de outras construções do português brasileiro esteja correlacionada a um esquema abstrato mais geral da construção *((n)a hora (em) que*, supostamente *[prep/det N que]*, cujo núcleo não precisaria necessariamente ser preenchido por um nome com significado temporal.

Para uma análise dessa motivação, seria apropriado pensar em outras formas de locuções conjuntivas temporais, como *no dia que*, *no momento que*, *na época que*, e locuções conjuntivas com outros valores, como causais (*dado que*, *uma vez que*) ou condicionais (*a menos que*), por exemplo. As locuções conjuntivas já conhecidas do falante serviriam, portanto, de motivação para a criação de uma nova construção e para a compreensão dessa nova construção pelo falante, já que ela possuiria características herdadas de outras formas e já familiares aos falantes. A relação com outras locuções e a existência de esquemas construcionais relacionados voltarão a ser tratadas no último capítulo desta pesquisa.

O segundo princípio proposto por Goldberg (1995), denominado *Princípio da Não-Sinonímia* prevê o seguinte:

Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Aspectos pragmáticos de construções envolvem características da estrutura de informação, incluindo tópico e foco, e, além disso, aspectos estilísticos da construção, como registro.

Corolário A: se duas construções são sintaticamente distintas e S(emanticamente)-sinônimas, então elas não devem ser P(ragmaticamente)-sinônimas.

Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e P-sinônimas, então elas não devem ser S-sinônimas¹³ (GOLDBERG, 1995, p. 67).

O corolário A indica que, se houver diferenças sintáticas e similaridades semânticas entre as formas, necessariamente haverá diferenças pragmáticas. Ao contrário, o corolário B indica que diferenças sintáticas e semelhanças pragmáticas devem suscitar diferenças semânticas. Seguindo esse princípio, é provável que o resultado das análises realizadas nesta pesquisa revelem diferenças entre as formas de *((n)a hora (em) que* e a conjunção *quando* que justifiquem o surgimento e fixação da locução conjuntiva no sistema gramatical do português.

Ainda sobre o conceito de *construção*, Goldberg (1995) afirma que as “construções carregam significados em si mesmas, independentemente das palavras na sentença”¹⁴ (p.1). Essa concepção permite que se reconheça nas construções um significado em seu todo, independentemente de suas partes que deixam de ser consideradas como elementos separados na sentença e passam a ser consideradas como um único elemento formando a construção.

¹³ *The Principle of No Synonymy:* If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register (cf. discussion in section 1.1).

Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous.

Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous (GOLDBERG, 1995, p. 67).

¹⁴ It is argued that constructions themselves carry meaning, independently of the words in the sentence (GOLDBERG, 1995, p.1).

Segundo a autora, o valor dos itens que compõe a construção é considerado para o seu significado, mas de forma enfraquecida:

Ao reconhecer a existência de construções com conteúdo, podemos reconhecer a composicionalidade de uma forma enfraquecida: o significado de uma expressão é o resultado da integração dos significados dos itens lexicais para a formação dos significados das construções¹⁵ (GOLDBERG, 1995, p. 16).

Com base nessa concepção, a construção *((n)a hora (em) que*, neste trabalho, não é vista como um conjunto de itens que possuem significados separadamente, mas como uma construção que possui um significado resultante de seu todo.

Ao contrário dessa interpretação adotada neste trabalho, a forma *((n)a hora (em) que* poderia ser analisada como uma soma de itens separados, ou seja, como composta por um sintagma preposicional (ou nominal, no caso das formas sem a preposição *em*) seguido por um pronome relativo (*S_{Prep}/S_N que*), como mostra o exemplo (12), em que há o uso de *hora* e do pronome relativo *que*, como itens separados, não integrante de uma construção:

- (12) éh minha cabecinha vazia (eu só de imaginá(r)) as coisa que ele tinha... no decorrer da vida dele né? que era BEM mais velho do que eu... foi ao/ tudo ao contrário... embora eu envelheci junto com ele... tenho só vinte e sete anos mas tem *hora que*:: eu pareço que tenho cinqüenta... por causa que eu tive que amadurecê(r) junto com ele (IBORUNA-AC-026).

No exemplo acima, *que* é visto como um pronome relativo que introduz um conteúdo que modifica *hora*, que se coloca como complemento do verbo existencial. Não se verifica, assim, entre as orações envolvidas, um relacionamento hipotático temporal, como acontece quando o nome temporal forma com o antigo pronome relativo uma única construção.

Como vem sendo afirmado neste trabalho, *((n)a hora (em) que* já parece possuir o estatuto de locução conjuntiva, atuando como uma construção introdutora de orações hipotáticas temporais, ao lado de conjunções como *quando* e outros conectivos temporais. Na condição de construção que funciona como conectivo temporal, verifica-se que *na hora que*

¹⁵ By recognizing the existence of contentful constructions, we can save compositionality in a weakened form: the meaning of an expression is the result of integrating the meanings of the lexical items into the meanings of constructions (GOLDBERG, 1995, p. 16).

atua como uma única unidade significativa, conforme exemplifica a ocorrência em (13). Diferentemente do que acontece com a forma em (12), entre *hora* e *que* há alta integração, e o significado composicional dos itens se torna esmaecido.

- (13) depois cê pega u::ma camisa::ta ve::lha uma meia ca::lça assim alguma coisa né?... e::... coloca o jornal né? e tira a água dele né?... não mu::ito porque senão depo::is *na hora que cê vai moldá(r) alguma coisa... ce vai tê(r) que::... precisá(r) da água sabe?... pa alisá(r) um pouco* senão fica uns:: caro::ço né? (IBORUNA-AC-012).

A não composicionalidade envolvida na constituição de ((n)a) *hora (em) que* locução temporal é um aspecto presente também nas propostas de Traugott (2012) e de Traugott e Trousdale (2013) sobre processos de *construcionalização*. Essas propostas serão apresentadas na próxima subseção em maiores detalhes, juntamente com outros dois fatores envolvidos na mudança construcional e que são importantes para esta pesquisa: esquematicidade e produtividade.

1.2.1 Mudança linguística na abordagem da Gramática de Construções

O desenvolvimento de pesquisas voltadas à descrição sintático-gramatical com base na abordagem cognitivo-funcional se relaciona diretamente aos modelos de Gramática de Construções (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006) e na concepção de que a língua é um conjunto de construções, isto é, de pareamentos de forma e de função. A mudança linguística, baseada nessa visão, é vista como um processo que atinge a língua criando novas construções ou alterando subcomponentes de uma construção (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a mudança linguística ocorre por meio de dois processos: da mudança construcional, quando não há a criação de nova construção, mas uma alteração de suas subpartes, ou por meio da construcionalização, quando há a criação de nova construção.

Traugott (2012) afirma que a mudança construcional ocorre nos subcomponentes de uma construção que, de acordo com a estrutura das construções proposta por Croft (2001) e representada anteriormente (figura 2) são: sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, pragmática e componente discursivo-funcional. O processo de mudança construcional, ao atingir uma construção, não necessariamente afeta todos os seus subcomponentes ao mesmo tempo, o que indica que ele pode ocorrer em aspectos somente formais ou somente funcionais de uma construção.

Para exemplificar essa ocorrência da mudança em subcomponentes distintos de uma construção, Traugott (2012) descreve as mudanças construcionais relacionadas à forma *will* do inglês. Em relação ao subcomponente semântico, por exemplo, *will* teria passado por uma mudança de sentido de *ter intenção* para codificador de futuro. Corroborando essa mudança, como demonstra a autora, no subcomponte sintático, *will* passou de verbo pleno (lexical) para verbo auxiliar (gramatical). Por fim, no subcomponente morfofonológico *will* se reduz a *'ll*, aglutinando-se a pronomes pessoais ao codificar o futuro de verbos plenos (*I'll wait for you*).

Ainda com base na distinção entre mudança construcional e construcionalização, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que a “mudança construcional é uma mudança que afeta a dimensão interna de uma construção. Não envolve a criação de um novo nó”¹⁶ (p. 26). A construcionalização, por sua vez, de acordo com os autores,

é a criação (combinação) de novos signos forma_{nova}-significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual.¹⁷ (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 21-22).

¹⁶ A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 26).

¹⁷ Constructionalization is the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 21-22).

Como se observa, há uma distinção de perspectiva no que se refere ao foco dos processos. A mudança construcional parece assumir uma perspectiva mais sincrônica, atingindo a construção em um determinado momento, mas sem resultar em uma nova criação. Já em relação à construcionalização, processo criador de uma nova construção, parece ser necessária uma perspectiva diacrônica para constatar efetivamente o desenvolvimento global desse tipo de mudança linguística, o qual, conforme afirmam Traugott e Trousdale (2013), resulta de uma sucessão de micropassos de mudanças graduais.

Concebida como resultado de reanálises sequenciais de forma e de significado, a construcionalização, nos termos de Traugott (2012), é acompanhada, no nível das mudanças construcionais, por alterações no grau de *esquematicidade*, quando há aumento ou diminuição de abstração semântica e sintática da construção, *produtividade*, quando há o desenvolvimento de novos tipos de construção ou a extensão de padrões já existentes para novos tipos, e *composicionalidade*, quando se altera o nível de acesso semântico das subpartes das formas (global ou individual).

O grau de esquematicidade, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), “é uma propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração”¹⁸ (p. 13). Dessa forma, a esquematicidade tem, conforme aponta Traugott (2008, 2012), relação com níveis que se caracterizam por graus distintos de abstração e generalização, pelos quais passa um item alvo de construcionalização. Esses níveis são, em ordem crescente de abstração, o nível dos *construtos*, o de *microconstruções*, de *mesoconstruções* e, por fim, de *macroconstruções*, conforme definidos a seguir, em trecho extraído de Traugott (2008):

¹⁸ Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 13).

- macroconstruções: pareamento de forma-significado que são definidos pela estrutura e pela função, como, por exemplo, partitivo, construção modificadora de grau, etc,
- mesoconstruções: conjuntos de construções específicas de comportamento similar,
- microconstruções: tipos de construção individuais,
- construtos: ocorrências empiricamente atestadas, que são o lócus da mudança¹⁹ (TRAUGOTT, 2008, p. 236)

As macro e mesoconstruções refletem os níveis abstratos da hierarquia construcional. Enquanto a macroconstrução é o nível mais alto, em que está presente a representação abstrata e mais genérica das construções, a mesoconstrução reúne construções abstratas similares e, portanto, mais específicas do que as macroconstruções. As mudanças que ocorrem nesses níveis, segundo Traugott, são observadas com mais vagar, em uma distância temporal maior, quando é o caso, e entre grandes quantidades de dados. Abaixo, está representado um *continuum* em que se explicita a mudança linguística, descrita por Traugott (2008), no nível da macroconstrução dos modificadores de grau em inglês:

Pré-partitivo > Partitivo > Modificador de grau > Advérbios de grau > usos de adjuntos de grau livres

Figura 4: *Continuum* da mudança linguística dos modificadores de grau em inglês (TRAUGOTT, 2008, p. 235)

Nesse *continuum*, encontram-se generalizações abstratas referentes aos modificadores de grau em inglês, isto é, para que se verifiquem os tipos de ocorrências e construções individuais que se relacionam a essa macroconstrução, é necessário que se caminhe aos níveis mais baixos da hierarquia construcional. As microconstruções e os construtos, enquanto construções individuais, respondem, assim, pela realização das construções abstratas e específicas presentes nos níveis superiores da hierarquia. Traugott (2008) indica como microconstruções dos modificadores em inglês que ela analisa formas como *a sort of* (“um tipo de”), *a lot of* (“um monte de”), *a shred of* (“um pedaço de”). Abaixo, apresentam-se

¹⁹ – macro-constructions: meaning-form pairings that are defined by structure and function, e.g., Partitive, or Degree Modifier Constructions, etc.,
 – meso-constructions: sets of similarly-behaving specific constructions,
 – micro-constructions: individual construction-types,
 – constructs: the empirically attested tokens, which are the locus of change (TRAUGOTT, 2008, 236).

exemplos, extraídos de Traugott (2008), de cada um dos modificadores de grau que compõem o *continuum* da figura 4:

- (14) **Uso pré-partitivo**
 Well may [h]e be called valyaunte and full of proues that hath *such a sorte of noble knyghtes* unto hys kynne
 ‘Well may he be called valiant and full of prowess that has such a group of noble knights among his kin.’ (a1470 Malory, *Works* 526/21 [MED, *sort* 1a])
 Bem, ele pode ser chamado de valente e cheio de valor porque tem tal grupo de nobres cavaleiros entre seus parentes. (TRAUGOTT, 2008, p. 228).
- (15) **Uso partitivo**
 The countrie aboundeth with *all sort of corne, flesh, and fruit* (1594 Ashley tr. *Loys de Roy* 10b [OED, *sort* n2, 6d])
 O país abunda em toda espécie de cornucópia, carne e fruta (TRAUGOTT, 2008, p. 228)
- (16) **Modificador de grau**
 I do think him but *a sort of a*, kind of a,... *sort of a Gentleman* (1720 Shadwell, *Hasty Wedding* II. iv [OED, *sort* n2, 8b])
 Eu penso nele, mas como uma espécie de, um tipo de,... uma espécie de Cavaleiro (TRAUGOTT, 2008, p. 229)
- (17) **Advérbio de grau**
 One is *sort of* bewildered in attempting to discover ... (1858 Pirie, *Inq. Hum. Mind* i. 10 [Ibid.])
 Um deles está meio confuso ao tentar descobrir... (TRAUGOTT, 2008, p. 229)
- (18) **Adjunto de grau livre**
 He chalked me down like a fool, me and Tom Staples; being old friends, or *sort of* (1835 Bird, *Hawks of Hawk hollow* II. viii. 78 [OED *chalk*, v.])
 Ele me descreveu como um tolo, eu e Tom Staples; sendo velhos amigos ou tipo isso (TRAUGOTT, 2008, p. 230)

Seguindo a proposta de Traugott e Trousdale (2013), uma vez que a esquematicidade está relacionada aos níveis hierárquicos das construções, um grau mais completo de esquematicidade se apresenta quando há apenas *slots* a serem preenchidos dentro da representação abstrata genérica do nível da macroconstrução, como no exemplo dado pelos autores a respeito do esquema ditransitivo do inglês: [*Suj V Obj₁ Obj₂*]. O preenchimento dos itens da macroconstrução ocorrerá, assim, nos níveis mais baixos da hierarquia construcional.

Por outro lado, os autores afirmam que a esquematicidade da macroconstrução também seria passível de parcialidade, quando parte da macroconstrução está fixada

abstratamente, como é o caso da construção *way* que foi analisada por Goldberg (2006): (*[Sujei [V Possi way] DIR]*), cujo exemplo é *Emeril sliced and diced his way to stardom* (*Emeril cortou em pedaços seu caminho para o estrelato*) (GOLDBERG, 2006, p. 7). Nesta macroconstrução, há a presença da forma *way*, que permanece no esquema abstrato, sendo apenas os demais *slots* preenchidos com itens distintos na posição de sujeito, verbo, pronome possessivo e um elemento direcional.

Quanto ao segundo fator ligado à construcionalização, a *produtividade*, Traugott e Trousdale (2013) explicam que essa é uma propriedade gradiente ligada à frequência *type* e *token* (BYBEE, 2003), que possibilita que haja um aumento na frequência de uso das construções e que outros tipos de construção possam se originar dos níveis hierárquicos propostos por Traugott (2008), que são *macroconstrução*, *mesoconstrução*, *microconstrução* e *construto*.

Nesse sentido, em relação à questão da produtividade e à frequência de surgimento de construções nas línguas, Bybee (2003) afirma que o desenvolvimento de novas formas não é apenas o resultado do processo de mudança, mas é também um dos fatores que favorecem o desenvolvimento do processo. Segundo a autora, a frequência *token* é a ocorrência de uma unidade; no caso de *be going to*, construção utilizada como exemplo por Bybee, a contabilização de sua frequência *token* não leva em conta se sua forma é gramaticalizada ou não: é a aparição da unidade no texto que importa. A frequência *type*, ao contrário, se refere à frequência particular de cada unidade. No caso de *be going to*, a forma com sentido de “sujeito se deslocando para um local” terá uma contabilização separada de *be going to* com sentido de “futuridade”, pois as formas possuem significados diferentes, correspondentes a diferentes graus de gramaticalização.

Por fim, quanto à *composicionalidade*, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que ela está relacionada à transparência de ligação entre forma e função. Nas palavras dos autores,

“composicionalidade é normalmente considerada tanto em termos semânticos (o significado das partes e do todo) quanto em termos da combinação das propriedades do componente sintático”²⁰ (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 19).

Conforme Traugott e Trousdale exemplificam, se uma construção é semanticamente composicional, ao ouvir essa construção, o falante será capaz de reconhecer o significado separado de cada um de seus itens; a construção não terá, desse modo, um grau elevado de esquematicidade. Entretanto, se uma construção possui um grau menor de composicionalidade, haverá um desencontro entre o significado individual de cada item e o significado da construção como um todo, pois ela já estaria atuando como uma unidade linguística global. Nesse caso, há, portanto, um maior grau de esquematicidade na construção.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam, ainda, que “a diminuição em composicionalidade é a diminuição na transparência da combinação entre o significado das partes e a forma/sintaxe”²¹ (p. 121), ou seja, com a diminuição do grau de composicionalidade da construção, seus itens se tornam mais integrados, assim como o significado presente na construção que passa a ser menos transparente.

Ao apresentarem a construção [NP₁ [of NP₂]], que representa partitivos quantificadores do inglês, como *a lot of* (“muito, uma grande quantidade de”), os autores afirmam que, com a mudança linguística por que passa essa construção, o significado de seus itens também foi atingido. Desta forma, o significado inicial que era partitivo (*um pedaço de*) foi se esmaecendo e a construção passou a codificar um sentido quantitativo de *muito*.

Até o momento, poucas são as pesquisas que adotam a abordagem da construcionalização na análise de fenômenos do português brasileiro. Entre esses poucos estudos estão a recente tese de doutorado de Teixeira (2015) e o trabalho de Rosário e

²⁰ Compositionality is usually thought of in terms of both semantics (the meaning of the parts and of the whole) and the combinatorial properties of the syntactic component (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 19).

²¹ Decrease in compositionality is decrease in the transparency of the match between meaning of the parts and the form/syntax (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121).

Oliveira (2016), publicado em forma de artigo científico, os quais aqui se apresentam, portanto, como exemplo de aplicação da proposta de Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013) à descrição do português.

Teixeira (2015) investiga a hierarquia construcional da Construção Verbal Marcadora Discursiva (VLOC_{MD}), como nos exemplos abaixo:

- (19) *Valha-me Deus... Ora, vem cá* (TEIXEIRA, 2015, p. 14).
- (20) *E eu passei também a fazer filmes menos interessantes. Com pessoas menos dotadas para fazer cinema, mas que tinham seus filmes para fazer. Eu precisava ganhar a minha vida, e vamos lá. E aí o respeito e a educação não eram as mesmas* (TEIXEIRA, 2015, p. 14).

A autora elege os verbos de movimento *ir* e *vir* como os que ocupam a posição *V* da construção, enquanto a posição *Loc* é ocupada pelos locativos *aí*, *aqui*, *cá* e *lá*. A principal hipótese da pesquisa é a de que a constituição dessa construção é resultado da mudança linguística que ocorreu no predicado transitivo circunstancial (*ir/vir*).

Sobre os fatores de mudança propostos por Traugott e Trousdale (2013), a autora analisa o fator *esquematicidade*, demonstrando os níveis hierárquicos da construção VLOC_{MD}: no nível mais alto, na macroconstrução, estaria uma construção mais genérica [Verbo Loc], enquanto no nível das mesoconstruções estariam possibilidades mais específicas, como [VMov Loc], [VRelCir Loc], [VProc Loc], [VPercp Loc]. Por fim, no nível das microconstruções estariam instanciações concretas, como [Vem [cá]], [Vamos [lá]], [Vá [lá]], [Está [aí]], [Espera [aí]].

Em relação à *produtividade*, Teixeira (2015) afirma que a frequência de uso do construto *vem cá*, forma mais recorrente nos dados da pesquisa e, portanto, mais prototípica, pode ter feito com que sua macroconstrução se tornasse convencionalizada, o que permitiu o desenvolvimento de novas microconstruções.

Por fim, ao analisar a *composicionalidade* da construção, a autora observa que, quando essa construção é mais composicional e, portanto, menos esquemática, há compatibilidade na

combinação entre a forma verbal e o locativo como itens individuais, isto é, cada item é compreendido separadamente, como no seguinte caso:

- (21) Muita vez tinham que lhe guardar o jantar, porque ela não queria largar o diabo do livro! O pai dizia-lhe: – *Olha lá*, minha jóia! não vá isso fazer-te mal... mas não se animava a contrariá-la (TEIXEIRA, 2015, p. 217).

No entanto, em um estágio mais avançado da mudança, o significado total da construção, com menor grau de composicionalidade, não é mais compatível com o significado individual de cada um dos itens que a compõe.

A autora conclui com sua pesquisa que, no que se refere à forma, a construção se coloca em posição sintática específica, passando a fazer parte da predicação, ao invés de selecionar um argumento externo como fazia quando possuía propriedades sintáticas de verbo, como no exemplo anterior em (21).

Em relação ao sentido, por fim, Teixeira ainda constata reinterpretações nas situações de uso que permitiram leitura mais abstrata da construção, fazendo com que o *frame* locativo se distanciasse do espaço físico e concreto e se aproximasse do espaço da interação discursiva.

No artigo de Rosário e Oliveira (2016), os autores traçam um panorama sobre a correlação entre o funcionalismo e o cognitivismo, abordagens que se ligam por meio da mudança linguística na chamada Linguística Funcional Centrada no Uso ou Linguística Cognitivo-Funcional. Os autores apontam que as pesquisas cognitivistas contribuem com as pesquisas funcionalistas principalmente na concepção de que a estrutura da língua se realiza durante a experiência, derivando de processos cognitivos.

Para exemplificar a abordagem construcional, Rosário e Oliveira (2016) apresentam a construção conectora LocV, que é formada por um pronome locativo (Loc) e por um verbo (V), conforme exemplos (22) e (23):

- (22) Deve fazer umas quadrinhas novas... Porque não faz? - Fiz já. - Pode recitar? - Pois não. - Diga lá. - *Lá vai*: Ai, Filomena, Se eu fosse como tu, Punha uma máscara Na cara do Dudu. (19:Fic:Br:Barreto:Urbana) (ROSARIO, OLIVEIRA, 2016, p. 248).
- (23) Conheci, mais e de súbito, que essas confissões de autores são coisa perigosa: se se diz pouco, parece simplicidade afetada e insincera; se se diz um tanto mais, parece fatuidade e pedanteria. Quis fugir à resposta; mas estava preso pela promessa. Palavra de tabaréu não torna atrás... *Aí vai*, pois. Em mim o caso literário é complicadíssimo e anda tão misturado com situações críticas, filosóficas, científicas e até religiosas, que nunca o pude delas separar, nem mesmo agora para lhe responder. (19:Fic:Br:Rio:Momento) (ROSARIO, OLIVEIRA, 2016, p. 248)

Segundo Rosário e Oliveira (2016), em ambos os exemplos “os traços das categorias originais de suas subpartes [dos constructos *lá vai* e *aí vai*] se esvaem, em prol da formação de um todo semântico-sintático, que atua na articulação de porções textuais mais amplas, conectando-as” (p. 248). Nesse sentido, a construção LocV é entendida como complexa, esquemática e procedural. O entendimento de que a construção é complexa parte de sua formação, que é composta por duas subpartes. A esquematicidade de LocV, por sua vez, está relacionada, segundo os autores, à alta convenção da construção; e sua característica procedural se liga ao fato de a construção veicular um conteúdo gramatical, justificando sua função como conectora de porções textuais.

Nesta subseção, foram apresentados conceitos fundamentais sobre a mudança linguística ligada à Gramática de Construções. Como se observou, baseado em Traugott e Trousdale (2013), a mudança construcional e a construcionalização são os principais processos por meios dos quais é possível realizar uma análise de fenômenos de mudança linguística que se pautem nesta abordagem bastante atual. Na próxima subseção, será apresentada a vinculação entre os estudos da Gramática de Construção e da gramaticalização e os estudos de Diewald (2002, 2006) sobre os diferentes contextos em que se desencadeiam as mudanças linguísticas.

1.2.1.1 Relações contextuais

Mudanças linguísticas também têm sido investigadas na atualidade sob a perspectiva da Gramática de Construções e da gramaticalização²² por Diewald (2002, 2006), que as analisa diacronicamente, reconhecendo diferentes contextos que responderiam por diferentes etapas da mudança. Diewald (2002) afirma que o desenvolvimento de funções gramaticais no processo de mudança linguística passa por três tipos de contextos distintos.

Para demonstrar esses contextos, Diewald (2002) analisa os verbos modais em alemão que, segundo a autora, são: *dürfen* (“to be allowed to – ter permissão”), *können* (“can, to be able to – poder, ser capaz de”), *mögen* (“to like, may – gostar, poder”), *müssen* (“must, to have to – dever, ter de”), *sollen* (“shall, to be to – dever, ter de”) e *wollen* (“to want – querer”).

No primeiro contexto, chamado pela autora de *contextos atípicos (untypical contexts)*, a construção começa a ser utilizada em contextos nunca antes utilizados e o significado surge como uma implicatura conversacional. Nesse estágio são desenvolvidas as pré-condições da gramaticalização.

Como exemplo desse estágio, a autora apresenta casos em que o modal *dürfen* aparece com seu antigo significado, sem causar ambiguidade na sentença, reconhecendo-se com clareza seu significado:

- (24) (*Sie haben in der Schule wahrscheinlich auch noch gelernt, nicht zwei Sätze mit demselben Wort anzufangen*) –
das durfte es im Deutschen früher nicht geben. (Spiegel 244)
 Wide scope, lexical: “In the old days it was not allowed/permitted: that occurs”
 Escopo amplo, lexical: “Nos velhos tempos, não era permitido: isso ocorre” (DIEWALD, 2002, p. 108).

²² Esta pesquisa entende que os processos de gramaticalização e de construcionalização não são processos divergentes. Uma discussão a esse respeito se encontra na seção 2.2 (*Construcionalização e Gramaticalização*).

- (25) *(Damit steht zunächst einmal fest,)*
daß die Soldaten der Bundeswehr nicht als Mörder denunziert werden dürfen. (Spiegel 31)
 Wide scope, lexical: “It is not allowed/permitted/it may not be: the soldiers of the Bundeswehr are denounced as murderers”
 Escopo amplo, lexical: “Não é permitido: os soldados de Bundeswehr são denunciados como assassinos” (DIEWALD, 2002, p. 108).

Nos exemplos acima, o modal apresenta um sentido deôntico de obrigação, permissão. No primeiro exemplo, no entanto, o escopo é o sujeito *es*, enquanto no segundo exemplo o sujeito é o infinitivo passivo *denunziert werden*, cujo argumento se refere a uma pessoa que está proibida de fazer alguma coisa. Com isso, Diewald (2002) demonstra que, nesse segundo contexto, em que há a passiva, surge a pré-condição da gramaticalização do modal *dürfen*, desencadeando uma reanálise estrutural (passiva), pois essa era uma estrutura sintática não habitual para o uso dos modais; permanece, portanto, o sentido deôntico de obrigação, permissão e não há, aqui, mudança semântica.

Ao passar para o segundo contexto, o *contexto crítico (critical context)*, a construção já apresenta ambiguidade estrutural e semântica. Dessa forma, de acordo com Diewald (2002), o processo de gramaticalização começa a ser desencadeado e novas interpretações surgem, entre elas a interpretação com o novo significado que existirá ao mesmo tempo em que o significado principal, fazendo com que a construção seja ambígua.

Com relação aos modais, a autora afirma, assim, que, nesse contexto, surge um modal com um sufixo dental (-t) e um objeto direto opcional, além de um particípio. Diewald (2002) apresenta o exemplo em (26) seguido de três possíveis interpretações, uma vez que sua tradução é, como aponta a autora, muito difícil de ser obtida:

- (26) *Der kunde se baz gelobet hân*
 a. *Der hätte sie besser loben können.* (subjuntivo)
 “He could have praised her better”
 “Ele pode tê-la elogiado melhor”
 b. *Der konnte sie besser als Gelobte haben.* (particípio como adjetivo)
 “He was able to have her as a praised one better”
 “Ele foi capaz de tê-la elogiado melhor”
 c. *Der könnte sie besser gelobt haben.* (leitura dêitica)
 “Perhaps, he has praised her better”
 “Talvez, ele a possa elogiar melhor” (DIEWALD, 2002, p. 111).

Segundo Diewald (2002), a opacidade do significado dêitico conduz a uma interpretação que favorece o desencadeamento do processo da gramaticalização do modal.

Por fim, a autora afirma que, ao chegar ao terceiro contexto, nomeado de *contextos de isolamento (isolating contexts)*, o novo significado que se desenvolveu está isolado do significado antigo e é mais gramatical, ao passo que o antigo é mais lexical. Nesse momento, segundo Diewald, há a consolidação da gramaticalização.

No contexto de isolamento, a leitura mais lexical dos modais alemães, sem ser gramaticalizada, segundo a autora, é a de uma perífrase modal e de um infinitivo do verbo principal, enquanto a leitura gramaticalizada surge com uma não perífrase no presente do indicativo e um verbo principal infinitivo, como nos exemplos abaixo, em que a primeira sentença mostra o uso ainda não gramaticalizado, e a segunda sentença, a forma já gramaticalizada do modal *müssen*:

(27) *(Sie haben sich vielleicht vorlassen auff yhre macht/mehr dan auff got/ drumb habe(n) sie müssen fallen.* (Luther Adel 97, 35f.)
 “Therefore they had to fall”
 “Por isso eles têm que cair” (DIEWALD, 2002, p. 115).

(28) *Drumb musz das der heubt teuffel selb gesagt haben.* (Luther Adel 103, 17)
 “Therefore the chief devil must have said this himself”
 “Portanto o principal demônio deve ter dito isso a si mesmo” (DIEWALD, 2002, p. 115).

Abaixo, no quadro 1, é possível observar um resumo feito por Diewald (2006) dos estágios por que passam uma construção no processo de mudança linguística via gramaticalização:

Estágio	Contexto	Significado/Função
I Pré-condições de gramaticalização	Contextos atípicos	Implicatura conversacional
II Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla
III Reorganização e diferenciação	Contextos de isolamento	Polissêmico/Heterônimo

Quadro 1: Tipos de contextos em gramaticalização (DIEWALD, 2006, p. 4)

Conforme exposto, no primeiro estágio em que estão dispostas as pré-condições de gramaticalização, o novo significado aparece como uma implicatura conversacional. No

segundo estágio, em que já se desencadeia o processo da gramaticalização, há ambiguidade e, assim, opacidade múltipla em relação ao significado da construção. Já no terceiro estágio, em que a gramaticalização se concretiza, há uma reorganização do sistema linguístico, fazendo com que a construção seja polissêmica: passe a expressar significados distintos.

Os estudos de Diewald são muito importantes para a compreensão do desenvolvimento do processo de mudança linguística por detrás das *construções*, na acepção que o termo tem na abordagem cognitivo-funcional, via gramaticalização. Como afirma Oliveira (2015), são nas relações contextuais que ocorrem as mudanças linguísticas envolvendo construções diversas, ou seja, com base na análise das relações contextuais de um item, é possível observar a “escalaridade dos ambientes semântico-sintáticos que configuram os usos linguísticos e podem promover mudança gramatical” (OLIVEIRA, 2015, p. 29).

Oliveira (2015) demonstra três gradientes contextuais relacionados à mudança do operador discursivo conclusivo *daí que* em português. Como contexto atípico, a autora considera [de aí/daí_{compl} + V] + [que], explicando que, nesse estágio, a construção conecta o complemento verbal a uma porção subsequente, como no exemplo abaixo:

- (29) O ponto da Praça de Portugal entendo que não será necessário, e verdadeiramente eu o tive sempre por muito indecente, e assim o escrevi a SM, quando ainda de Paris lhe falei olha as cauções, mas temos por certo que não há-de bater por aí a maior dificuldade. Não sai em que SM se pudesse conformar com o que escrevi a V Ex^a, *se de aí* se infere *que* V Ex^a o reduziu ultimamente é de muito diferente condição que as passadas (século XVII, Carta de Antônio Vieira) (OLIVEIRA, 2015, p. 31).

No segundo contexto, tem-se [V + daí_{compl}] + [que], em que ainda há na construção uma conjunção integrante e um locativo que, no entanto, atua agora posposto ao verbo:

- (30) Certeza não era. Ao contrário, justamente, quando há certeza é que se aposta melhor, porque sempre se encontram espíritos trôpegos de dúvida e cobiçosos de ganho. Concluir *daí que* perdemos o senso da aposta é concluir do fastio de uma hora para a desnecessidade da alimentação... (século XIX, *Cartas Chilenas*, Tomás Antonio Gonzaga) (OLIVEIRA, 2015, p. 32).

Já no contexto de isolamento, em que a gramaticalização se efetiva, a construção passa a ser [daí que_{opconcl}], como no exemplo a seguir:

- (31) A leitura do mundo precede a leitura da palavra, *daí que* a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que eu estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele) (século XX, palestra de Paulo Freire) (OLIVEIRA, 2015, p. 33).

Segundo a autora, nesse momento o operador conclusivo se encontra altamente vinculado em termos de sentido e de forma e é resultado de uma mudança gramatical que ocorreu em um processo gradual a partir de seu uso nos contextos anteriores.

A distinção de tipos de contextos proposta por Diewald (2002, 2006), como foi possível observar nesta subseção, é importante para os estudos da gramaticalização por auxiliar na compreensão do processo de mudança linguística que se instaura gradativamente no tempo.

Especificamente para esta pesquisa, a proposta de Diewald será utilizada apenas tangencialmente para que os objetivos propostos sejam alcançados. Com os resultados apresentados no capítulo de análise, serão feitas considerações a cerca do estatuto de *((n)a hora (em) que* e sua relação com os diferentes contextos propostos por Diewald (2002, 2006).

1.2.2 Construcionalização e Gramaticalização

Conforme foi apresentado na seção anterior, a construcionalização é o resultado de reanálises sequenciais de forma e de função, acompanhadas por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das formas construcionais (TRAUGOTT, 2012). Na medida em que se trata de um processo de mudança linguística que abrange mudanças gramaticais, cabe a pergunta: em que se diferenciaria a construcionalização da gramaticalização?

O termo *gramaticalização*, segundo Hopper e Trougott (2003), possui dois sentidos. Na primeira definição dada pelos autores, gramaticalização é vista como um quadro de investigação no interior do qual se estuda o modo como formas e construções gramaticais surgem, como são usadas e como moldam a língua. Com uma segunda acepção, gramaticalização é vista como um fenômeno relativo ao processo de mudança linguística por meio do qual itens lexicais ou itens menos gramaticais passam por mudanças de sentido e de categoria, de modo a se tornarem construções gramaticais ou mais gramaticais em determinados contextos linguísticos.

Focando na segunda acepção do termo, Hopper e Traugott (2003) apresentam uma distinção entre itens lexicais e itens gramaticais, para esclarecer o percurso da mudança linguística que ocorre na gramaticalização. Itens lexicais, segundo os autores, são palavras usadas para descrever coisas, ações e qualidades ou se referir a elas, ao passo que itens gramaticais são palavras utilizadas para indicar o relacionamento de um nome com outro, além de ligar partes de um discurso, indicar quais entidades ou participantes em um discurso já estão identificados, ou não, e mostrar o que está perto ou não do falante ou do ouvinte.

Conforme afirmam Hopper e Traugott (2003), é muito comum que os itens lexicais, que são palavras com conteúdo, deem origem a itens gramaticais, que são palavras com função relacional. Por conta dessa direção que a mudança linguística segue (sentido léxico-gramática), uma das características da gramaticalização é, segundo os autores, a unidirecionalidade.

Para que se possa compreender a unidirecionalidade, é necessário que, anteriormente, seja apresentado outro conceito básico da gramaticalização: o *cline*. De acordo Hopper e Traugott, o *cline* é uma linha imaginária que representa as transições das formas mais livres para as mais presas em uma única direção. Em uma de suas extremidades, encontra-se a forma que deu início à mudança (item lexical ou menos gramatical) e, na outra extremidade, a forma

final (item gramatical ou mais gramatical). Hopper e Traugott (2003) propõem o seguinte “*cline* de gramaticalidade” como representativo do processo de gramaticalização:

item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional (p. 7)

Nesse *cline*, os elementos equivalentes a itens de conteúdo, mais à esquerda do *cline*, são mais lexicais, enquanto os elementos classificados como afixos flexionais são considerados mais gramaticais. É importante destacar que não existe uma divisão rígida em cada ponto no *cline*: os itens encontram-se distribuídos em um *continuum* de categorias. Dentro desse *continuum*, as palavras são classificadas como mais ou menos lexicais ou como mais ou menos gramaticais, a depender de sua proximidade em relação a cada uma das extremidades do *cline*.

Como os itens que são colocados no *cline* seguem uma única direção, no sentido léxico-gramática, a mudança é tida como unidirecional, e cada item mais à direita no *cline* é, portanto, mais gramatical e menos lexical.

Apesar de a gramaticalização ser um processo de mudança linguística com uma literatura bastante extensa, na qual se encontram fundamentadas todas as características do processo, ela encontra, em alguns pesquisadores, várias críticas, principalmente a respeito de seu estatuto como fenômeno de mudança linguística independente e de sua característica unidirecional.

Newmeyer (2000), por exemplo, argumenta que a gramaticalização não seria em si um processo de mudança, mas uma consequência do resultado de outros processos. Segundo o autor, cada processo de mudança histórica por detrás da gramaticalização, como a reanálise, a mudança semântica e a redução fonológica, ocorreria separada e independentemente, culminando, por consequência, na gramaticalização, que seria, portanto, um epifenômeno (NEWMAYER, 2000).

Indo além do caráter de processo ou epifenômeno, Newmeyer (2000) também critica a unidirecionalidade, característica tida como inerente à gramaticalização. Como visto anteriormente a partir da definição dada em Hopper e Traugott (2003), o direcionamento da mudança ocorre no sentido dos itens lexicais para os itens gramaticais ou dos itens menos gramaticais para os itens mais gramaticais. Newmeyer (2000), entretanto, questiona se a unidirecionalidade não seria uma propriedade de processos naturais em geral, ou seja, se esta seria, de fato, uma característica particular da gramaticalização. Além disso, o autor apresenta vários exemplos que defende serem casos de desgramaticalização, isto é, casos em que ocorrem mudanças no sentido da gramática para o léxico (ou de itens mais gramaticais para menos gramaticais). Entre os exemplos apresentados pelo autor, está a lexicalização de afixos, os quais se juntam a um radical para a formação de novas palavras não gramaticais.

As críticas que têm sido feitas à gramaticalização evidenciam problemas que possivelmente estariam ligados a suas diferentes concepções, decorrentes dos vários estudos que se desenvolveram desde o surgimento do conceito, com Meillet (1948a, b). Silva (2012) afirma, nesse sentido, que, nos estudos atuais, a gramaticalização parece estar sofrendo um processo de “erosão” do seu conceito tradicional, tendo em visto os diversos questionamentos que surgem a respeito do conceito. Esses questionamentos, segundo o autor, têm aumentado por conta da investigação funcionalista e cognitivista que se tem feito a respeito da mudança linguística e que será discutido na sequência do texto. Esta pesquisa, porém, entende que, independentemente de qual seja a acepção adotada, a gramaticalização é um processo legítimo de mudança linguística que altera a gramaticalidade de um item, como ficará mais claro a seguir.

Justamente em razão de toda a discussão que se tem levantado recentemente em torno da gramaticalização, de acordo com Silva (2012), foi possível que avanços fossem feitos em relação aos estudos sobre esse processo. O autor afirma que, com o desenvolvimento dos

estudos nessa área, as mudanças linguísticas descritas a partir do aparato teórico da linguística cognitivo-funcional, como o modelo de Gramática de Construções, passaram a envolver não necessariamente apenas itens lexicais ou gramaticais, mas também construções em contextos específicos de uso.

Gramática de Construções e teoria da gramaticalização partilham os temas da emergência dos padrões gramaticais, da relação entre léxico e gramática e da função crucial do uso. A principal vantagem teórica da abordagem construcionista da gramaticalização é evidenciar que não pode sustentar-se a tradicional separação entre léxico e gramática, que itens lexicais e construções esquemáticas interagem de diversos modos e que os processos de gramaticalização poderão situar-se em diferentes pontos do contínuo entre léxico e gramática (SILVA, 2012, p. 6).

O processo de construcionalização, como processo de mudança, está amparado na abordagem construcionista e, por consequência, mantém pontos de ligação com a Gramática de Construções e com a gramaticalização. No entanto, ao contrário da gramaticalização que é pautada na separação entre léxico e gramática e possui seu foco apenas na gramática, a construcionalização deixa de lado essa separação, como afirma Silva (2012), passando a abranger todo o *continuum* linguístico. A construcionalização se preocupa, assim, tanto com o léxico, quanto com a gramática, englobando não apenas o processo de gramaticalização, como também processos de lexicalização.

Traugott e Trousdale (2013) separam, para fins de análise, a construcionalização em *construcionalização gramatical* e *construcionalização lexical*. Segundo os autores, a construcionalização gramatical é aquela em que ocorre o “desenvolvimento de morfemas individuais (‘morfema gramatical’), os quais são tipicamente simples ou ‘atômicos’ em estrutura, e mais frequentemente, específicos ou ‘substantivos’”²³ (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 94). Em relação à construcionalização lexical, eles afirmam que ela ocorre quando há o “desenvolvimento de novos signos que são forma_{nova}-significado_{novo} e no

²³ Development of individual morphemes (‘grams’), which are typically simple or ‘atomic’ in structure, and more often than not, specific or ‘substantive’ (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 94).

qual o polo do significado está associado principalmente com uma semântica concreta e o polo da forma, com categorias principais, como N, V ou Adj”²⁴ (TRAUGOTT, TRAUSDALE, 2013, p. 149). Nesse sentido, pode-se dizer que o processo de gramaticalização é considerado como parte integrante da construcionalização.

Retomando a afirmação de Silva (2012) sobre os questionamentos que a gramaticalização enfrenta em relação ao seu conceito, a emergência da construcionalização com base nos pressupostos da abordagem cognitivo-funcional possibilita que muitos dos problemas apontados sejam discutidos e que soluções sejam propostas, como é o caso, por exemplo, da questão da unidirecionalidade da gramaticalização.

Na medida em que a gramaticalização mantém seu foco na gramática, a direção da mudança é vista como de mão única (unidirecional) e tem nesse ponto o alvo de críticas, como exposto anteriormente. A construcionalização, ao abranger todo o *continuum* categorial (tanto o léxico quanto a gramática), possibilita que a mudança seja vista nas duas direções, assim como propõem Traugott e Trousdale (2013) com a construcionalização gramatical e lexical.

Com base na concepção de que a construcionalização abarca a gramaticalização e que ambas as propostas teóricas se complementam, esta pesquisa fará uso do processo de construcionalização para as análises a serem empreendidas, utilizando, principalmente, Traugott (2008) e Traugott e Trousdale (2013) como referencial teórico, sem, entretanto, desconsiderar que vários aspectos das análises aqui realizadas poderiam perfeitamente ilustrar um caso de gramaticalização para a locução conjuntiva *((n)a hora (em) que*.

²⁴ Development of new sigs which are form_{new}-meaning_{new} and in which the meaning pole is associated mainly with concrete semantics and the form pole with major categories such as N, V, or ADJ (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013, p. 149).

CAPÍTULO 2 – CORPUS E METODOLOGIA

2.1 *Corpus* da pesquisa

Para a constituição do *corpus* desta pesquisa, utilizou-se o banco de dados Iboruna, que faz parte do projeto intitulado “Amostra Linguística do Interior Paulista”, e cujo objetivo é servir à descrição do português falado no interior paulista. O Iboruna, que conta com falas representativas da região Noroeste paulista, é dividido em dois tipos de amostras de fala: a Amostra Censo e a Amostra de Interação. Nesta pesquisa, foram utilizados todos os inquéritos desses dois tipos de amostras disponíveis no banco de dados.

A Amostra Censo é formada por 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente (LABOV, 1972; VOTRE, OLIVEIRA, 1995), cada uma dividida em cinco tipos de texto: narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião²⁵. A Amostra de Interação, por sua vez, constitui-se de registros de amostras de fala coletadas, de forma secreta, em situações livres de interação entre dois ou mais informantes.

Para esta pesquisa, foram coletadas ocorrências que contivessem todas as formas do conectivo em foco (*na hora em que, na hora que, a hora que, hora que*) e orações temporais introduzidas por *quando*, a fim de se estabelecer uma comparação entre as formas em mudança e o conectivo prototípico introdutor de orações temporais. Essa comparação, como será mais bem explicitada no próximo capítulo, possibilitará que se reconheçam características semelhantes entre os conectivos e que se identifiquem aquelas que possam estar contribuindo mais fortemente para a fixação da função de introdutor de oração temporal para *((n)a hora (em) que*.

²⁵ Os fatores sociais presentes na Amostra Censo do banco de dados *Iboruna* foram objeto de análise sociolinguística da locução *((n)a hora (em) que*, no entanto, por não revelarem diferenças significativas entre as formas da locução, não serão detalhados nesta pesquisa.

No total, foram coletadas 295 ocorrências de *((n)a hora (em) que*, que se dividiram em 1 ocorrência de *na hora em que*, 84 de *na hora que*, 168 de *a hora que* e 42 de *hora que*. Os dados de oração temporal com *quando* totalizaram 1.295 ocorrências. Todos os dados foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb (SANKOFF, SMITH; TAGLIAMONTE, 2005), para a obtenção da distribuição percentual das ocorrências em relação aos fatores analisados, conforme se descreverá a seguir.

2.2 Metodologia da pesquisa

Os fatores investigados com a análise das ocorrências desta pesquisa encontram-se listados a seguir e são exemplificados com a forma *na hora que*, que é a forma que mantém o maior número de itens da construção, não contando apenas com a preposição *em* antes de *que* (*na hora em que*) e *que*, ao mesmo tempo, apresenta o maior número de ocorrências entre os dados, conforme se apontou anteriormente²⁶. Além disso, juntamente com a descrição dos fatores, indica-se o que se busca investigar com a análise de cada um deles, tendo em vista as hipóteses da pesquisa, que são as seguintes, conforme já se apresentou:

- 1) Considerando que *((n)a hora (em) que* se caracteriza como uma construção, quais são as propriedades formais (sintáticas, morfológicas, fonológicas) e funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) que a caracterizam e a distinguem da conjunção temporal prototípica *quando*?
- 2) Como se dá, para a locução em estudo, o processo de construcionalização, entendido nos termos de Traugott (2012) como um processo de criação de novos signos por meio de reanálises sequenciais de forma e significado, acompanhadas por mudanças no grau de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade* das formas?

²⁶ *Na hora que*, a partir deste momento, passará a ser utilizada para referência à locução *((n)a hora (em) que*, tendo em vista ser ela a forma que, ao mesmo tempo, exibe maior quantidade de ocorrências no *cópus* e que preserva a maior quantidade de itens da construção, isto é, a menos afetada pelo processo de redução fonológica que se encontra em andamento para a construção.

2.2.1 Fatores para a análise de propriedades formais

Os fatores descritos a seguir foram analisados com a finalidade de se identificar as propriedades formais presentes na construção *na hora que* e em suas formas reduzidas, bem como de se traçar uma comparação entre a locução conjuntiva e a conjunção *quando* no tocante aos seus aspectos morfossintáticos.

1) Forma do conectivo introdutor da oração temporal

Este primeiro fator diz respeito à forma do conectivo introdutor da oração temporal, a saber, *quando*, *na hora em que*, *na hora que*, *a hora que*, *hora que*. Com ele, averigua-se a frequência de uso de cada forma, assim como a distribuição das formas dos conectivos pelos fatores investigados, tanto formais quanto funcionais.

No programa estatístico Goldvarb, este fator foi considerado a “variável dependente” para o cruzamento com os demais fatores de análise.

2) Posição da oração temporal em relação à principal

Quanto à posição que a oração temporal pode ocupar em relação à oração principal com que ocorre, três posições são analisadas: *anteposta*, *intercalada*, *posposta*. As ocorrências a seguir exemplificam essas posições.

Anteposta

- (32) e isso eu chora::va chorava e minha mãe tava aqui em casa colocan(d)o a ro(u)pa no varal ela num sabia que que tava acontecen(d)o né?... na hora que ela chegô(u) lá (meu rosto) tava tudo ensangüenta::do... ela me pegô(u) nos BRAço e saiu corren(d)o pra farmácia... (IBORUNA-AC-044)

Intercalada

- (33) aí foi um pra cada lado praticamente... mas *ELE o Luxemburgo na hora que tava lá eu... eu acho que ele... soube... montá(r) o time...* mesma coisa... se for pra:... contratá(r) um monte de gente (IBORUNA-AC-053)

Posposta

- (34) eu senti certinho o corpinho dele assim sain(d)o SÓ (aquilo) lá pra mim ficô(u) bem:: marcado me(s)mo o nascimento dele... e *vê a cari::nha dele... que/ que ele era parecido c'o meu pai na hora que nasceu...* foi I::sso assim que mais marcô(u) assim que tem na na na mente assim que marcô(u) (IBORUNA-AC-030)

Para a análise desse fator, no que diz respeito à posição em relação à oração principal, supõe-se que as orações com *na hora que* sigam o padrão das orações temporais prototípicas em português, encabeçadas por *quando*, que são majoritariamente antepostas à oração nuclear (NEVES, BRAGA, DALL'AGLIO-HATTNER, 2008). Na medida em que se confirmar essa suposição, ter-se-á evidência de comportamento de *na hora que* similar a *quando*, como forma introdutora de orações temporais.

3) Correferência entre os sujeitos nas orações

Com a análise dos sujeitos das orações, o objetivo é verificar se os sujeitos nas orações hipotática e nuclear são *idênticos* ou *não idênticos*. Por meio dessa análise, será possível observar características sintáticas da construção *na hora que*, relacionadas ao grau de vinculação entre as orações temporal e principal. A seguir, encontram-se ocorrências com sujeitos idênticos e não idênticos.

Idênticos

- (35) Uma MOça chegô(u) perto dela por trás dela e pôs um pano no nariz dela... [Doc.: nossa] daí disse que ela desmaiô(u)... daí ro(u)baram o dinhe(i)ro dela *na hora que ela acordô(u) ela tava lá em ba(i)xo perto do Golfinho* lá em ba(i)xo... sozinha sentada na calçada (IBORUNA-AC-058)

Não idênticos

- (36) a luz num vai passá(r)... então não vai queimá(r)... na tela... então vai ficá(r) um... um::... um::... vai ficá(r) um espaço... um espaço como assim?... *na hora que você coloca... uma::... uma tinta em cima... ela vai escorrê(r)... bem por esse espaço* (IBORUNA-AC-053)

O maior grau de vinculação entre os sujeitos das orações, indicado pela ocorrência de sujeitos correferenciais, pode se correlacionar a um maior grau de gramaticalização entre as orações e, inversamente, um menor grau de vinculação, revelado pela ocorrência de sujeitos diferentes nas orações, correlaciona-se a menor grau de gramaticalização das orações que integram o complexo oracional (LEHMANN, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

A principal hipótese subjacente à análise desse fator é, desse modo, a de que, por serem mais prototípicas, as orações com *quando* supostamente participam mais de construções com sujeitos correferenciais, indicativas de maior grau de vinculação/gramaticalização entre a oração adverbial e a principal, do que as orações com *na hora que*.

4) Correlação modo-temporal das orações

Apesar de existir uma vasta possibilidade de combinação entre a forma modo-temporal da oração principal com a oração hipotática, busca-se com a análise desse fator identificar combinações sistemáticas capazes de caracterizar as formas de oração em estudo.

Para a organização das ocorrências, observou-se primeiramente a oração hipotática e, depois, a oração nuclear, isto é, as indicações da correlação modo-temporal sempre seguem a ordem *oração hipotática / oração nuclear*. A seguir, encontram-se exemplos com algumas das opções de cruzamento encontradas nas ocorrências.

Pretérito Imperfeito do Indicativo / Pretérito Perfeito do Indicativo

- (37) fiquei na mi/ na casa da minha vó ficô(u) eu e os meus primo lá e ele foi embora pra essa festa tal... aí ele foi... de boa chegô(u) lá... foi na festa tudo tal aí *na hora que ele tava voltan(d)o... ele... deu de frente c'um boi no meio da avenida da/ da rodovia... e aí... tal capotô(u) o carro fez um monte de coisa tal (IBORUNA-AC-019)*

Pretérito Perfeito do Indicativo / Pretérito Imperfeito do Indicativo

- (38) eu senti certinho o corpinho dele assim sain(d)o SÓ (aquilo) lá pra mim ficô(u) bem:: marcado me(s)mo o nascimento dele... e vê a cari::nha dele... que/ que *ele era parecido c'o meu pai na hora que nasceu... foi I::sso assim que mais marcô(u) assim que tem na na na mente assim que marcô(u) (IBORUNA-AC-030)*

Pretérito Perfeito do Indicativo / Pretérito Perfeito do Indicativo

- (39) o:: pessoal do ônibus assim tava lá na maior algazarra (inint.)... aí falô(u) que tinha um enferme(i)ro no ônibus que *na hora que a polícia chegô(u) ele quis ajudá(r) né?* (IBORUNA-AC-044)

Presente do Indicativo / Presente do Indicativo

- (40) você pega a goiabada você derrete um pedaço dela... com um po(u)co de água... *na hora que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada (IBORUNA-AC-106)*

Pretérito Imperfeito do Indicativo / Pretérito Imperfeito do Indicativo

- (41) eu era muito::... vamos dizê(r) assim revoltado... né?... das dificulda::des que eu passei quando a gente passô(u) quando eu era mais novo... aí depois que eu comecei compreendÊ(r)... que fui tendo mais ida::de... (por exemplo) que eu era muito impulsIvo... né?... *na hora que cê pensava... em acendê(r) o fósforo eu já tava explodin(d)o... aí não aí... conforme eu... e a época/ do tempo foi passan(d)o... em vez de eu tê(r) essa reaÇÃO... sabe? eu... eu ficava nervoso eu começava a rezá(r) sozinho (IBORUNA-AC-111)*

Futuro do Subjuntivo / Presente do Indicativo

- (42) coloca uma colher de açúcar... e:: duas colheres de maisena... né? Como diz a Maria/ Maria Braga *cê tem colocá(r) duas colheres de maisena de MÃE mesmo... e ocê vai... isso num num... num num po/ numa vasilhinha você::... dissolve tudo... né?... e na hora que:: tivé(r) tudo al dente lá... o franguinho lá:: os::... os picadinho lá tudo tivé(r) al dente... você vai... despeja essa::/ esse/ esse shoyo a água tudo... cê despeja... e vai mexen(d)o mexen(d)o mexen(d)o mexen::(d)o::... e como você tacô(u) maisena... então se tá no frio então ele já dissolve né? (IBORUNA-AC-053)*

Pretérito Perfeito do Indicativo / Presente do Indicativo

- (43) Doc.: depois de... pôr a farinha e leite de côco tem que... incorporá(r)
Inf.: sim aí ⁶[você volta]
Doc.: ⁶[a clara]
Inf.: a ligá(r)... a a a ba/... ah verdade... verdade... eu esqueci de colocá(r) as claras no bolo... *você na hora que... que::... que... você colocô(u) já... é o final do... do bolo... então você... eu ponho assim... eu ponho metade da clara... e::... e de(i)xo... de(i)xo a essa clara::... bato um po(u)co... aí o resto... da metade... eu incorporo na mão mesmo porque quan/ a a clara... é que de(i)xa o bolo assim... mais LE::ve mais... é pra airá(r) bolo (IBORUNA-AC-150)*

Como hipótese, seguindo Neves, Braga e Dall’Aglío-Hattner (2008), que analisaram sentenças temporais no português falado culto e perceberam que a conjunção prototípica *quando* apresenta *consecutio temporum et modorum*, isto é, mesmo tempo e modo verbais (presente do indicativo / presente do indicativo; pretérito perfeito do indicativo / pretérito perfeito do indicativo; etc), espera-se que as orações com *na hora que* também apresentem maior frequência nas correlações com mesmo tempo e modo verbais, servindo de argumento favorável ao seu estatuto de conjunção temporal.

2.2.2 Fatores para a análise de propriedades funcionais

Para a análise das propriedades funcionais, isto é, semânticas e pragmático-discursivas relativas à construção *na hora que* e a suas formas reduzidas (*a hora que*, *hora que*), bem como à conjunção *quando*, foram utilizados os seguintes fatores:

1) Valor circunstancial da oração

Neves (2000) observa que as orações temporais permitem leituras que não sejam somente de tempo ao se conectarem a outras orações por meio de um conectivo de valor bem neutro, como *quando* e *enquanto*, e ao se inserirem em contextos modo-temporais específicos.

A autora afirma que, em uma relação temporal com sentido *causal*, tanto a oração hipotática quanto a oração principal apresentam um aspecto perfectivo, como no exemplo (44). Em uma relação temporal com sentido *condicional*, o aspecto imperfectivo e eventos simultâneos são observados, como mostra o exemplo (45).

(44) *Mudou de conversa quando alguém perguntou pelas dicas (REA) (NEVES, 2000, p. 798).*

(45) *Esta é a história de um soldado que se sentia em casa somente quando vadiava pelas cidades (CCI) (NEVES, 2000, p. 799).*

Há também orações com sentido *concessivo*, em que o aspecto principal é o imperfectivo, cujo exemplo se encontra em (46) acima. Por fim, Neves (1997) trata da relação temporal com sentido *adversativo*, que são marcadas pela conjunção *enquanto*. Segundo a autora, além de uma simultaneidade presente no evento da oração, o significado básico é o de um estado de coisas durativo, como no exemplo (47).

- (46) Essa mulher *procura* um trabalho *quando* centenas de outros *abandonam* seus trabalhos (CCI) (NEVES, 2000, p. 800).
- (47) *Enquanto* uma lê a Bíblia e se preocupa com o espírito, a outra admira a força física, o vigor corporal, faz desportos (AE) (NEVES, 2000, p. 800).

Com base nessa ambiguidade que os conectivos exibem, a análise do valor circunstancial da oração de tempo, nesta pesquisa, destina-se a verificar se as ocorrências apresentam outras leituras além de *tempo*, revelando propriedades semânticas da construção *na hora que* e de sua relação com a conjunção *quando*. Em (48), encontra-se um exemplo de *na hora que* com valor temporal:

Tempo

- (48) nós chegamo(s) aqui né?... e eu tinha aberto o vitrô... e *na hora que eu cheguei tava tudo fechado...* e eu antes de í(r) pra minha avó eu abri... pra que ela ⁶[Doc.: uhum ((concordando))] ⁶[num percebesse] nada... ela falô(u) – “não mas eu fechei” – eu falei – “não o M. abriu... né?” (IBORUNA-AC-086)

Observa-se que, nessa leitura temporal, não há uma relação de causa ou de condição entre as orações; o fato de o enunciador ter chegado, não implica em estar tudo fechado. Há, nesse caso, apenas uma leitura temporal. Da mesma forma como ocorre com a conjunção *quando*, que também apresenta leitura apenas temporal, é esperado que *na hora que* apresente outras leituras secundárias no córpus pesquisado.

No levantamento feito no banco de dados Iboruna, foram encontradas algumas ocorrências em que a conjunção *quando* apresenta leituras polissêmicas além da temporal,

como leituras de *tempo-causa* e de *tempo-condição*, que são indicadas a seguir:

Tempo-causa

- (49) aí quando a bola aí tem a linha né? em volta do campo... e aí... *quando a bola SAi dessa linha é:: lateral* porque aí vai... um jogador se for futsal com pé e se for... éh futebol de campo com a mão ele CObra a lateral que ele joga a bola pro... pro seu... pro:: pra pessoa do seu time (IBORUNA-AC-001)

Tempo-condição

- (50) aí:: espera ficá(r) bem vermelhinho aí põe a água... depois põe a água... aí afo::ga... de(i)xa ela fervê(r)... *quando tá fervendo aí você mistura os legumes...* todos os legumes cê mistura ali::... aí você pode::... pode pôr o caldo caldo::... pode pôr um:: Salsare::tti ou a massa de tomate mesmo só pa dá(r) uma corzinha... (IBORUNA-AC-065)

No exemplo (49), a relação causal se estabelece entre os eventos [*a bola sai dessa linha*] e [*é lateral*], pois, o evento na primeira oração acarreta a ocorrência do evento na segunda oração ([*é lateral*]). Já no exemplo (50), o evento da oração hipotática ([*tá fervendo*]) é visto como um pré-requisito para que o evento da oração principal seja efetivado, isto é, é necessário que o evento da oração hipotática ocorra primeiro para que depois se concretize o evento na oração principal. Note-se que o aspecto temporal presente em *quando* está previsto em Neves (2000).

Na análise deste fator, seguindo o padrão de comportamento de orações com *quando*, conforme descrito em Neves (2000) e comprovado aqui com os exemplos do próprio banco de dados em análise, supõe-se que as orações com *na hora que* também apresentariam leituras adicionais à leitura temporal.

2) Localização temporal dos eventos

Assim como no fator anterior, a localização temporal dos eventos possibilitará que se identifiquem características semânticas da construção *na hora que*. O foco desta análise será apenas a localização temporal da oração que contém os conectivos, isto é, da oração

hipotática, podendo ser *presente*, *passado* ou *futuro*.

Com a análise do fator “correlação modo-temporal”, descrito anteriormente, observavam-se as marcas morfológicas de tempo e, com isso, a temporalidade efetivamente expressa pelo verbo das orações. Diferentemente, ao investigar a localização temporal dada pela hipotática ao evento da oração principal, além de a análise recair mais especificamente sobre a oração introduzida pelos conectivos em estudo, não se observa necessariamente o tempo verbal expresso pelo verbo. Nesse fator, observa-se a localização temporal de fato veiculada pelo evento da oração hipotática. Dessa forma, evita-se, por exemplo, a ambiguidade causada pelo tempo *presente do indicativo*, que veicula valor de futuro e de passado a depender do contexto, como no exemplo (51), em que o verbo da oração hipotática está conjugado no presente do indicativo, mas a oração veicula um tempo passado:

- (51) mas parece que ele fez as casas... pra vir gente de fora e::... entendeu?... então minha mãe mesmo que eu que eu me lembro... minha mãe disse que quando é:: governo do:: do do do Manoel Antunes... o que tem de pedinte na cidade... o que tem de de pessoas baten(d)o na porta das casas pedin(d)o comida... pedin(d)o dinhe(i)ro tal então assim... é:: o que que acontece com os outros governos foi coincidên::cia::... é:: num foi... o que que aconteceu né?... (IBORUNA-AC-118)

Abaixo, encontram-se exemplos com *na hora que* para cada um dos valores circunstanciais:

Passado

- (52) então... veio um ca::rro... um Vero::na... verde... e baTEU mais de cem por hora n/ na gente... eu tava dormin(d)o... no banco de trás né? deitado... e:: na hora que pegô(u) impacto eu acordei e rolei e bati na clavícula e quebrei (IBORUNA-AC-009)

Presente

- (53) agora eu vô(u) falá(r) do SESC... como é o SESC... lá... na hora que a gente entra assim tem a:: secretaria ali administração (IBORUNA-AC-016)

Futuro

- (54) aí eu bato misturo bem assim e prime(i)ro... prime(i)ro unto a forma... e assim eu só coloco o pó Royal na hora que fô(r) colocá(r) no forno assim dá aquela misturadinha bem leve (IBORUNA-AC-048)

Por meio dessa análise, investiga-se a hipótese de que a maior parte das ocorrências, tanto com *na hora que* quanto com *quando*, seja indicativa de localização temporal de passado, uma vez que as narrativas, tipo de texto em que, hipoteticamente, sejam mais frequentes as ocorrências de construções sinalizadoras de circunstância temporais, caracterizam-se por relatos de eventos ocorridos no passado.

3) Pontualidade do evento da oração hipotática

Com a análise do evento veiculado na oração temporal, como *pontual* ou *não pontual*, busca-se caracterizar mais detalhadamente as propriedades semânticas das construções em estudo. As ocorrências em (55) e (56) exemplificam eventos analisados como pontuais e como não pontuais, respectivamente.

Pontual

(55) aí fiz o pré-natal tudo direiti::nho... aí fui... marcô(u) a cesárea... aí na hora... que eu fui pra sala... e:: o médico já começô(u) me:: me:: cortá(r)... aí eu gritei –“*não do(u)tor mas ainda num adormeceu*”– eu mexia com meus pés [Doc:: aham]... aí ele falô(u) –“*não mas é só:: o local que vai adormecê(r)*” (IBORUNA-AC-128)

Não pontual

(56) eu acho que era sim... no momen/ na hora que o povo tava zoan(d)o ele vixe ele já cortava todo mundo cortava o barato de todo mundo pra continuá(r) a matéria daí ele ficava nervoso ele num de(i)xava zoá(r) ele (IBORUNA-AC-016)

Neste fator, serão analisados os aspectos perfectivo e imperfectivo, baseado em Travaglia (2015), observando se eles contribuem para a caracterização do evento da oração hipotática como pontual ou não²⁷. A tese a ser averiguada é a de que as formas de *na hora que* introduzam mais frequentemente eventos pontuais, conforme atestado por Sousa e Renck (2011), o que possivelmente evidenciará uma especialização da construção em relação ao conectivo *quando*.

²⁷ A análise dos dados levará em consideração a realização do evento presente na oração hipotática dentro de seu contexto, e não unicamente o significado lexical do verbo da oração.

4) Tipo de texto

Seguindo a separação em tipo de texto já presente no banco de dados Iboruna, investiga-se, com este fator, a frequência de ocorrência das construções em estudo nos seguintes tipos textuais: *narrativa de experiência, narrativa recontada, relato de procedimento, descrição de local, relato de opinião, interação livre.*

Por meio dessa análise, será possível observar propriedades discursivo-funcionais de *na hora que* relativas às intenções discursivas mais amplas que os falantes têm com cada tipo de texto, isto é, descrever um local, contar uma história, dar uma opinião, etc. Em caráter de ilustração, encontram-se a seguir ocorrências que foram extraídas de cada um dos tipos investigados.

Narrativa de experiência

(57) eu lembro que eles tava discutin(d)o né?... aí os meu/ os meus dois í(r)/ irmão foi lá vê(r) o que que era né? eu tava dormin(d)o... aí *na hora que eu acordei que eu vi eles gritan(d)o eu acordei eu fui lá vê(r)* tava todo mundo lá já... aí eu vi que eles tava discutin(d)o né? (IBORUNA-AC-015)

Narrativa recontada

(58) aí eles ficaram assim... traumatizado sabe? tiveram até que:: que mudá(r) de casa... *a mãe do moleque na hora que viu assim pensava que/ que a culpa era dele né?* mas aí ele explicô(u) que não (IBORUNA-AC-044)

Relato de procedimento

(59) aí vem com a concha e e coloca o creme por cima... e finaliza com::... éh cebolinha picadinha... taca em cima... porque o fe/ porque isso... porque *na hora que cê fô(r) serví(r) você com a concha cê vai com ela até o fundo e traz o milho* (IBORUNA-AC-115)

Descrição de local

(60) Doc.: é bem arborizado?
Inf.: totalmente arborizado inclusive... ah:: *pra gente percebê(r) onde é o campus de São Carlos na hora que eu passo na rodovia Washington Luiz eu viro à direita pa cidade onde tivé(r) arborizado... é o campus é fácil localização.* (IBORUNA-AC-081)

Relato de opinião

(61) os alunos que fazem bagunça na aula dele tem um medo dele porque ele é nervoso sabe? *na hora que é pra sê(r) nervoso ele é mesmo* (ele é grosso) (IBORUNA-AC-016)

Interação livre

- (62) Inf.2.: eu num sei se é três ou quatro [Inf.1: (acho que é quatro)] falô(u) mas eu num lembro... ago::ra nem que é filha... agora a culpada é a MãE... que elas/ essas mulher hoje tá um tal de larga do maRIdo e junta com O(u)tro... então *quando é o padrasto que estupra eu falo...* ¹³[–“a mãe que é culpada”–]
 Inf.1.: ¹³[olha a::] M. aqui é separada (né?) parece que o marido dela:: o marido dela::
 Inf.2.: é agora ele foi tá numa chácara (IBORUNA-AI-002)

A principal hipótese ligada à análise da distribuição das ocorrências pelos diferentes tipos de texto é que *na hora que*, tal como a forma prototípica *quando*, ocorra com maior frequência em narrativas, que são aqueles gêneros em que a orientação temporal de um evento em relação a outro é extremamente importante para que seja mantida a coerência da narração, que depende da sucessão dos eventos narrados.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, discutem-se os resultados da aplicação dos fatores segundo os quais as ocorrências, tanto com *quando* quanto com *na hora que* (e suas alternantes), foram analisadas. A partir da tabulação dos dados feita com o programa estatístico *Goldvalb*, foi possível evidenciar a frequência das ocorrências com cada um dos fatores. No programa *Goldvarb*, foram feitos processamentos comparativos entre *quando* e *na hora que* e, posteriormente, entre as formas de *na hora que* (*na hora em que*, *na hora que*, *a hora que* e *hora que*). Os valores encontrados serviram de base para as análises propostas nesta pesquisa, conforme será explicitado a seguir.

Para uma melhor organização, este capítulo será dividido em três partes. Inicialmente será feita a discussão sobre a composicionalidade presente na construção *na hora que* e a possibilidade de ela ser um conectivo introdutor de espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 2007), tratando-se, portanto, nessa parte, de seu estatuto de locução conjuntiva temporal.

Na segunda parte do capítulo, será feita uma análise comparativa entre o conectivo *na hora que*, amalgamadas aí suas outras formas, e o conectivo *quando*. O objetivo com essa comparação é, primeiramente, investigar quanto das propriedades características da conjunção temporal *quando* está presente também na forma *na hora que* e, em segundo lugar, averiguar possíveis características distintivas entre elas, evidenciando os aspectos de especialização de *na hora que*.

Posteriormente, serão apresentados os resultados obtidos com a comparação entre as formas de *na hora que*. Com isso, o objetivo é reconhecer em que estágio de mudança construcional está cada forma, quais são as características particulares de cada uma e quais as diferenças entre elas. Além disso, buscam-se, também, elementos que permitam esclarecer

como se dá o processo de construcionalização em *na hora que*, por meio de mudanças em seus graus de esquematicidade e de produtividade.

3.1 O estatuto de locução conjuntiva temporal de *na hora que*

A forma *na hora que*, como já foi discutido no capítulo 1, apresenta uma possibilidade ambígua de análise, quando se focaliza a sequência linguística sem se levar em conta o contexto sintático mais amplo em que ela ocorre, isto é, se como introdutor de oração, como complemento verbal, etc. Em uma primeira interpretação, *na hora* é vista como um sintagma separado da partícula *que*, a qual, nesse caso, é interpretada como um pronome que inicia uma oração relativa, modificadora do nome *hora*. Em uma segunda leitura, *na hora que* é um bloco que introduz uma oração hipotática temporal, estabelecendo uma relação de circunstância com a oração principal, que é a leitura considerada por este trabalho.

A composição de uma locução se dá pela união de palavras que atuam juntas como uma unidade de significado; nesse sentido, é possível entender que a junção de elementos na formação de uma locução corresponde à criação de uma construção, visto que a construção representa uma unidade de significado. Sobre a união dos elementos na formação da construção, Bybee (2010) apresenta o processo chamado *chunking*. Esse processo evidencia o encaixamento de itens dentro de uma construção em razão da repetição dos itens na sequência que eles integram. Segundo a autora,

chunking é o processo por trás da formação e do uso de fórmulas ou de sequências pré-fabricadas de palavras como *take a break, break a habit, pick and choose* e é um mecanismo primário que conduz à formação de construções e estrutura de constituinte²⁸ (BYBEE, 2010, p. 35).

²⁸ Chunking is the process behind the formation and use of formulaic or prefabricated sequences of words such as *take a break, break a habit, pick and choose* and it is also the primary mechanism leading to the formation of constructions and constituent structure (BYBEE, 2010, p. 35).

Como afirma Bybee (2010), o *chunking* faz com que essas sequências pré-fabricadas se unam em um bloco e formem uma construção. Conforme se buscará demonstrar, esse processo pode ser considerado como estando na base da concepção de *na hora que*, como um único bloco, uma única construção que atua como locução conjuntiva introdutora de oração temporal.

Um primeiro aspecto que demonstra a ocorrência de agrupamento entre os elementos na construção é o teste em que se propõe uma pergunta à oração nuclear, a fim de que se verifique qual é a locução conjuntiva presente na outra oração. Este teste é baseado em Lima-Hernandes (2004), cuja pesquisa apresentada no primeiro capítulo utiliza esse tipo de questionamento para compreender o estatuto de locução conjuntiva de *a hora que*.

No exemplo abaixo, a sentença possui duas orações: a primeira, que conta com a presença de *na hora que*, servirá de base para a resposta à pergunta que será proposta, enquanto a segunda oração será utilizada para a formulação da pergunta:

- (63) o:: pessoal do ônibus assim tava lá na maior algazarra (inint.)... aí falô(u) que tinha um enferme(i)ro no ônibus que *na hora que a polícia chegô(u) ele quis ajudá(r) né?* (IBORUNA-AC-044)

Seguindo a mesma proposta de Lima-Hernandes (2004), são colocadas abaixo as duas opções de resposta para a pergunta: *Quando ele quis ajudar?*

- (63a) Quando ele quis ajudar?
Na hora que a polícia chegou.
- (63b) Quando ele quis ajudar?
**Na hora.*

Nota-se, com as respostas em (63a) e (63b), que é necessária a recapitulação do conteúdo total da oração hipotática para que a resposta seja satisfeita, o que ocorre em (63a). Na resposta de (63b), em que a construção não está completa, há uma perda do significado da

construção; não é possível resgatar seu sentido, revelando o amalgamento dos itens de *na hora que* por meio do *chunking*.

Outro ponto que reforça o estatuto de *na hora que* como um único bloco, uma única construção, é o grau de composicionalidade da forma (TRAUGOTT, 2012; TRUGOTT, TROUSDALE, 2013). A composicionalidade, a esquematicidade e a produtividade, já apresentadas no primeiro capítulo, são fatores relacionados ao processo de construcionalização. No entanto, a composicionalidade é o fator mais diretamente relacionado à integração entre os itens da construção.

Como explicado no primeiro capítulo, uma construção é menos composicional quando seu significado não é necessariamente extraído de seus itens separadamente, mas de seu todo. Há, nesse caso, uma menor transparência semântica entre a combinação do significado das partes e a forma/sintaxe da construção (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

No que se refere ao grau de composicionalidade das formas de *na hora que*, observa-se, por exemplo em (64), abstratização semântica do significado do nome *hora*, quando integra a unidade *na hora que*:

- (64) você pega a goiabada você derrete um pedaço dela... com um po(u)co de água... *na hora que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada* (IBORUNA-AC-106)

Há, no exemplo, uma indicação de um momento por meio da construção *na hora que*. A oração [*ela fica bem cremosa dura*] é utilizada como referência para o momento em que se *pega esse creme branco e mistura com a calda da goiabada*. Existe nessa relação entre as orações um significado temporal, assim como no nome *hora*, no entanto esse significado é estabelecido pela construção como um todo; *hora* aparece com seu significado esmaecido e está amalgamado aos demais itens da construção. Conforme a proposta apresentada por Traugott e Trousdale (2013), há uma diminuição semântica em cada item, incluindo o nome

hora, o que faz com que o significado da construção só seja possível de ser compreendido quando interpretado a partir de seu todo, no qual os itens atuam em uma mesma unidade linguística.

Para evidenciar o grau de composicionalidade de um elemento, pode-se pensar também na possibilidade de outros itens serem inseridos no interior da construção. Assim, quanto maior a possibilidade de um item adicional integrar a construção, maior será seu grau de composicionalidade, já que haverá maior autonomia entre os itens e, inversamente, quanto menor a possibilidade de um item integrar a construção, menor o grau de composicionalidade dessa construção.

Para a construção *na hora que*, propõe-se como teste para medir o grau de composicionalidade de cada uma das formas da construção inserir no interior da unidade linguística o modificador *exata*: uma vez que esse elemento se tornar aparentemente natural, essa será uma característica de que há um maior grau de composicionalidade na forma da construção, permitindo que haja inserção de elementos dentro dela; caso a ocorrência do modificador dentro da construção não seja natural, haverá menor grau de composicionalidade na forma, evidenciando uma maior aglutinação entre os itens, e a reanálise dos itens como uma locução conjuntiva.

- (64a) na hora exata em que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada.
- (64b) na hora exata que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada.
- (64c) a hora exata que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada.
- (64d) hora exata que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada.

Na presença do novo elemento no interior da construção, as formas apresentam algumas diferenças. *Na hora em que*, a forma mais completa parece não possuir uma conexão

muito tensa entre os itens que a compõe, permitindo que um modificador seja adicionado em seu interior sem que isso torne sua estrutura menos natural a um falante do português, o que indica um nível de composicionalidade maior da construção. As formas intermediárias, *na hora que* e *a hora que*, não apresentam tanta naturalidade quanto a forma mais completa, indicando não haver o mesmo grau de composicionalidade que na outra forma. Em ambos os casos, apesar de parecer possível que um falante faça uso da construção com a inclusão de *exata*, há certo truncamento na pronúncia da construção que talvez interfira em seu uso. Já *hora que*, por fim, parece possuir seus itens mais integrados uns aos outros e, portanto, é menos composicional, tornando a presença de um modificador dentro da construção, aparentemente, muito pouco natural a um falante nativo. A presença de *exata* parece aumentar, assim, o truncamento da construção na sentença, fazendo com que a naturalidade de sua ocorrência seja perdida.

A partir das análises feitas aqui da construção *na hora que*, com base no processo de *chunking* (BYBEE, 2010) e na composicionalidade das formas da construção, propõe-se um *cline* que capte o amalgamento entre os itens presentes nas formas de *na hora que*, representado da seguinte maneira:

na hora em que > na hora que > a hora que > hora que
Figura 5: *Cline* da composicionalidade das formas de *na hora que*

No *cline* acima, com a disposição das formas de *na hora que*, observa-se que há uma correlação entre o grau de composicionalidade e a redução fonológica das formas da construção. A redução fonológica, que está, portanto, intimamente ligada ao grau de composicionalidade, é um processo que pode alcançar a construção e possibilitar a identificação de sua gramaticalização (LEHMANN, 1982). De acordo com Lehmann (2002), a redução fonológica, chamada pelo autor de *atrição fonológica* (*phonological attrition*), atinge o item linguístico, modificando seu peso paradigmático. Da mesma forma, a mudança

no grau de composicionalidade proposta por Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013) também atinge a construção, menos composicional.

No caso de *na hora que* e suas diferentes formas, a redução fonológica, com o apagamento da preposição *em*, antes e depois do nome *hora*, e do determinante *a*, é mais uma evidência de que a construção é menos composicional. Seguindo a direção dessa redução fonológica, elas passam a ser cada vez mais interpretadas como uma locução conjuntiva e menos como um sintagma nominal determinado e modificado por uma oração relativa. Nesse sentido, *hora que*, que apresenta maior grau de redução fonológica e possui seus itens mais integrados uns aos outros, seria a forma menos composicional e, também, a forma mais esquemática, por apresentar maior grau de abstração (dessemantização) de seus itens componentes.

Na hora que, que possui o estatuto de locução conjuntiva comprovado pelo processo de *chunking* e pelo fator composicionalidade, ratificado pela redução fonológica, apresenta uma aglutinação muito grande entre seus itens, o que faz com que eles interajam para o significado total da construção.

Em termos funcionais, conforme já apontado, defende-se, neste trabalho, que *na hora que*, ao iniciar uma oração que veicula um evento que localiza temporalmente o evento de uma outra oração, constitui-se de uma construção que funciona, no português atual, como locução conjuntiva introdutora de orações hipotáticas temporais, ao contrário da segunda possibilidade de interpretação já apresentada no início da seção, de que *na hora que* poderia ser vista como um sintagma somado à partícula *que*, introduzindo uma oração relativa. A interpretação de *na hora que* como locução conjuntiva temporal se sustenta principalmente pela inexistência de itens lexicais entre os elementos que compõe a construção e pelo fato de que as formas da construção estão perdendo itens e tornando-se mais reduzidas, fazendo com que a presença de um elemento em seu interior seja cada vez mais difícil, tendo em vista a

composicionalidade cada vez menor das formas da construção.

Foram levantadas, no *corpus* da pesquisa, todas as ocorrências em que aparece a sequência de itens *hora que* tanto em contexto de oração temporal, que será representado por *[hora que]*, quanto em contexto em que a forma não inicia uma oração temporal, representado por *[hora] [que]*, com a finalidade de comparar os dois tipos de ocorrência nos dados. Ao todo, foram encontradas 50 ocorrências de *[hora] [que]* fora do contexto de oração hipotática temporal e 295 ocorrências de *[hora que]* no início de oração temporal, conforme distribuídas no quadro a seguir:

<i>[Hora] [que]</i>	<i>[Hora que]</i>	Total
50 / 14,5%	295 / 85,5%	345 / 100%

Quadro 2: Sequência dos itens *hora que*

Conforme se observa, *[hora] [que]* é utilizado com uma frequência muito menor do que *[hora que]*. Essa grande diferença de percentual revela a preferência que os falantes têm em utilizar a sequência *hora que* em contextos de orações temporais, comprovado pelo índice de 85,5% de uso frente a apenas 14,5% de uso na introdução de orações relativas. Abaixo são dados exemplos com cada uma das possibilidades de interpretação da sequência dos itens:

- (65) Doc.: e:... e dentro da sua casa qual... o cômodo que o senhor mais gosta?
 Inf.: olha... depende a hora... *tem hora que eu gosto muito mais da cozinha...* porque quando bate aquela fominha assim a cozinha é o melhor cômodo... mas quando bate o soninho é o quarto (IBORUNA-AC-091)
- (66) ela arremessô(u) a faca eu num senti NADA num doeu NADA NADA NADA... *hora que eu vi tava jorran(d)o sangue...* acho que POR DEUS que tinha uma toalha de banho (ela apertô(u)) (inint.) e (saímos) pro postinho (IBORUNA-AC-027)

Em (65), a partícula *que* é interpretada como um item separado do sintagma *hora*. O nome *hora* refere-se ao momento *em que* o falante gosta de determinada coisa (*eu gosto muito mais da cozinha*), mas não há uma relação entre dois eventos. Não se observa, portanto, uma relação circunstancial hipotática estabelecida pela sequência *[hora] [que]*.

Já no exemplo (66), [*hora que*] introduz uma oração hipotática (*eu vi*) que se relaciona temporalmente a uma sequência de eventos (*tava jorrando sangue*). Estabelece-se, assim, uma relação circunstancial de tempo entre o acontecimento do evento na oração hipotática e o acontecimento do evento na oração nuclear. [*Hora que*], ao contrário do que ocorre no exemplo (65), atua, portanto, como uma locução conectiva temporal ao introduzir uma oração hipotática.

Como demonstrado no quadro acima, a frequência de [*hora que*] como locução conjuntiva temporal é maior do que sua ocorrência como um nome simples indicativo de tempo e modificado por uma oração adjetiva, o que leva a crer que a forma se encontra já bastante consolidada, e assim, já convencionalizada como conectivo temporal no português falado, pelo menos na variedade investigada.

Em relação à distinção dos tipos de contextos de gramaticalização, Diewald (2002) explica que, no terceiro contexto, chamado de *contexto de isolamento*, coexistem o antigo significado e o novo significado, sem que eles se confundam, ou seja, o novo significado está isolado do antigo e é, portanto, mais gramaticalizado. Com a análise dos dados feita, percebe-se que o significado [*hora que*] está isolado do significado de [*hora*] [*que*], apresentando contextos de uso altamente distintos.

Introduzindo uma oração hipotática temporal, ao se consolidar na língua como um conectivo, *na hora que* se insere no sistema gramatical ao lado de outras conjunções, como *quando*, por exemplo. A interpretação de sua acomodação no sistema gramatical da língua portuguesa está baseada na Teoria dos Espaços Mentais, apresentada por Fauconnier (1994, 2007), que auxilia na compreensão do funcionamento da construção *na hora que* como introdutora de espaços mentais temporais.

A Teoria dos Espaços Mentais é um modelo teórico que teve origem na Semântica Cognitiva. Fauconnier (1994) define espaços mentais como conjuntos parciais de significado

construídos de acordo com a forma como falamos para compreensão e ação sobre o interlocutor. Em outras palavras, são conjuntos dinâmicos, temporários e construídos durante o andamento da interação com o interlocutor. Eles constituem-se de *frames* e modelos cognitivos construídos e modificados conforme os desdobramentos do pensamento e da interação em andamento. De acordo com o autor, *frame* é a organização dos elementos e relações de um espaço mental dentro de um pacote já conhecido.

Com relação ao modo de construção dos espaços mentais, Fauconnier (2007) afirma que, como propriedade geral, os espaços mentais são construídos em parte por recurso a estruturas disponíveis a partir da memória de longo prazo e, em parte, por intermédio dos domínios conceptuais temporários construídos durante o andamento de interação. Em termos de recursos formais, os diferentes espaços mentais são construídos por meio de diversas unidades linguísticas, como sintagmas preposicionados (*na semana passada, no verão passado, em tese, etc.*), advérbios (*ontem, hoje, teoricamente, etc.*), conectivos (*quando, se... então, ou... ou, etc.*), predicados de oração completiva (*X acredita que / supõe que / afirma que...*), etc. Existe ainda a possibilidade, segundo Fauconnier (2007), de que essas unidades linguísticas não sinalizem a construção de um novo espaço mental, mas direcionem a atenção do interlocutor para um domínio previamente construído, como fazem, por exemplo, os pronomes pessoais com referência endofórica (anafóricos e catafóricos).

Conforme observado, portanto, os conectivos podem ser responsáveis pela construção de espaços mentais, e a construção *na hora que*, ao ter reconhecido seu estatuto de locução conjuntiva, tem a capacidade de introduzir um espaço mental temporal que possibilita a ativação de um domínio alternativo (realidade passada, referência ao futuro, situação hipotética) em relação ao espaço base em que o ouvinte se encontra, isto é, ao momento da interação.

Dessa forma, com base nos pressupostos apresentados anteriormente nesta seção e na

Teoria dos Espaços Mentais, é possível reconhecer *na hora que* como uma locução conjuntiva pertencente à classe de conectivos que são responsáveis pela introdução de espaços mentais temporais, ao lado de outros conectivos da língua portuguesa, como *quando*, *enquanto*, *logo que*, etc.

Nas seções seguintes, serão feitas análises voltadas à investigação de propriedades prototipicamente temporais na composição de *na hora que* e de seu processo de mudança construcional. Para isso, na seção 3.2, *na hora que* será comparada com a conjunção *quando*, tida como conectivo temporal prototípico da língua portuguesa, e, na seção 3.3, as formas alternantes de *na hora que* (*na hora que*, *a hora que*, *hora que*) serão comparadas entre si.

3.2 A locução conjuntiva *na hora que* e a conjunção *quando*

Nesta seção, serão comparadas a construção em estudo, com suas formas alternativas amalgamadas em uma única forma, *na hora que*, e a conjunção *quando*, prototípica dos conectivos temporais no português brasileiro (NEVES, 2000). Essa comparação possibilitará que se ratifique o funcionamento da locução conjuntiva como conectivo introdutor de oração hipotática temporal, conforme defendido neste trabalho. Além disso, também será possível, por meio dessa comparação, que se verifiquem aspectos de especialização da construção em relação a *quando*, justificando-se sua existência na língua ao lado de outros conectivos temporais.

Conforme exposto no capítulo em que se descreveram os procedimentos metodológicos da pesquisa, nos inquéritos do banco de dados Iboruna foi possível encontrar um total de 295 ocorrências das formas da construção representadas por *na hora que* e 1.295 ocorrências de *quando*. Era esperado que a forma prototípica apresentasse um número mais elevado de ocorrências do que a forma inovadora, ainda em processo de mudança. Sobre a

relação entre frequência de ocorrência e mudança linguística, Bybee (2003) afirma que a frequência de uma construção é uma contribuição primária para o desencadeamento do processo de gramaticalização, como já foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho. Desse modo, seguindo essa proposta de Bybee (2003), mesmo que a quantidade de ocorrências de *na hora que* não seja tão elevada quanto a de *quando*, as 295 ocorrências de *na hora que* já são suficientes para demonstrar que o processo de mudança linguística envolvendo a construção foi desencadeado e se encontra bem estabelecido no português brasileiro. Na sequência, iniciam-se as análises de dados entre *na hora que* e *quando*.

3.2.1 Posição da oração temporal em relação à principal

O primeiro fator de análise se refere à posição da oração introduzida por cada um dos conectivos. Os resultados mostram valores percentuais muito próximos indicando que *na hora que* e *quando* exibem a mesma característica de introduzir com maior frequência orações hipotéticas antepostas a nuclear. *Na hora que* aparece iniciando orações nesta posição com frequência pouco maior (83,4%) do que *quando* (73,5%), conforme valores expressos na tabela 1:

Tabela 1: Posição da oração introduzida pelos conectivos em relação à oração principal

Posição	Forma	Na hora que	Quando
Anteposta		246 / 83,4%	952 / 73,5%
Posposta		40 / 13,6%	216 / 16,7%
Intercalada		9 / 3%	127 / 9,8%
TOTAL		295 / 100%	1.295 / 100%

Segundo o princípio da iconicidade, a ordem das orações na sentença tende a seguir a ordem dos eventos descritos por elas (HAIMAN, 1980; NEVES, 1997). Desta forma, o conteúdo das orações influencia na posição que elas ocupam, independentemente do

conectivo que as introduz. Esse princípio justifica a predominância da anteposição tanto de orações com *na hora que* quanto com orações com *quando*, na medida em que evidencia que as orações estão seguindo a ordem real dos eventos (NEVES, BRAGA, DALL’AGLIO-HATTNER, 2008), ou seja, o evento descrito pela oração hipotática ocorre antes do evento descrito pela oração nuclear e, portanto, vem antecedido na sentença, como nos exemplos abaixo:

- (67) nem nem jogo sal nada corto um monte de pedacinho de tomate... e coloco num prato... pra pra comê(r) junto com o miojo... daí::... *hora que acaba eu ti::ro...* vô(u) lá:: na pia porque eu gosto de deixá(r) um po(u)quinho de água (IBORUNA-AC-010)
- (68) a gente foi lá no:: na casa d’um amigo do meu primo d’um amigo nosso sei lá... lá pum lugar que ficava lá perto a pé... aí *quando a gente chegô(u) lá eles ofereceram um monte de coisa::Isa... éh:: bebi::da... sabe?* (IBORUNA-AC-001)

Em ambos os exemplos, a informação no início da sentença serve de preparação para o evento a ser introduzido na sequência. No exemplo (67), há a descrição de dois eventos: *[acaba]* e *[eu tiro]*. Para que o evento *[eu tiro]* se realize, primeiro ocorre a realização de *[acaba]*. Seguindo o princípio da iconicidade, como o evento *[acaba]* ocorre no mundo real antes de *[eu tiro]*, sua realização linguisticamente se dá no início da sentença, mantendo a ordem dos acontecimentos. Da mesma forma, os dois eventos descritos no exemplo (68) também refletem na sentença a ordem de sua realização no mundo sociofísico. Entende-se que, para que ocorresse o evento *[eles ofereceram um monte de coisa]*, antes se realizou o evento *[a gente chegou lá]*.

Neves, Braga e Dall’Aglío-Hattner (2008) afirmam que as sentenças hipotáticas de tempo em português ocupam uma posição informativamente privilegiada na sentença e, quando aparecem antepostas à oração nuclear, criam um pano de fundo para o que será expresso em seguida. A anteposição, então, é utilizada pelo falante para primeiro contextualizar para o interlocutor o momento no tempo em que ocorreu o evento descrito na

hipotática para depois expor o evento presente na principal, obedecendo a ordem de acontecimento desses eventos.

Como se observa nos resultados da tabela 1 e nas análises acima, tanto *na hora que* quanto *quando* ocorrem majoritariamente encabeçando orações antepostas à oração principal, indicando ser uma tendência de orações temporais com essas construções. Nesse caso, considera-se que a diferença de 10 pontos percentuais aparentemente não indica uma diferença morfossintática entre orações com *quando* e com *na hora que*, já que, como se sabe, a anteposição é, em grande parte, resultado das escolhas do falante quanto à organização da informação, isto é, quanto à sua distribuição em informação fundo, localizada nesse caso na oração temporal anteposta, e informação figura, expressa na oração principal.

Assim, a análise desse primeiro fator indica que *na hora que* segue as características dos conectivos temporais, na medida em que partilha de suas propriedades no tocante à anteposição da oração hipotática que introduz.

3.2.2 Correferência entre os sujeitos nas orações

Conforme indicado anteriormente, a correferência entre os sujeitos das orações combinadas reflete um maior grau de gramaticalização dessa combinação, tendo em vista o maior grau de vinculação e integração existente entre as orações do complexo oracional (LEHMANN, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 1998).

No que diz respeito à correferência entre os sujeitos das sentenças com *quando* e com *na hora que*, conforme valores percentuais expressos na tabela a seguir, os resultados apontam, mais uma vez, similaridade entre os conectivos. Há uma predominância de sujeitos não idênticos entre as orações nuclear e hipotática tanto nas construções com *quando* quanto com *na hora que*.

Na hora que possui uma tendência maior do que *quando* de marcar orações com sujeitos não idênticos aos da oração principal. Conforme se verifica a partir dos percentuais na tabela abaixo, *na hora que* apresenta uma frequência de 70,2% de sujeitos idênticos, enquanto *quando* apresenta percentual de 60,8%.

Tabela 2: Correferência entre o sujeito da oração nuclear e o da hipotática

Correferência	Forma	Na hora que	Quando
Não idênticos		207 / 70,2%	788 / 60,8%
Idênticos		88 / 29,8%	507 / 39,2%
TOTAL		295 / 100%	1.295 / 100%

Conforme a correlação entre compartilhamento de constituinte e a gramaticalização das orações combinadas, propostas por Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993), a maior ocorrência de sujeitos não idênticos representa uma menor vinculação entre as orações. Esse comportamento está de acordo com a proposta de Braga, Paiva e Pereira (2010) a respeito da construção $(prep^1) + (det) + N + (prep^2) + que$, segundo a qual a combinação de orações com *na hora que* estaria caminhando da subordinação para a hipotaxe, ou seja, estaria passando de uma combinação [+dependente, +encaixada] para uma combinação caracterizada pelos traços [+dependente, -encaixada], o que justificaria o menor compartilhamento de constituinte entre as orações demonstrado pelos resultados obtidos.

Abaixo, encontram-se exemplos com sujeitos não idênticos nas construções com *na hora que* e com *quando*:

- (69) num é porque eu num:: gosto de cana num é que eu num gosto de cana eu gosto de cana pa:: cortá(r) do jeito que ela tá aí e dá(r) pas vaca ((risos)) [Doc.: aham::] num preciso tacá(r) fogo [Doc.: sim::] não tem veneno [Doc.: cla::ro] não tem veneno nem adubo nós joga [Doc.: uhum] planta aí *a hora que ela tivé(r) caban(d)o aí nós (a)rranca daí e planta num o(u)tro lugar* planta uma o(u)tra coisa aí... não que eu num gosto mas eu gosto de dá(r) pas vaca... porque... eu acho que isso daí ajuda d'um lado estraga do o(u)tro (IBORUNA-AC-063)
- (70) aí:: aí pegô(u) aí começaram a (pulá(r) em cima da barriga de::la) e tal... aí me tiraram conseguiram num precisô(u) do ferro só que *quando* eu me tiraram... eu não chorei aí o médico virô(u) pra ela e falô(u) – “ah:: é o(u)tra menina mas tá morta” (IBORUNA-AC-046)

Apesar da similaridade entre *quando* e *na hora que* apresentada quanto à maior frequência com sujeitos diferentes, corroborando a interpretação de locução conjuntiva temporal de *na hora que*, é importante observar que *na hora que* exibe uma diferença de aproximadamente 10 pontos percentuais a mais do que *quando* nessa célula, o que também pode representar um índice de especialização da construção, de menor grau de vinculação com a oração principal, quando comparada com o conectivo temporal prototípico.

3.2.3 Correlação modo-temporal das orações

Conforme já observado por Neves, Braga e Dall’Aglia-Hattner (2008), as sentenças temporais apresentam maior frequência com correlações nas quais os verbos da oração principal e da oração temporal exibem o mesmo tempo e modo verbais (*consecutio temporum et modorum*). Essa tendência é verificada também nos dados desta pesquisa, conforme se observa pela distribuição dos valores na tabela a seguir:

Tabela 3: Correlação modo-temporal entre a oração hipotática e a nuclear

Modo-Temporal (hip. / nuclear)	Forma	Na hora que	Quando
Presente do indicativo / Presente do indicativo		85 / 28,8%	510 / 39,6%
Pretérito perfeito indicativo / Pretérito perfeito indicativo		70 / 23,7%	256 / 19,9%
Pretérito imperf. indicativo / Pretérito imperf. indicativo		21 / 7,1%	190 / 14,7%
Pretérito perfeito indicativo / Pretérito imperf. indicativo		36 / 12,2%	138 / 10,7%
Futuro do subjuntivo / Presente do indicativo		56 / 19%	75 / 5,8%
Pretérito imperf. indicativo / Pretérito perfeito indicativo		16 / 5,4%	81 / 6,3%
Pretérito perfeito indicativo / Presente do indicativo		9 / 3,1%	15 / 1,2%
Pretérito imperf. subjuntivo / Pretérito imperf. Indicativo		1 / 0,3%	8 / 0,6%
Presente do indicativo / Pretérito perfeito indicativo		1 / 0,3%	4 / 0,3%
Presente do indicativo / Pretérito imperf. indicativo		-	7 / 0,5%
Futuro do subjuntivo / Pretérito imperf. indicativo		-	2 / 0,2%
Presente do indicativo / Futuro pretérito indicativo		-	1 / 0,1%
Pretérito imperf. subjuntivo / Futuro pretérito indicativo		-	1 / 0,1%
TOTAL		295 / 100%	1.288 / 100%

Os resultados indicam que a construção com *na hora que* se aproxima da construção com *quando* por apresentar maior frequência com a correlação presente do indicativo/presente do indicativo (28,8%), a mesma correlação mais frequente nas construções com *quando* (39,6%). As ocorrências abaixo exemplificam essa correlação nos dois tipos de construção:

- (71) você pega a goiabada você derrete um pedaço dela... com um po(u)co de água... *na hora que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada* (IBORUNA-AC-106)
- (72) vô(u) bastante pro CLU::be aí tipo... prime(i)ro eu fico eu fico no:: no computador né? aí *quando eu vejo que começa a ficá(r) tarde assim... daí eu VÔ(u)... tomo um banho né? geralmente eu lavo o cabe::LO... aí já SEco já pra ficá(r) bonitinho né?* (IBORUNA-AC-010)

Outras correlações de mesmo tempo e modo verbais também aparecem em construções com os dois conectivos, conforme exemplificam as ocorrências abaixo. Em (73) e (74), está exemplificada a correlação com pretérito perfeito do indicativo tanto na hipotática quanto na oração principal, e, em (75) e (76), a correlação com pretérito imperfeito do indicativo:

- (73) o que doeu mais foi na hora do pon::to... que eu acho que... *na hora que eu machuquei num::: foi muita dor não* (IBORUNA-AC-006)
- (74) aí minha mãe ela saiu pelo portão assim aí ela:: foi embora e eu fiquei seguran(d)o o:: po/ o portão assim... eu num (a)güentava segurá(r) mais ele... aí ele chegô::(u) no que ele chegô(u) ele tava meio bê::bado né? tava meio cambalean(d)o... aí ele num tinha muitaforça pra abrí(r) o portão tam(b)ém... aí *quando* minha mãe dobrô(u) a esquina eu soltei o portão e saí corren(d)o tam(b)ém né?... dele... aí nós foi lá na casa de/ desse... desse o(u)tro que é o meu padrasto hoje né? (IBORUNA-AC-015)
- (75) e aquilo eu c'um:: tênis acho que um:: Adidas ou um Topper num me lembro na na/ qual que é mas enfim... e aquilo eu pisando na areia... e aquilo o pé afundava *hora que voltava o pé entrava areia dentro* aquilo começô(u) que(i)má(r) eu tentei tirá(r) o calçado ficô(u) pior ainda porque a areia tava quente (IBORUNA-AC-057)
- (76) ele e meu pai vinha ficava com ela um:: dois dias e sumia... desaparecia durante uns dois três meses... aí minha mãe ficava tris::te e tal... aí *quando* ele chegava ele dava uma de cara de pau... passava um óleo de peroba na cara e ligava pra ela... – “e aí você tá a fim de me vê(r) ainda?” –... (inint.) aí ela pegava e::... sabe? ela gostava muito dele e falava – “tô” – né?... (IBORUNA-AC-046)

Enquanto a terceira correlação mais frequente de *quando* é o pretérito imperfeito do indicativo em ambas as orações (14,7%) – correlação que também aparece, mas com frequência menor em construções com *na hora que* (7,1%) – a construção em estudo apresenta, nesse ponto, certo distanciamento da característica prototípica de possuir o mesmo tempo e modo verbal nas duas orações: *na hora que* apresenta uma considerável frequência nas correlações *futuro do subjuntivo/presente do indicativo* (19%), conforme exemplo (77), e *pretérito perfeito do indicativo/pretérito imperfeito do indicativo* (12,2%), como em (78):

(77) né?... depois que tava tudo refogado aí colocava... ÉH:: legumes à gosto né? [Doc.: aham ((concordando))] cê coloca e o de s/ o trivial cebo::la... éh:: Alho né? ocê coloca de(i)xa (refogá(r)) e coloca cerveja *a hora que tivê(r) mais ou menos... borbulhando a cerveja você coloca a... o frango né?... faz ele... ali... o arroz faz separado...* (IBORUNA-AC-075)

(78) e isso eu chora::va chorava e minha mãe tava aqui em casa colocan(d)o a ro(u)pa no varal ela num sabia que que tava acontecen(d)o né?... *na hora que ela chegô(u) lá (meu rosto) tava tudo ensangüenta::do...* ela me pegô(u) nos BRAço e saiu corren(d)o pra farmácia... (IBORUNA-AC-044)

Com os resultados deste fator, portanto, mais uma vez as propriedades de *na hora que* mostram-se semelhantes às do conectivo prototípico: as correlações em que o tempo e o modo verbal são iguais apresentam maior número de ocorrências. No entanto, *na hora que* aparece com valores mais elevados na relação entre *futuro do subjuntivo/presente do indicativo*, distanciando-se da combinação modo-temporal predominante nas temporais com *quando*.

3.2.4 Valor circunstancial da oração

Conforme apresentado anteriormente, a base para a análise do valor circunstancial das orações é a consideração de Neves (2000) de que a conjunção *quando* expressa outras leituras possíveis além da temporal, como a leitura condicional, exemplificada em (79), e a concessiva, conforme (80), exemplos extraídos de Neves:

- (79) Como é possível dizer tal coisa *quando se sabe universalmente que as drogas são depressivas, viciantes e causam distúrbios físicos e mentais?* (NEVES, 2000, p. 799).
- (80) Essa mulher procura um trabalho *quando centenas de outros abandonam seus trabalhos* (NEVES, 2000, p. 800).

Seguindo essa consideração da autora, a análise das orações com *na hora que* leva em conta a possibilidade de leitura ambígua da oração, com valor causal e com valor condicional, além da leitura temporal característica da construção. Os resultados, apresentados na tabela 4, indicam que tanto *na hora que* quanto *quando* apresentam a maior parte de suas ocorrências com valor somente temporal: *na hora que* aparece com 86,8% com esse valor, enquanto *quando*, com 90,6%.

Tabela 4: Valor circunstancial dos conectivos

Valor	Forma	Na hora que	Quando
Tempo		256 / 86,8%	1.173 / 90,6%
Tempo-causa		13 / 4,4%	63 / 4,9%
Tempo-condição		26 / 8,8%	59 / 4,6%
TOTAL		295 / 100%	1.295 / 100%

As ocorrências abaixo exemplificam casos em que há leitura somente temporal com cada um dos conectivos.

- (81) fiquei na mi/ na casa da minha vó ficô(u) eu e os meus primo lá e ele foi embora pra essa festa tal... aí ele foi... de boa chegô(u) lá... foi na festa tudo tal aí *na hora que ele tava voltan(d)o... ele... deu de frente c'um boi no meio da avenida da/ da rodovia... e aí... tal capotô(u) o carro fez um monte de coisa tal* (IBORUNA-AC-019)
- (82) a gente foi lá no:: na casa d'um amigo do meu primo d'um amigo nosso sei lá... lá pum lugar que ficava lá perto a pé... aí *quando a gente chegô(u) lá eles ofereceram um monte de cO::Isa... éh:: bebi::da... sabe* (IBORUNA-AC-001)

Em (81), o evento que se instancia na oração nuclear (*[ele deu de frente c'um boi no meio da avenida...]*) não é motivado nem condicionado pelo da oração hipotática (*[ele tava voltando]*). O evento da oração hipotática apenas marca temporalmente o momento em que se desencadeia o segundo evento. O mesmo ocorre entre os eventos do exemplo (82): *[a gente*

chegou lá] apenas estabelece no tempo o momento em que ocorreu o evento da oração nuclear, sem estabelecer com ele outro tipo de relação.

A tabela 4 ainda indica que, mesmo que sejam possíveis outros dois tipos de leitura (tempo-causa e tempo-condição), a frequência das ocorrências é baixa e, além disso, o valor circunstancial temporal permanece na estrutura dos conectivos, indicando, nesses dois casos, uma leitura marcada mesmo pela ambiguidade. Em (83) e (84) exemplificam-se os casos de tempo-causa, e em (85) e (86), casos de tempo-condição com *quando* e com *na hora que*:

- (83) e ela tava conversan(d)o com a colega dela e eu nem percebi que ela tinha posto o aparelho dela no meu colo... que eu tava sentada e ela tava em pé... aí *na hora... que* *chegô(u) no ponto eu peguei puxei a cordinha (pra) descê(r)*... aí quando chegamo(s) na esquina da avenida ela falô(u) – “A. cadê meu aparelho? (IBORUNA-AC-016)
- (84) meu pai acabô(u) in(d)o embora de ca::sa... pa vivê(r) com ela... e:: e e foi uma coisa assim *quando ele foi embora eu sofri mui::to* eu fiquei doen::te... éh:: chorei choRAva bastan::te (IBORUNA-AC-038)
- (85) aí cê tem que acertá(r) a bola lá no nos negócio... [Doc.: uhum] *[(hora)] que* *acertá(r) cê ganha ponto* (IBORUNA-AC-065)
- (86) aí ele se alimenta porque isso tudo é feito em jejum... aí ele... se alimenta... éh sempre dão.. lei::te su::co essas coisa éh bolacha... eles/ com/... uma... dietinha leve... *aí depois ele pode í(r) embora pra casa... quando ele num tá internado... às vezes faz em/ paciente internado* [Doc.: uhum ((concordando))] normalmente faz externo... (IBORUNA-AC-105)

Como mostram as ocorrências (83) e (85), a construção *na hora que* possui a mesma característica polissêmica do conectivo *quando*. Nos exemplos em (83) e (84), é necessário que o evento da oração hipotática primeiro se realize para que o evento da oração nuclear possa ser desencadeado, verificando-se assim uma relação de causa entre as orações. Já os eventos presentes nas ocorrências (85) e (86) possuem uma relação de condição: a situação descrita na oração nuclear somente se realizará com a condição de o evento da oração hipotática se realizar.

Conforme revelam os resultados na tabela 4, ainda que com baixo índice de ocorrências, tempo-condição é a leitura que prevalece após a leitura temporal em *na hora que*, ao passo que, após a leitura temporal, *quando* possui a leitura de tempo-causa como a segunda

mais frequente. A leitura de tempo-condição em *na hora que* pode estar relacionada à maior frequência do conectivo em orações com futuro do subjuntivo, como exposto na seção anterior, por serem essas sentenças indicativas de hipótese em razão do valor *irrealis* do futuro do subjuntivo (GIVÓN, 1990). Essa característica, portanto, reflete mais uma propriedade distintiva da construção *na hora que* em relação a *quando*, nos dados analisados.

3.2.5 Localização temporal dos eventos

Conforme foi explicado no capítulo metodológico, a análise que se faz nesta pesquisa acerca da localização temporal dos eventos não observa a flexão verbal das orações da sentença, evitando possíveis ambiguidades causadas pela interpretação dos tempos verbais. O foco desse fator é o tempo que efetivamente está sendo veiculado pelo evento da oração hipotática, independentemente da marca temporal expressa pelo verbo da oração.

Seguindo a mesma direção dos resultados apresentados até o momento, *na hora que* e *quando* mais uma vez exibem resultados muito semelhantes quanto à localização dos eventos, os quais se verificam a seguir. O evento da oração temporal nos dados analisados é mais frequentemente relativo ao passado com os dois conectivos:

Tabela 5: Localização temporal do evento da oração hipotática

Localização	Forma	Na hora que	Quando
Passado		154 / 52,2%	719 / 55,5%
Presente		85 / 28,8%	496 / 38,3%
Futuro		56 / 19%	80 / 6,2%
TOTAL		295 / 100%	1.295 / 100%

A predominância de ocorrências no *passado* é confirmada pela quantidade de ocorrências com verbos em formas do pretérito (perfeito e imperfeito), conforme exposto anteriormente, a partir dos resultados na tabela 3. Além disso, a alta frequência dos conectivos

em textos narrativos, como será visto mais à frente, é coerente com essa ocorrência elevada de eventos com localização de passado. Abaixo, encontram-se ocorrências com cada um dos conectivos veiculando eventos que têm referência temporal de passado:

- (87) então... veio um ca::rro... um Vero::na... verde... e baTEU mais de cem por hora n/ na gente... eu tava dormin(d)o... no banco de trás né? deitado... e:: *na hora que pegô(u) impacto eu acordei e rolei e bati na clavícula e quebrei* (IBORUNA-AC-009)
- (88) Inf.: a viagem do Hopi Hari foi muito legal... é::... a gente acordô(u) quatro horas da manhã... e:: pra í(r) lá perto do aeroporto embarcá(r) no ônibus que tinha bastante ge::nte... aí *quando era umas cinco horas da manhã a gente saiu de lá... e:: fomo(s) po Hopi Hari nós paramo(s) no pos::to é:: depois fomo(s) po Hopi Hari chegamo(s) lá::... era:: umas dez horas por aí né?...* (IBORUNA-AC-037)

A frequência de localização dos eventos no tempo presente, que representa 28,8% de ocorrências com *na hora que* e 38,3% com *quando*, pode estar relacionada ao fator correlação modo-temporal, apesar de a flexão verbal não ser o foco na análise da localização temporal: como apresentado na tabela 5, *na hora que* aparece em 28,8% de correlações modo-temporais presente do indicativo/presente do indicativo e *quando* aparece em 39,6%, de modo que esses índices podem ter sido um dos fatores que influenciaram no aumento da localização temporal do evento dessas ocorrências no presente. Da mesma forma, como *na hora que* aparece em 19% das ocorrências com verbos na forma de futuro do subjuntivo, o índice apresentado por essa construção no futuro parece ser um elemento que desencadeou a elevação do índice de ocorrências com o futuro do subjuntivo. No entanto, como a análise da localização temporal não se baseia na flexão verbal propriamente, outros fatores podem ter contribuído para a distribuição dos índices da tabela 5.

Na hora que e *quando* apresentam características comuns em relação à localização temporal de eventos. O passado é o tempo mais frequente em ambos os conectivos, com baixa diferença percentual. Entretanto, com uma diferença maior, *na hora que* aparece com quase 15% a mais de suas ocorrências no futuro do que *quando*. Portanto, da mesma forma como se mostra com outros fatores analisados, a construção *na hora que* apresenta propriedades tanto

que a aproximam quanto que a distanciam da conjunção prototípica temporal, evidenciando características de especialização da construção.

3.2.6 Pontualidade do evento

O evento a ser analisado nos dados desta pesquisa como pontual ou não é aquele em que aparecem as orações introduzidas pelos conectivos, isto é, o evento da oração temporal. Ao observar esse aspecto das orações hipotáticas analisadas, observa-se novamente que as duas formas de conectivos seguem o mesmo padrão: como introdutores de eventos pontuais, *na hora que* apresenta 87,8% de frequência e *quando*, 80%:

Tabela 6: Pontualidade do evento da oração hipotática

Pontualidade	Forma	Na hora que	Quando
Não pontual		36 / 12,2%	259 / 20%
Pontual		259 / 87,8%	1.036 / 80%
TOTAL		295 / 100%	1.295 / 100%

De acordo com Travaglia (2015), “o aspecto pontual é caracterizado por apresentar a situação como pontual, ou seja, como não tendo duração” (p. 92). Em relação ao aspecto perfectivo, Travaglia (2015) define-o como aquele que apresenta uma situação completa, ressaltando que nem todo perfectivo é pontual, mas todo pontual é perfectivo. As ocorrências abaixo ilustram casos de eventos pontuais presentes na oração hipotática, isto é, eventos conceitualizados como não envolvendo duração no tempo:

- (89) aí ela veio/ ela num tinha almoçado ainda... ela falô(u) assim – “óh pra falá(r) a verdade eu tava com fome mas eu até perdi a fome de raiva desse bendito desse gato” – aí nós chegamo(s) aqui né?... e eu tinha aberto o vitrô... e *na hora que eu cheguei tava tudo fechado*... e eu antes de í(r) pra minha avó eu abri... pra que ela ⁶[Doc.: uhum ((concordando))] ⁶[num percebesse] nada... ela falô(u) – “não mas eu fechei” – eu falei – “não o M. abriu... né? (IBORUNA-AC-086)

- (90) eu fiquei muito feliz fui dormí(r) SUper ansiosa... éh:: pra... que queria muito que chegasse aquele dia... aí *quando chegô(u) o dia... eu a/ eu acordei escovei meus den::tes... arrumei as minhas coisas... e fui... esperá(r) eles chegá(r)... chega::ndo... ele:: ele o meu tio demorô(u) um pouco...* (IBORUNA-AC-008)

A pontualidade nos eventos das sentenças acima decorre do fato de que o verbo *chegar* representa uma ação completa, acabada, não durativa. Neste caso, *chegar*, nos contextos dos exemplos, pode ser considerado um verbo télico, que é, de acordo com Travaglia (2015), aquele verbo que “indica uma situação que necessariamente chega a um fim, ou seja, uma situação que marcha para um clímax ou ponto terminal natural” (TRAVAGLIA, 2015, p. 59).

O autor, ainda, explica que a expressão da pontualidade pode ser frequentemente resultado do tempo verbal pretérito perfeito do indicativo, quando o verbo indica uma situação estritamente pontual, como nos exemplos em (91) e (92):

- (91) Um dia Mariana *descobriu* o que podia fazer com o dinheiro.

- (92) *Achei* seu anel dentro da gaveta do criado.

(TRAVAGLIA, 2015, p. 94)

Os resultados apresentados na tabela 3 indicam que ambos os conectivos exibem uma grande quantidade de ocorrências em correlações modo-temporais de pretérito perfeito do indicativo/pretérito perfeito do indicativo, o que ratifica a alta taxa de frequência de eventos pontuais nas temporais com os dois tipos de conectivo, conforme os resultados na tabela acima.

A partir da tabela 6, é possível verificar que *na hora que* apresenta uma frequência aproximadamente 8% maior do que *quando* em relação à ocorrência pontual do evento que veicula. Mesmo que a diferença entre as porcentagens não seja tão elevada para a caracterização de um comportamento efetivamente distintivo entre os conectivos, essa diferença é também um indício significativo de que *na hora que* exhibe características de

possível especialização (HOPPER, 1991) de funcionamento. Nesse sentido, apesar de compartilharem a propriedade de pontualidade, a construção *na hora que* exibe comportamento diferente ao se mostrar mais frequente do que *quando* na expressão de eventos pontuais, e esse traço distintivo é considerado, mais uma vez, uma evidência de especialização de *na hora que*.

3.2.7 Tipo de texto em que a oração ocorre

O último fator a ser analisado na comparação entre os conectivos é o tipo de texto em que a oração introduzida por eles ocorre. Esse fator está voltado à caracterização da função da construção *na hora que*, isto é, de seu funcionamento pragmático-discursivo.

Como se observa na tabela 7 a seguir, o tipo de texto em que ambos os conectivos ocorrem com maior frequência é a *narrativa de experiência*, gênero no qual é natural que existam eventos relacionados temporalmente entre si, de modo a tornar coerente a sucessão dos fatos narrados.

Tabela 7: Tipo de texto

Tipo de Texto	Forma	
	Na hora que	Quando
Narrativa de Experiência	89 / 30,2%	339 / 26,2%
Relato de Procedimento	86 / 29,2 %	240 / 18,5%
Narrativa Recontada	49 / 16,6%	239 / 18,5%
Relato de Opinião	34 / 11,5%	244 / 18,8%
Descrição de Local	29 / 9,8%	210 / 16,2%
Interação Livre	8 / 2,7%	23 / 1,8%
TOTAL	295 / 100%	1.295 / 100%

Labov e Waletzky (1967) afirmam que, na narrativa, a sequência temporal é uma propriedade definidora importante. Segundo os autores: “As unidades narrativas básicas que desejamos isolar são definidas pelo fato de que elas recapitulam experiências na mesma

ordem dos eventos originais”²⁹ (LABOV; WALETZKY, 1967, p. 20-21). Dessa forma, por meio dos conectivos temporais, é possível relacionar eventos entre si, ou seja, o evento da oração introduzida pelo conectivo temporal estará relacionado ao evento da oração principal no enunciado.

Na ocorrência a seguir, em que uma oração com *quando* aparece no contexto de uma narrativa de experiência, torna-se clara a importância da relação entre os eventos dentro do enunciado para a compreensão da ordem dos acontecimentos.

- (93) a gente foi lá no:: na casa d’um amigo do meu primo d’um amigo nosso sei lá... lá pum lugar que ficava lá perto a pé... aí *quando a gente chegô(u) lá eles ofereceram um monte de coisa::Isa... éh:: bebi::da... sabe?* (IBORUNA-AC-001)

O evento [*eles ofereceram um monte de coisa*] está situado no tempo posteriormente ao segundo evento, que é introduzido pelo conectivo temporal *quando* ([*a gente chegou lá*]). Dada essa relação, a coerência da narrativa torna-se dependente da sucessão dos acontecimentos. Uma vez que a ordem dessa sucessão no tempo é perdida, a narrativa torna-se incoerente.

Como mostram os resultados na tabela 7, *quando* aparece com uma distribuição equilibrada entre os demais tipos de texto, com exceção da interação livre (1,8%).³⁰ Essa distribuição equilibrada de *quando* pode ser reflexo de um uso generalizado do conectivo: por ser uma conjunção prototípica de tempo, *quando* serve ao falante para ser utilizado em diferentes contextos, descrevendo diversas relações temporais, ou mesmo relações polissêmicas de tempo-causa, ou tempo-condição. Daí o conectivo aparecer, com distribuição equilibrada, pelos diferentes tipos de texto analisados.

Na hora que, no entanto, apesar de estar presente em todos os tipos de texto, seguindo

²⁹ “The basic narrative units that we wish to isolate are defined by the fact that they recapitulate experience in the same order as the original events” (LABOV; WALETZKY, 1967, p. 20-21).

³⁰ A baixa quantidade de ocorrências na interação livre pode ser resultado do baixo número de entrevistas que compõe a Amostra de Interação do banco de dados Iboruna, o que possivelmente interferiu na diminuição do número de dados.

as características do conectivo prototípico, concentra suas ocorrências na narrativa de experiência (30,2%) e no relato de procedimento (29,2%). Em (94) e (95), estão ocorrências que aparecem nesses dois tipos de texto, respectivamente.

- (94) o:: pessoal do ônibus assim tava lá na maior algazarra (inint.)... aí falô(u) que tinha um enferme(i)ro no ônibus que *na hora que a polícia chegô(u) ele quis ajudá(r) né?* (IBORUNA-AC-044, narrativa de experiência)
- (95) eu gosto muito de fazê(r) um cupim éh:: se/ éh recheado né? que eu/ eu fiz até ontem... que eu coloco no caso... eu fervento ele prime(i)ro... e::... depois (cê vai passar) no sal... eu tiro ele da panela e se/ *a hora que estivé(r) esfriando eu furo ele inte(i)ro... ponho ceno(u)ra no meio dele né?... e ponho:: bacon* (IBORUNA-AC-067, relato de procedimento)

Sousa e Renck (2011) atestam que a ocorrência de *na hora que* em relatos de procedimento é extremamente importante para a marcação temporal do evento da oração hipotática como referência para a oração principal. No exemplo acima, em que *na hora que* aparece introduzindo a oração [*estivé(r) esfriando*], há o estabelecimento de um ponto de referência para que se especifique o que fazer na sequência ([*eu furo ele inte(i)ro... ponho ceno(u)ra no meio dele né?... e ponho:: bacon*]).

É importante considerar que a quantidade de ocorrências de *na hora que* em relatos de procedimento é quase a mesma em narrativas de experiência (diferença de apenas 1 ponto percentual), o que não acontece com o conectivo *quando*, que possui um distanciamento muito maior entre a porcentagem em narrativas de experiência (26,2%) e a porcentagem em relatos de procedimento (18,5%). Isso demonstra que essa diferença de quase 10 pontos percentuais entre *na hora que* e *quando* em relatos de procedimento, apesar de não muito elevada, representa um argumento a mais em favor da especialização da construção *na hora que*, justificando-se, com essa especialização, seu surgimento e fixação como locução conjuntiva temporal no sistema gramatical da língua portuguesa.

3.2.8 Síntese dos resultados

Por meio da análise de diferentes fatores tanto de natureza semântico-discursiva quanto de natureza morfossintática, buscou-se fazer uma comparação entre a construção *na hora que*, com suas formas alternantes amalgamadas e representadas por essa forma, e o conectivo *quando*, representante prototípico dos conectivos temporais em português. Conforme foi explicitado, *na hora que* compartilha as mesmas propriedades que constituem *quando*, a saber, o predomínio: i) na posição anteposta à oração principal; ii) de codificação de sujeitos não idênticos na principal e na temporal; iii) de correlação de mesmo tempo e modo verbal: presente do indicativo em ambas as orações; iv) de leitura temporal, com possibilidade de leitura polissêmica; v) de veiculação de eventos no passado; vi) de expressão de eventos não pontuais; e vii) de ocorrência em textos do tipo narrativo.

O fato de compartilharem as mesmas características confirma o estatuto de locução conjuntiva temporal já defendido na seção 3.1, que faz com que a construção *na hora que* seja vista como um conectivo pertencente à classe dos introdutores de espaços mentais temporais em português.

Apesar de compartilharem as mesmas propriedades, a construção *na hora que* exhibe nos dados algumas características que demonstram uma especialização em relação a outros conectivos temporais, como a indicação de hipóteses por meio de verbos no futuro do subjuntivo e como a concentração de ocorrências em relatos de procedimentos.

Essas características apontam para a preferência dos falantes em utilizar a construção ao invés de outros conectivos disponíveis na língua que não sirvam a essas funções específicas nesses contextos de usos, o que justifica a emergência de *na hora que* como locução conjuntiva temporal, bem como sua convivência junto a outros conectivos temporais, como o próprio *quando*, no sistema gramatical do português.

3.3 Comparação entre as formas de *na hora que*: esquematicidade, composicionalidade e produtividade da construção

Nesta seção, o foco recai sobre as diferentes formas com que *na hora que* aparece no corpus da pesquisa: *na hora em que*, *na hora que*, *a hora que* e *hora que*. Com a separação da construção em suas diferentes formas, tem-se o objetivo de analisar as propriedades construcionais propostas por Croft (2001), referentes ao pareamento forma-função da construção, ou seja, as propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas, e a natureza construcional de cada uma das formas, mais e menos reduzidas fonologicamente. Para o desenvolvimento desta análise, será observado o funcionamento das orações com as formas da construção em relação aos fatores demonstrados no Capítulo 2, os mesmos utilizados para a análise de *quando* e *na hora que*.

Com a realização dessas análises, será possível averiguar o grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das formas da construção *na hora que* e, conseqüentemente, será possível identificar os níveis construcionais hierárquicos (micro, meso e macroconstrução) (TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT, 2012) da construção *na hora que*.

A forma *na hora em que*, que está composta por todos os elementos da construção ($[(prep) (art) N_{temporal} (prep) que]$), será apresentada isoladamente por ter ocorrido apenas uma vez em todo o banco de dados. A ocorrência em questão é a transcrita abaixo:

- (96) geralmente dá quinze panquecas... doze a quinze panquecas... uma ao lado da o(u)tra como a gente gosta de fazê(r)... e coloco no forno com que(i)jo... derretê(r)... [Doc.: ai que ruim] e... meu marido gosta muito de queijo ralado então o dele tá sempre lá do lado como eu num gosto muito... *na hora em que ele vai por o molho vermelho por cima ele já... joga o que(i)jo ralado... e é só comê(r)* (IBORUNA-AC-080)

A respeito do perfil social do informante dessa ocorrência, trata-se de uma pessoa do gênero feminino, com idade na faixa etária dos 26 aos 35 anos, ensino médio completo e

renda familiar de até cinco salários mínimos mensais, conforme classificações do Banco de Dados Iboruna. Tendo em vista que a forma mais completa se aproxima da norma padrão por possuir a preposição *em* anteposta a *que*, é justificável que o nível de escolaridade do informante seja *ensino médio completo*, uma vez que se pode pressupor que uma pessoa com esse nível de escolaridade já tenha conhecimento dessa regra.

No quadro 3, abaixo, estão descritas as características apresentadas pela forma *na hora em que*. No entanto, como ela ocorreu apenas uma vez no banco de dados, não é seguro afirmar que as características que a compõe são propriedades típicas da forma completa da construção:

Fatores	Forma	Na hora em que
Posição		Anteposta
Correferência entre sujeitos		Idênticos
Tipo de texto		Relato de procedimento
Correlação modo-temporal		Presente do indicativo / Presente do indicativo
Valor circunstancial		Tempo
Localização temporal		Presente
Pontualidade		Pontual

Quadro 3: Fatores de *na hora em que*

Na análise dos fatores que se fará a seguir, os dados considerados não incluem essa forma da locução conjuntiva, de forma a evitar que os resultados possam ser enviesados por essa única ocorrência.

Em relação às outras formas de *na hora que*, o objetivo central, neste momento, é verificar as propriedades características de cada uma, observando se existem diferenças entre elas para além do grau de redução formal que exibem, além de verificar o grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das formas da construção *na hora que*

3.3.1 Posição da oração introduzida pela construção

Por meio da análise da posição da oração introduzida pelas formas da construção *na hora em que* em relação à oração principal da sentença, no que diz respeito ao pareamento forma-função proposto por Croft (2001), será possível observar as *propriedades sintáticas* que compõe a locução conjuntiva em estudo. Por meio dessas propriedades, será possível atingir o objetivo central de identificar as características de esquematicidade, produtividade e composicionalidade que compõe a construções.

Conforme demonstram os resultados na tabela 8, todas as formas apresentam a posição anteposta como a mais frequente, seguindo uma linha gradativamente crescente na direção da forma mais completa (*na hora que*) para a forma mais reduzida (*hora que*):

Tabela 8: Posição da oração introduzida pelas formas de *na hora que*

Posição	Na hora que	A hora que	Hora que
Anteposta	65 / 77,4%	140 / 83,3%	40 / 95,2%
Posposta	13 / 15,5%	25 / 14,9%	2 / 4,8%
Intercalada	6 / 7,1%	3 / 1,8%	-
TOTAL	84 / 100%	168 / 100%	42 / 100%

Apesar de as formas serem atingidas pela redução fonológica, perdendo a preposição *em* e o artigo *a*, esse processo que as atinge não interfere no funcionamento da construção dentro da sentença, ou seja, independentemente de a forma ser mais completa ou não, ela permanece introduzindo predominantemente uma oração anteposta.

A redução indica uma diminuição no grau de composicionalidade da construção, o que faz com que seu significado, como um todo, seja cada vez menos dependente dos itens que a compõe. Essa característica de redução fonológica explícita está intimamente ligada à diminuição da composicionalidade das formas, o que ficará mais evidente com as análises dos próximos fatores. As ocorrências abaixo ilustram casos de anteposição da oração com cada uma das formas alternativas de *na hora que*:

- (97) ela falô(u) assim – “ai N. *na hora que... ele me ligô(u) e falô(u) – “ôh tô in(d)o ai pa gente conversá(r)” – ... – já:: já gelei... já gelei já” – né? ela falô(u) pra mim (IBORUNA-AC-022)*
- (98) todo mundo tem horror a parto normal né? eu só tenho que contá(r) que o meu foi bom... porque *a hora que eu fui gritá(r) de dor forte meu filho já nasceu (IBORUNA-AC-036)*
- (99) nem nem jogo sal nada corto um monte de pedacinho de tomate... e coloco num prato... pra comê(r) junto com o miojo... daí::... *hora que acaba eu ti::ro... vô(u) lá:: na pia porque eu gosto de deixá(r) um po(u)quinho de água (IBORUNA-AC-010)*

Apesar de as três formas não se diferenciarem quanto à posição mais frequentemente ocupada pela oração que elas encabeçam, existe um claro aumento da porcentagem que acompanha a redução fonológica da construção: *na hora que* aparece com 77,4%, *a hora que*, com 83,3% e *hora que*, com 95,2%. O alto índice de concentração em *hora que* dá indícios de um estágio mais avançado de mudança construcional dessa forma, corroborado pelo fato de *hora que* ser pouco composicional e muito esquemática, como discutido na seção 3.1. Entre todas as outras formas da construção, é ela que atua com maior frequência nesta posição, a qual, conforme demonstrado anteriormente, se mostra como prototípica das orações temporais em português.

Por meio da análise dos próximos fatores, será possível confirmar ou não esse estágio mais avançado da forma mais reduzida da construção objeto de estudo desta pesquisa.

3.3.2 Correferência entre os sujeitos das orações

Conforme já mencionado anteriormente, considera-se nesta pesquisa que, entre diferentes sujeitos nas orações, um menor grau de vinculação significa um menor grau de gramaticalização entre as orações que formam a sentença (LEHMANN, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 1993). A vinculação entre os sujeitos é maior quando eles são correferenciais, o que indica um maior grau de gramaticalização, pois há maior tensão sintática entre as orações que formam a sentença.

A análise da correferencialidade dos sujeitos nas orações investigadas tem por objetivo reconhecer se há, entre as formas de *na hora que*, características que as distingam *morfossintaticamente* ou que indiquem diferentes graus de mudança construcional entre elas, evidenciando propriedades que permitam reconhecer um maior grau de gramaticalização entre as orações e, por consequência, um maior grau de mudança linguística nas próprias formas da construção.

Os resultados dispostos na tabela abaixo indicam que as diferentes formas de *na hora que* apresentam frequências de ocorrência similares em construções com sujeitos não correferentes, que são os casos que representam percentuais mais elevados de ocorrência.

Tabela 9: Correferência entre os sujeitos das orações hipotática e nuclear

Correferência	Forma	Na hora que	A hora que	Hora que
Não idênticos		60 / 71,4%	118 / 70,2%	29 / 69%
Idênticos		24 / 28,6%	50 / 29,8%	13 / 31%
TOTAL		84 / 100%	168 / 100%	42 / 100%

Abaixo estão exemplificadas as ocorrências com cada uma das formas em construções com sujeitos não idênticos:

- (100) a luz num vai passá(r)... então não vai queimá(r)... na tela... então vai ficá(r) um... um::... um::... vai ficá(r) um espaço... um espaço como assim?... *na hora que você coloca... uma::... uma tinta em cima... ela vai escorrê(r)... bem por esse espaço* (IBORUNA-AC-053)
- (101) só que nesse intervalo antes dela í(r) buscá(r) ele... um aluno viu o policial... que o policial tava lá e foi contô(u) pra ele que eu/ tinha polícia na escola ele foi e escondeu a arma... [Doc.: hum::] dentro d'uma bolsa... aí *a hora que a diretora foi lá chamá(r) ele... ele saiu só c'o caderno... sem a bolsa* falô(u) que num tinha 4[que num tinha] 4[Doc.: a arma] a bolsa num tinha a bolsa num tinha nada (IBORUNA-AC-078)
- (102) a gente refoga o arroz::... né?... aí coloca o sal::... [Doc.: uhum] né? coloca água pa fervê(r)::... né?... *hora que a água tá quase ferven(d)o a gente coloca no arroz* Doc.: hum 1[que mais?] Inf.: 1[ai/] tampa a pane::la né? (IBORUNA-AC-125)

De acordo com os resultados obtidos para este fator, parece não existir diferenças morfossintáticas entre as formas no que se refere à vinculação entre os sujeitos das orações. Aparentemente há, no entanto, uma leve diminuição da porcentagem de sujeitos não idênticos

e um aumento de sujeitos idênticos na mesma direção em que ocorre a redução fonológica das formas, o que faz com que a forma mais reduzida fonologicamente apresente a menor porcentagem de sujeitos não idênticos (69%) e a maior porcentagem de sujeitos idênticos (31%).

Apesar de a diferença de porcentagem entre as formas não ser muito significativa, esse resultado é mais um indício do maior grau de mudança construcional de *hora que*, no sentido de que, aparentemente, essa forma exibe maior tendência de funcionar na ligação de orações mais integradas morfossintaticamente, e assim mais gramaticalizadas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), do que as outras duas formas, menos reduzidas fonologicamente.

3.3.3 Correlação modo-temporal nas diferentes formas da construção

Com a análise da correlação modo-temporal das formas da construção em estudo, pretende-se identificar características *morfológicas* correspondentes às diferentes formas da construção *na hora que*. Para tanto, a análise dos conectivos é feita, como afirmado anteriormente, com base em Neves, Braga e Dall'Aglio-Hattner (2008), que afirmam serem mais frequentes nas sentenças temporais correlações modo-temporais idênticas entre suas orações.

Nos dados analisados nesta pesquisa, os tempos e modos verbais evidenciam que as formas de *na hora que* compartilham os mesmos tipos de correlação, indicando que não existe diferença entre elas no tocante à possibilidade de correlação modo-temporal das orações envolvidas. Todas as formas da locução, independentemente da perda de itens em sua composição, ocorrem mais frequentemente em sentenças nas quais tanto a temporal quanto a principal exibem os verbos no presente do indicativo, como demonstrado na tabela 10:

Tabela 10: Correlação modo-temporal nas diferentes formas da construção

Modo-Temporal (hip. / nuclear)	Forma	Na hora que	A hora que	Hora que
Presente do Indicativo / Presente do Indicativo		26 / 31%	42 / 25%	16 / 38,1%
Pretérito Perf. Indic. / Pretérito Perf. Indic.		25 / 29,8%	40 / 23,8%	5 / 11,9%
Futuro do Subjuntivo / Presente do Indicativo		7 / 8,3%	37 / 22%	12 / 28,6%
Pretérito Perf. Indic. / Pretérito Imperf. Indic.		15 / 17,9%	19 / 11,3%	2 / 4,8%
Pretérito Imperf. Indic. / Pretérito Imperf. Indic.		3 / 3,6%	15 / 8,9%	3 / 7,1%
Pretérito Imperf. Indic. / Pretérito Perf. Indic.		5 / 6%	10 / 6%	1 / 2,4%
Pretérito Perf. Indic. / Presente do Indicativo		3 / 3,6%	4 / 2,4%	2 / 4,8%
Presente do Indicativo / Pretérito Perf. Indic.		-	1 / 0,6%	-
Pretérito Imperf. Subj. / Pretérito Imperf. Indic.		-	-	1 / 2,4%
TOTAL		84 / 100%	168 / 100%	42 / 100%

No entanto, o que não era possível observar com a análise anterior, orientada para a comparação com *quando*, uma vez que as formas de *na hora que* estavam amalgamadas, é o fato de a alternante mais reduzida *hora que* possuir uma frequência alta na relação *futuro do subjuntivo/presente do indicativo* em relação às outras formas. Um exemplo dessa correlação encontra-se em (103).

- (103) o rapaz tava apavorado porque o dele era a prime(i)ra filha e a minha já era a segunda... e:... e eu falei pra ele... –“*hora que tua mulher passá(r) aqui você vai sabê(r)... daí (te liga) e você vai sabê(r) tudo... se é mulher ou se é homem*”– ele falô(u) (IBORUNA-AC-131)

Diante desses resultados, embora seja baixo o número de ocorrência em algumas células, pode-se considerar que as formas mais completas, *na hora que* e *a hora que*, permitem correlações modo-temporais mais variadas, ao passo que a forma *hora que* parece estar caminhando para uma especialização na marcação de futuro do subjuntivo e se encontra, portanto, em um processo de mudança construcional mais avançado do que suas formas correlatas.

3.3.4 Valor circunstancial da oração introduzida pelas formas de *na hora que*

Considerando-se o pareamento forma-função que constitui as construções, conforme proposto por Croft (2001), passa-se, com a análise deste fator, à caracterização da função da

construção *na hora que*, uma vez que, com a análise do valor circunstancial da oração introduzida pelas diferentes formas em estudo, as propriedades *semânticas* da construção são priorizadas

Nas possíveis leituras que emergem das construções com os conectivos em estudo, a de tempo está sempre presente. Seguindo o que já foi demonstrado por Neves (2000) e também indicado pelos resultados da comparação entre *na hora que* e *quando*, a polissemia presente na construção também se repete em suas formas alternantes, que apresentam, além da leitura apenas temporal, leituras de *tempo-causa* e de *tempo-condição*.

A tabela 11 apresenta o resultado da tabulação das diferentes formas de *na hora que* em relação ao valor circunstancial da oração hipotática com leitura apenas temporal, com leitura temporal-causal ou com leitura temporal-condicional. Como se observa, *tempo*, sem as noções de causa ou de condição, é a leitura mais frequente nas orações com *na hora que*.

Tabela 11: Valor circunstancial da oração introduzida pela construção

Forma	Na hora que	A hora que	Hora que
Valor			
Tempo	77 / 91,7%	148 / 88,1%	30 / 71,4%
Tempo-causa	6 / 7,1%	2 / 1,2%	5 / 11,9%
Tempo-condição	1 / 1,2%	18 / 10,7%	7 / 16,7%
TOTAL	84 / 100%	168 / 100%	42 / 100%

Mesmo com o predomínio da leitura temporal nas ocorrências, observa-se que, seguindo o avanço da redução fonológica das formas, há uma pequena diminuição, conforme a redução das formas, na leitura temporal como única leitura possível às orações, dando margem às duas outras leituras ambíguas: de tempo-causa e de tempo-condição.

Em (104), exemplifica-se a ocorrência de oração com *hora que*, a forma mais reduzida do conectivo, com valor de tempo-condição. A nuance de condição se expressa no sentido de que, para que o evento da oração nuclear (*[ganhar ponto]*) seja concretizado, primeiramente é necessário que a condição na oração hipotática seja preenchida (*[acertar]*).

(104) aí cê tem que acertá(r) a bola lá no nos negócio... [Doc.: uhum] [(hora)] *que acertá(r) cê ganha ponto* (IBORUNA-AC-061)

Conforme apontado anteriormente, as formas se distribuem em um *continuum* de mudança construcional, que vai da alternante mais completa para a mais reduzida: *na hora que* > *a hora que* > *hora que*. Com essa direcionalidade que existe entre elas, é natural que a forma mais reduzida foneticamente e, portanto, em estágio mais avançado de mudança construcional, seja aquela que mais apresenta índices de especialização.

Conforme demonstram, portanto, os resultados apresentados aqui, a forma *hora que* exibe menor frequência de leitura apenas temporal, em relação às outras formas, e maior frequência de leituras ambíguas, ocorrendo em 16,7% dos casos com leitura de tempo-condição e em 11,9% com leitura de tempo-causa. Apesar de o número de ocorrências não ser muito elevado em alguns fatores, as frequências de ocorrência obtidas evidenciam uma tendência de comportamento distinto no uso de *hora que*, em comparação às outras duas formas.

3.3.5 Localização temporal do evento introduzido pelas formas de *na hora que*

A análise da localização temporal do evento que é introduzido pela construção também possibilita que sejam caracterizadas as propriedades semânticas, representativas da parte funcional da construção, das formas de *na hora que*. Do mesmo modo como se procedeu para a comparação entre os conectivos *na hora que* e *quando*, a análise deste fator não leva em conta o tempo verbal efetivamente expresso pelo verbo da oração hipotática, mas apenas o evento da oração hipotática e o tempo efetivamente veiculado por esse evento.

Na tabela 12, a seguir, estão expostos os percentuais relativos ao tipo de localização temporal marcada pelas formas de *na hora que*. Ao contrário dos outros fatores analisados até

o momento, em que os resultados revelam pouca diferença entre as formas, para esse fator, os resultados mostram que a forma *hora que* se comporta de modo diferente em relação à *na hora que* e à *a hora que*. *Hora que* aparece com 40,5% de suas ocorrências concentradas em casos de eventos localizados no presente, enquanto *na hora que* e *a hora que* exibem maior frequência em ocorrências com eventos localizados no passado (61,9% e 53% das ocorrências, respectivamente):

Tabela 12: Localização temporal do evento introduzido pelas formas de *na hora que*

Forma Localização	Na hora que	A hora que	Hora que
Passado	52 / 61,9%	89 / 53%	13 / 31%
Presente	25 / 29,8%	42 / 25%	17 / 40,5%
Futuro	7 / 8,3%	37 / 22%	12 / 28,6%
TOTAL	84 / 100%	168 / 100%	42 / 100%

Abaixo, encontram-se exemplos de ocorrências com cada uma das formas, a partir dos quais se verifica o tipo predominante de localização temporal do evento introduzido por elas, isto é, eventos no passado, em orações com *na hora que* e *a hora que*, e eventos no presente, em orações marcadas por *hora que*.

- (105) Uma MOça chegô(u) perto dela por trás dela e pôs um pano no nariz dela... [Doc.: nossa] daí disse que ela desmaiô(u)... daí ro(u)baram o dinhe(i)ro dela *na hora que ela acordô(u) ela tava lá em ba(i)xo perto do Golfinho lá em ba(i)xo... sozinha sentada na calçada* (IBORUNA-AC-058)
- (106) ah tem o meu sobrinho né?... ((latidos)) veio na porcada da... Bady aí... então ele veio aí... participô(u) da ba/... porcada aí *a hora que ele foi sai(r) pa í(r) embora... os bandido cercaram ele né?...* foi assaltado pegaram o carro dele.. levaram ele num mato aqui perto... amarraram ele [Doc.: hum] de(i)xaram ele amarrado lá e fugiram c'o carro dele né?... depois éh conseguiram desamarrá(r) foi numa casa (IBORUNA-AC-95)
- (107) eu concordo:: tudo bem se ele vem e pega uma cada vez em quan::do tudo bem agora cê... cria o pintinzinho vai crian(d)o vai crian(d)o *hora que ele fica no ponto de botá(r) um ovo p'ocê tê(r) um o::vo o bicho vem e come...* se ocê mata e alguém escuta um tiro aí já óh... (IBORUNA-AC-063)

Em (105), nota-se que o evento [*ela acordô(u)*] refere-se a um acontecimento anterior ao presente, o que é ratificado pelo pretérito perfeito do indicativo do verbo *acordar*. No

exemplo (106), com a forma *a hora que*, mais uma vez a localização temporal do evento é no passado. A oração [*ele foi sai(r) pa í(r) embora*] apresenta um evento que já aconteceu anteriormente, também reforçado pelo pretérito perfeito do indicativo. Por fim, em (107), com a forma *hora que*, a localização temporal é no presente. O evento descrito na oração hipotática [*ele fica no ponto de botá(r) um ovo p'ocê tê(r) um o::vo*] está estabelecido no tempo presente³¹, o que se confirma pelo tempo verbal de *ficar*, no presente do indicativo.

De acordo com os resultados mostrados na tabela 12, a forma *hora que* predomina na introdução de eventos no presente, no entanto possui uma distribuição equilibrada entre o passado (31%) e o futuro (28,6%). Assim, ainda que com menor frequência, a forma mais reduzida exibe a propriedade característica das outras formas, que é, conforme os resultados mostrados nesta seção, a atuação em orações que veiculam eventos situados no passado. A partir desses resultados, considera-se que *hora que* se encontra em um estágio de mudança construcional mais avançado do que as outras formas, mantendo características semelhantes a elas, como a distribuição mais equilibrada entre o passado e o futuro, apesar de ser mais frequente no presente.

3.3.6 Pontualidade dos eventos

A pontualidade do evento introduzido pela construção em estudo também diz respeito a características que se relacionam à *propriedade semântica* e, assim, à caracterização da função no tocante ao pareamento forma/função da construção.

Os resultados da análise desse fator, apresentados na tabela abaixo, mostram que os eventos presentes na sentença com as formas de *na hora que* são majoritariamente pontuais, destacando-se, mais uma vez, a forma *hora que* com índice de 100%:

³¹ Conforme se observa nos exemplos, em grande parte dos dados analisados como casos de localização temporal no presente, a leitura é de habitualidade. Não se consideram, neste trabalho, essas distinções aspectuais, que carecem de análise mais aprofundada do que as que se realizam para os propósitos desta pesquisa.

Tabela 13: Pontualidade do evento introduzido pelas diferentes formas

Pontualidade	Forma	Na hora que	A hora que	Hora que
Não pontual		10 / 11,9%	26 / 15,5%	-
Pontual		74 / 88,1%	142 / 84,5%	42 / 100%
TOTAL		84 / 100%	168 / 100%	42 / 100%

A pontualidade é uma característica presente nas diferentes formas de *na hora que*, ou seja, independentemente do grau de mudança construcional e de redução fonológica, os eventos nas orações encabeçadas pelas formas dessa construção são predominantemente pontuais, conforme se demonstrou na primeira parte da análise dos resultados. A forma *hora que*, no entanto, possivelmente por seu estágio mais avançado na mudança construcional, apresenta todas as suas ocorrências como pontuais. Um exemplo é o dado em (108).

(108) nem nem jogo sal nada corto um monte de pedacinho de tomate... e coloco num prato... pra comê(r) junto com o miojo... daí::... *hora que acaba eu ti::ro...* vô(u) lá:: na pia porque eu gosto de deixá(r) um po(u)quinho de água (IBORUNA-AC-010)

O núcleo da construção (*hora*) tem como parte de seu significado o sentido de pontualidade, relacionada a tempo (cf. chegou *na hora*). Dessa forma, pode-se considerar que o significado de pontualidade seja resquícios da forma original de *na hora que*, um SN modificado por uma oração relativa. Essa permanência de significados da forma original em uma forma inovadora, como já se apontou anteriormente, está de acordo com o que prevê o Princípio da Persistência (HOPPER, 1991), segundo o qual, em processos de mudança gramatical, aspectos da forma fonte podem permanecer na forma alvo.

3.3.7 Tipo de texto em que as alternantes ocorrem

Com a análise do tipo de texto em que as formas ocorrem, será possível observar as *propriedades discursivo-funcionais* da construção, relacionadas ao contexto de uso das

formas por parte dos falantes.

Em relação ao tipo de texto em que aparecem, algumas diferenças surgem entre a forma mais reduzida, *hora que*, e as outras formas. Com 40,5%, *hora que* predomina nos relatos de procedimento, enquanto *na hora que* e *a hora que* são mais frequentes nas narrativas de experiência, com 35,7% e 29,8% respectivamente, conforme valores demonstrados na tabela a seguir:

Tabela 14: Tipo de texto em que as diferentes formas da construção ocorrem

Tipo de texto	Forma	Na hora que	A hora que	Hora que
Narrativa de Experiência		30 / 35,7%	50 / 29,8%	9 / 21,4%
Relato de Procedimento		21 / 25%	47 / 28%	17 / 40,5%
Narrativa Recontada		13 / 15,5%	31 / 18,5%	5 / 11,9%
Relato de Opinião		14 / 16,7%	17 / 10,1%	3 / 7,1%
Descrição de Local		6 / 7,1%	16 / 9,5%	7 / 16,7%
Interação Livre		-	7 / 4,2%	1 / 2,4%
TOTAL		84 / 100%	168 / 100%	42 / 100%

Abaixo, estão dispostos exemplos em que a locução conjuntiva *na hora que* é utilizada em uma narrativa de experiência, tipo textual em que aparece com maior frequência:

- (109) aí ela veio/ ela num tinha almoçado ainda... ela falô(u) assim – “óh pra falá(r) a verdade eu tava com fome mas eu até perdi a fome de raiva desse bendito desse gato” – aí nós chegamo(s) aqui né?... e eu tinha aberto o vitrô... e *na hora que eu cheguei tava tudo fechado*... e eu antes de í(r) pra minha avó eu abri... pra que ela ⁶[Doc.: uhum ((concordando))] ⁶[num percebesse] nada... ela falô(u) – “não mas eu fechei” – eu falei – “não o M. abriu... né?” (IBORUNA-AC-086 – narrativa de experiência)

Nesse exemplo, o evento [*tava tudo fechado*] só se realiza efetivamente após ser situado no tempo como posterior ao evento introduzido pelo conectivo temporal [*na hora que eu cheguei*]. A oração hipotática, então, situa temporalmente o momento em que determinado evento ocorreu. Função semelhante é a que desempenha a forma *a hora que*, pouco mais reduzida, que, na ocorrência em (110) a seguir, apresenta o evento [*eles tentaram me pegá(r) no meio do corredor*] como posterior à realização da oração temporal introduzida pela construção [*a hora que eu saí*]:

- (110) so(u)beram que ela tinha morrido... aí eles que::ria pegá(r) eu... que eu:: era culpado eles queriam culpá(r) alguém ⁴[Doc.: uhum ((concordando))] ⁴[então] culparam eu e a médica... que távamo(s) de plantão naquele ins/ naquele momento... aí *a hora que eu saí eles tentaram me pegá(r) no meio do corredor* mas aí tinha um o(u)tro primo deles lá me salvô(u)... e ficô(u) tudo bem (IBORUNA-AC-105 – narrativa de experiência)

Apesar de *hora que* não ocorrer com maior frequência em narrativas, o segundo tipo de texto em que mais aparecem ocorrências com essa forma é a narrativa de experiência, com índice de 21,4%. Há uma diferença significativa entre o tipo de texto mais frequente (relato de procedimento) e o segundo tipo de texto mais frequente (narrativa de experiência), chegando a um índice de quase 20% de diferença, ainda que, em termos absolutos, o número de ocorrências não seja elevado.

Esses resultados novamente permitem considerar que *hora que* se encontra em um estágio mais avançado da mudança construcional, exibindo uma função específica, ao atuar, principalmente, em relatos de procedimento. Os relatos de procedimento, por serem um tipo de texto em que são descritos os procedimentos necessários para se fazer algo, são textos com caráter mais pontual dada a necessidade de que cada evento seja compreendido como ponto de referência para a sequência do próximo evento, da próxima ação adotada no procedimento, conforme se verifica no contexto da ocorrência abaixo.

- (111) mas o que eu mais coloco mesmo é:: as:: raspas de chocolate... fica um (prato) assim muito gostoso é um prato que todo mundo aqui da minha casa gosta Doc.: precisa í(r) na gelade(i)ra ou ¹[nã/]? Inf.: ¹[ah] sim... aí *hora que você termina de fazê(r) você coloca ele na gelade(i)ra pra gelá(r)*... aí durante umas horas você já pode:: comê(r) ele saboreá(r) que vai tá muito gostoso [Doc.: tudo bem] eu gosto bastante (IBORUNA-AC-092 – relato de procedimento)

Essa característica, somada ao resultado do fator anterior, em que *hora que* aparece com 100% de suas ocorrências com eventos pontuais, ratifica a especialização de significados dessa forma da construção.

É importante destacar, por fim, a respeito desses resultados, que as ocorrências de *hora que* nos relatos de procedimento, apesar de ser um número baixo, dado o total de casos

encontrados no banco de dados, aparecem em várias entrevistas, mostrando que este resultado não foi enviesado por um uso possivelmente restrito a um único falante.

3.3.8 Síntese dos resultados

Na análise dos dados apresentada nesta parte, a comparação entre as formas de *na hora que* priorizou a investigação de semelhanças e diferenças entre elas. Conforme foi observado, *na hora que*, *a hora que* e *hora que* apresentam semelhanças quanto à ocorrência predominante com os seguintes fatores: i) anteposição da oração hipotática em relação à oração principal; ii) atuação em construções com sujeitos não idênticos; iii) mesma correlação modo-temporal entre as duas orações combinadas; iv) indicação de valor circunstancial somente temporal; e v) introdução de eventos pontuais.

Apesar dessas semelhanças, *hora que*, que é a forma mais reduzida fonologicamente, apresenta algumas diferenças em relação às outras duas formas, que levam a considerar que a forma possivelmente se encontre em um estágio mais avançado de mudança construcional. Os fatores em que *hora que* se mostra diferente das outras formas são: i) localização temporal no presente, enquanto as outras formas veiculam predominantemente eventos relativos ao passado; e ii) predomínio em relatos de procedimento, enquanto *na hora que* e *a hora que* predominam em narrativas de experiência. Esses fatores que demonstram divergência de resultado entre as formas podem ser entendidos como desencadeadores das mudanças construcionais que envolveram a construcionalização de *na hora que*, o que somente seria possível atestar seguramente por meio de um estudo diacrônico, com a análise história dessa construção no português.

Mesmo que se revelem poucas as diferenças entre as formas, é importante destacar que elas aparecem não só em relação a propriedades semânticas, mas também em relação a

propriedades pragmático-discursivas, isto é, propriedades mais diretamente relacionadas ao uso que os falantes fazem das construções, correlacionando-se, assim, às duas faces (forma e função) da construção em estudo.

As análises realizadas e os resultados obtidos com esta pesquisa permitem propor uma hierarquia construcional de *na hora que*, com base nos níveis hierárquicos propostos por Traugott e Trousdale (2013) para a abordagem da construcionalização. No quadro abaixo, são indicadas outras formas que possivelmente farão parte desta mesma família de construção, possibilidade que, para ser confirmada, porém, exigiria a realização de uma pesquisa diferente desta. Essas formas, que aparecem apenas a partir do nível da mesoconstrução, são indicadas em itálico no quadro.

Nível	Construção
Macroconstrução	[N _{circunstancial} que]
Mesoconstrução	[(prep) (art) N _{temporal} (prep) que] <i>([(prep) (art) N_{proporcional} (prep) que], [(prep) (art) N_{causal} (prep) que...])</i>
Microconstrução	[(n)a hora (em) que] <i>([(n)o dia (em) que], [(n)a medida (em) que], [(por) causa que]...)</i>
Constructo	na hora em que, na hora que, a hora que, hora que <i>(no dia em que, no dia que, o dia que, dia que; na medida em que, na medida que, a medida que, medida que, por causa que, causa que...)</i>

Quadro 4: Níveis hierárquicos da construção *na hora que*

No quadro acima, a macroconstrução não possui a indicação temporal, pois é uma representação simbólica abstrata. No entanto, no nível da mesoconstrução, em que ainda há uma representação simbólica, a indicação temporal já aparece ao lado do nome, demonstrando tratar-se de uma construção que, nos próximos níveis, exhibirá *types* temporais. Como explicado acima, outras formas da construção aparecem no nível da mesoconstrução, com

sentido específico, por exemplo, de proporcionalidade e de causalidade. É possível que essas mesoconstruções estejam ligadas à mesma macroconstrução de *na hora que*. Relacionadas à construção específica temporal, no nível da microconstrução, podem estar, além de *na hora que*, formas ligadas a *no dia que*, enquanto *na medida que* se relaciona à mesoconstrução com sentido de proporcionalidade e *(por) causa que* se relaciona à de causalidade. No nível do constructo, aparecem as realizações da construção [*N_{circunstancial} que*], suas ocorrências reais, ou *tokens*, nos termos de Bybee (2003).

Como foi possível observar, as características da construção evidenciadas no decorrer das análises comprovam que *na hora que* é fruto de construcionalização, ou seja, conforme se pode evidenciar pelas análises realizadas, a mudança construcional que ocorre em seus itens faz com que *na hora que* se torne cada vez menos composicional e cada vez mais uma construção, formada pelo esquema abstrato mais geral [*N_{circunstancial} que*]. Essa macroconstrução, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), pode servir de modelo para a criação de novas construções, que se conectarão a ela, formando uma rede de herança, no sentido de Goldberg (1995), isto é, um conjunto organizado por meio de generalizações, no qual outras construções se relacionam por compartilharem propriedades similares ou exceções, formando uma rede construcional.

Ainda a partir da análise feita nesta subseção, foram observados alguns resultados sobre a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade das formas de *na hora que*. A forma mais reduzida fonologicamente, *hora que*, demonstrou ser mais esquemática e, portanto, apresentou menor composicionalidade quando comparada às outras duas formas (*na hora que* e *a hora que*). No entanto, no que diz respeito à sua produtividade, tanto *na hora que* quanto *a hora que* foram mais produtivas do que a forma mais reduzida.

Com base em Bybee (2003) e Traugott e Trousdale (2013), pode-se considerar que, talvez por se encontrar em um estágio ainda inicial, as formas da construção *na hora que*

tenham apresentado um baixo nível de produtividade. Particularmente em relação a *hora que*, a forma possivelmente tenha apresentado um nível ainda mais baixo de produtividade em razão seu grau de construcionalização mais avançado, porém ainda como forma bastante inovadora, em estágio incipiente de mudança, em comparação às outras formas.

Desse modo, é possível depreender desse comportamento que a correlação entre a esquematicidade e a composicionalidade das formas, por um lado, e a produtividade, por outro, dependem não só do grau de construcionalização em que se encontra a forma, mas também de seu estágio de mudança no sistema linguístico, em relação a outras formas semelhantes, razão pela qual nem sempre a forma com alto grau de construcionalização (esquematicidade alta e composicionalidade baixa) será necessariamente a forma a mais produtiva, em um recorte sincrônico da língua que se toma para análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, as análises realizadas evidenciaram que a construção *na hora que* apresenta características que a possibilitam ser enquadrada no sistema gramatical do português como uma locução conjuntiva temporal, com um baixo grau de composicionalidade entre seus itens. Além disso, dentre as diferentes formas de realização da construção, a forma *hora que* foi a que apresentou um maior grau de especialização comparada com as outras formas da construção (*na hora que* e *a hora que*), o que indica que a forma mais reduzida se encontra em estágio mais avançado de mudança construcional.

Retomando os resultados alcançados com as análises, a comparação entre a construção *na hora que* e a conjunção *quando* possibilitou que se reconhecessem características dos conectivos temporais na locução conjuntiva *na hora que*. O reconhecimento dessas características confirmou o estatuto de locução conjuntiva, comprovado também, neste trabalho, pela menor composicionalidade presente em *na hora que*. De modo resumido, as características da locução conjuntiva e de *quando* obtidas com as análises realizadas são as dispostas no quadro a seguir:

Fatores	Na hora que	Quando
Posição da oração	Anteposta	Anteposta
Correferência entre sujeitos	Não idênticos	Não idênticos
Correlação modo-temporal	Pres. Ind./Pres. Ind.	Pres. Ind./Pres. Ind.
Valor circunstancial	Tempo	Tempo
Localização temporal	Passado	Passado
Pontualidade do evento	Pontual	Pontual
Tipo de texto	Narrativa de experiência	Narrativa de experiência

Quadro 5: Comparação entre a locução conjuntiva *na hora que* e a conjunção *quando*

Como se observa pelo quadro, não há diferenças no que se refere às propriedades gerais que fazem partes de ambas as construções. Todavia, as análises revelaram que, mesmo com características similares, *na hora que* se destacou em alguns fatores, apresentando alguns índices percentuais que indicam uma especialização da construção. No fator *correlação*

modo-temporal, por exemplo, 19% das ocorrências de *na hora que* apareceram no *futuro do subjuntivo/presente do indicativo*, enquanto apenas 5,8% das ocorrências de *quando* exibiram essa correlação. No mesmo sentido, *na hora que* teve 29,2% de suas ocorrências concentradas em relatos de procedimento, no fator *tipo de texto*, e *quando* exibiu apenas 18,5% das ocorrências nesse tipo de texto. Esses resultados indicam que, mesmo que a construção *na hora que* esteja no sistema gramatical da língua portuguesa como uma locução conjuntiva temporal, ela possui diferenças comparadas a outros conectivos temporais, como *quando*, ao se apresentar mais propensa a contextos com a presença de futuro do subjuntivo e em relatos de procedimento.

Em relação à segunda parte da análise, que comparou as formas alternantes de *na hora que* (*na hora que*, *a hora que* e *hora que*), os resultados indicaram que a forma mais reduzida fonologicamente, *hora que*, está em um processo de mudança construcional mais avançado quando comparada às outras formas da construção.

No quadro abaixo, verifica-se o resultado das análises feitas nesse sentido ao longo deste trabalho, realçando-se os fatores com os quais as formas obtiveram resultados semelhantes e distintivos:

Fatores	Na hora que	A hora que	Hora que
Posição da oração	Anteposta	Anteposta	Anteposta
Corref. entre sujeitos	Não idênticos	Não idênticos	Não idênticos
Correl. modo-temporal	Pres. Ind./Pres. Ind.	Pres. Ind./Pres. Ind.	Pres. Ind./Pres. Ind.
Valor circunstancial	Tempo	Tempo	Tempo
Localização temporal	Passado	Passado	Presente
Pontualidade do evento	Pontual	Pontual	Pontual
Tipo de texto	Nar. de experiência	Nar. de experiência	Rel. de procedimento

Quadro 6: Comparação entre as formas de *na hora que*

Conforme se observa, com os fatores *localização temporal* e *tipo de texto* da forma os resultados para *hora que* se distinguem dos que se obtêm para as demais formas da locução. Essas são as propriedades que, conforme se propõe neste trabalho, indicam que *hora que*, a

forma mais reduzida da construção e a que exibe maior grau de construcionalização, tem se especializado em relação às duas outras formas.

Em relação à distinção de tipos de contextos proposta por Diewald (2002, 2006), com as análises apresentadas na seção 3.1, foi possível observar que *na hora que* encontra-se em *contexto de isolamento* em relação à sequência de palavras *hora que* não temporal, por apresentar um novo significado que não se mistura com o seu significado antigo. No entanto, ao aplicar os tipos de contextos às diferentes formas de *na hora que* aqui analisadas, é possível que haja uma diferença na análise. Como *hora que* demonstrou estar em um nível de especialização mais avançado do que *na hora que* e *a hora que*, é possível que *hora que* esteja no contexto de isolamento, com um grau de gramaticalização maior, enquanto as outras duas formas da construção estejam no contexto crítico, caminhando para o terceiro contexto.

No contexto crítico, de acordo com Diewald (2002), a construção apresenta ambiguidade semântica e estrutural, o que faz com que o significado expresso pela construção seja repleto de opacidade múltipla. *Na hora que* e *a hora que* estariam no contexto crítico por compartilharem características semelhantes, ou seja, não há uma nítida distinção entre os significados das duas formas como há com *hora que*, razão pela qual *hora que* já se encontraria em um contexto a frente, no contexto de isolamento. Neste terceiro estágio apresentado pela autora, a construção passa a ter um significado distinto, como é o caso de *hora que* que apresentou diferenças na análise dos fatores e tem um uso mais vinculado ao presente e à localização de eventos em textos do tipo *relato de procedimento*.

Com base na pesquisa aqui desenvolvida, propõe-se, neste ponto, o seguinte pareamento de forma-função para a mesoconstrução *na hora que*, isto é, a relação das propriedades formais e funcionais que compõem as duas faces dessa construção, de acordo com a estrutura de construção proposta por Croft (2001):

FORMA	Propriedade Morfológica	Ocorrência em sentenças com sujeitos não idênticos; Correlação modo-temporal no presente do indicativo nas orações da sentença;
	Propriedade Sintática	Introdução de orações hipotáticas antepostas;
FUNÇÃO	Propriedade Semântica	Valor circunstancial temporal; Localização temporal majoritariamente no passado; Eventos da oração hipotática pontuais;
	Propriedade Pragmático-discursiva	Ocorrência majoritariamente em textos do tipo narrativa de experiência.

Quadro 7: Pareamento de forma-função de *na hora que*

O quadro 7 resume todas as propriedades constitutivas da construção *na hora que*, generalizando as características levantadas na análise dos dados. Como o foco é o pareamento da construção, no quadro 7 não são evidenciadas as características distintivas entre as formas, como ocorre em alguns resultados apresentados por *hora que*. Essas características são evidenciadas no nível das microconstruções, onde são analisados os diferentes *types* da construção. O pareamento forma-função apresentado no quadro 7 revela propriedades da construção abstrata mais específica, a mesoconstrução $[(prep) (art) N_{temporal} (prep) que]$, por se tratar de uma forma abstrata que engloba todas as formas de *na hora que*.

Em relação à forma da construção, a propriedade morfológica evidencia a não correferência entre os sujeitos, mostrando que *na hora que* tende a ocorrer em orações com sujeitos não idênticos. Além disso, também há particularidade de funcionamento em relação à temporalidade expressa pelos verbos das orações hipotática e nuclear, que tendem a ser os mesmos nas duas orações, ocorrendo principalmente no *presente do indicativo*. Quanto à propriedade sintática, a análise feita com a construção *na hora que* demonstrou que sua característica principal é introduzir oração hipotáticas antepostas à oração nuclear, seguindo a ordem de acontecimento dos eventos, conforme prevê o princípio da iconicidade (Haiman, 1980; Neves, 1997).

No que diz respeito à função, a partir da propriedade semântica de *na hora que*, depreende-se que o valor circunstancial da construção ocorre majoritariamente com leituras que estabelecem relações somente temporais entre as orações. Além disso, quanto ao evento introduzido pela oração hipotática, a construção marca eventos que se situam mais frequentemente no passado e que são pontuais. Por fim, por meio das análises da propriedade pragmático-discursiva, constatou-se que a construção *na hora que* ocorre com elevada frequência em textos do tipo narrativas de experiência, servindo à função de se situar um evento após o outro, necessária para que a sequência dos acontecimentos torne a narração coerente.

Sobre a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade das formas de *na hora que*, constatou-se que *hora que* é a forma mais esquemática e menos composicional, no entanto é a forma menos produtiva comparada às outras formas da construção. Esse resultado indica, portanto, que o grau de construcionalização da forma mais reduzida fonologicamente é mais avançado do que *na hora que* e *a hora que*, porém o estágio de mudança de *hora que* é mais incipiente do que o das formas mais completas.

Os resultados obtidos com esta pesquisa revelaram que a construção *na hora que* está, de fato, passando por um processo de mudança construcional, o que foi constatado em uma perspectiva sincrônica. Com esta constatação, foi possível propor os níveis hierárquicos que compõem a estrutura construcional de *na hora que*, isto é, seus níveis enquanto macro, meso e microconstrução.

Por meio da hierarquia proposta e com uma nova pesquisa em perspectiva diacrônica, é possível que sejam confirmados se os resultados alcançados até este momento em termos de mudança construcional de *na hora que*, representada pela macroconstrução [*N_{circunstancial que}*], correspondem à história dessa locução em português. Nesta nova pesquisa, seria possível verificar, inclusive, se outras construções se relacionam historicamente à macroconstrução,

formando uma rede construcional, conforme propõem os estudos recentes sobre a gramática de construções e sobre processos de construcionalização.

REFERÊNCIAS

BRAGA, M. L. As Orações de Tempo no Discurso Oral. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (UNICAMP), vol. 28, Campinas, 1995. p. 85-97.

_____. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 443-459.

_____. As orações de tempo sob uma perspectiva funcionalista. In: RODRIGUES, A. C. S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. (Org.). *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, 1999a, p. 97-108.

_____. Os Enunciados de Tempo no Português de Contato. *Letras de Hoje* (PUC-RS), v. 3, p. 7-18, 2001a.

_____. Processos de combinação de orações: enfoques Funcionalistas e Gramaticalização. *Scripta* (PUC-MG), v. 5, n. 9. Belo Horizonte, 2001b. p. 23-34.

_____; PAIVA, M. C.; PEREIRA, M. H. Gramaticalização das construções (PREP) + (DET) + N + (PREP) + QUE. In: VITRAL, L.; COELHO, S. *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 173-200.

BYBEE, J. Mecanismos de mudanças em gramaticalização: o papel da frequência. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.) *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

_____. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 463-508.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. In: D. SCHÖNEFELD (Ed) *Constructions*. Special Volume 1: Constructions all over – case studies and theoretical implications [www.constructions-online.de], 2006.

_____. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 103-120, 2002.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. Mental Spaces. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 351-376.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. *Language*. v. 56, n. 3. 1980, p. 515-540.

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

_____; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v.1. p.17-35.

_____; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. ; WALETZKY, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: U. of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LACERDA, P. F. A. C. *Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições*. In: OLIVEIRA, M. R. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina / Faperj, 2015. p. 51-62.

LEHMANN, C. Grammaticalization: variation synchronic and diachronic change. *Lingua e Stile*, v. 20, n. 3, 1985, p. 303-318.

_____. *Thoughts on grammaticalization*. 2nd. revised edition. Erfurt: University of Erfurt, 2002. Disponível em: <http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/ASSidUe/ASSidUe09.pdf>. Acesso em: 25 de setembro de 2006.

LIMA-HERNANDES, M. C. Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no português do Brasil. 1998. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. Orações adverbiais temporais conectivas no português popular de São Paulo. In: GARTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERG, A. (Org.). *Estudos de sociolinguística portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 74-75.

_____. Estágios de gramaticalização da noção de tempo – processos de combinação de orações. *Veredas*. v. 8. n. 1 e 2. 2004, p. 183-194.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MEILLET, A. Le renouvellement des conjonctions. In: MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Champion, 1948a, p.159-174.

_____. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Champion, 1948b, p.130-148.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

_____; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R. e NEVES, M. H. M.(Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil* (vol. II: Classes de palavras e processos de construção). Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. p. 937-1020.

NEWMAYER, Frederick J. Descontacting grammaticalization. In: _____. *Language form and language function*. 2.ed. Massachussets: MIT Press, 2000.

NUYTS, J. Cognitive Linguistics and Functional Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 543-565.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: _____; ROSARIO, I. C. (Orgs). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 22-35.

_____. de. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-152.

_____. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*. v. 42, n. 1, 2013, p. 148-162.

PEREIRA, M. H.; BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. Gramaticalização das construções (Prep) + (Det) + N + (Prep) + que. In: VITRAL, L.; COELHO, S. *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 173-200.

ROSARIO, I. C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*. v. 60, n. 2, 2016, p. 233-259.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, E.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto/Department of Linguistics, 2005.

SILVA, A. S. Gramaticalização, reanálise e subjectificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDES, M. C. (orgs.). *História do Português Paulista*. Série Estudos vol. III. Campinas-São Paulo: UNICAMP/Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem, 2012. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/290789590>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SOUSA, G. C.; RENCK, N. A locução conjuntiva temporal ((n)a) hora que: aspectos inovadores e renovadores. *Guavira Letras*. v. 13, n. 1, 2011, 138-150.

SOUSA, G. C. *Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007.

SOUZA, M. S. C. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 1996.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese de Doutorado em Estudos de Linguagem. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*. To appear in: SMIRNOVA, E.; BARÐDAL, J.; GILDEA, S.; SOMMERER, L. (ed.). *Historical Construction Grammar*. 2012. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/150342997/Traugott-2012>. Acesso em: 25 mar. 2013.

_____; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspect verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5ª ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Impresso, 1995.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. A língua como um sistema diferenciado. In: _____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. M. Bagno; rev. C.A. Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.